



**SINOS**

 **contraste**

SINOS



*Helena Kolody*

*Wira Selanski*

# SINOS

ANTOLOGIA DA POESIA UCRANIANA

Rio de Janeiro – Lisboa, 2009

 **contraste**



Capa: WW

Diagramação: Luiz Claudio Ernandes Jr.

---

Ficha Catalográfica

1ª ed. Selanski, Wira Wowk - SINOS

Rio de Janeiro: Contraste Editora, 2009

384 p. 14x21cm

1.Poesia 2.Autor 3.Título

ISBN: 978-85-61473-13-6

Impresso no Brasil - 2009

© Todas os direitos reservados ao autor

---

## PREFÁCIO

A Antologia da Poesia Ucraniana “SINOS” é, de certo modo, uma novidade nas traduções em português da poesia estrangeira, ao contrário das traduções em francês da literatura ucraniana desde o século XI até o século XX, que a muito fizeram parte do patrimônio de literatura europeia.

A Antologia começa com traduções do folclore ucraniano, raízes que se perdem no tempo anterior ao sermão sobre a Lei e a Graça, Elogio ao Kahan Volodymyr, escrito em 1051 pelo Ilarion, que foi nomeado Metropolita de Kyiv pelo Príncipe Yaroslav – o Sábio.

Às epopéias medievais europeias faz eco a epopéia heróica ucraniana do século XIII “Canto sobre a Campanha de Ighor”. A verdadeira jóia desta epopéia é o lamento lírico da Yaroslavna, mulher do Príncipe ruteno Ighor Sviatoslavovytsch. É exactamente a este povo ruteno que se refere Luís de Camões no Canto Terceiro de “Os Luziadas”.

Além do coração e alma do povo ucraniano, esta Antologia desvela ao leitor a história da Ucrânia. A literatura milenar viveu etapas condicionadas pelos paradigmas políticos, sócias e religiosos, entrelaçando-se com a história do povo com forte identidade, língua, cultura e tradições europeias. Muitos dos poetas do Renascimento Nacional (século IX) e do período contemporâneo (século XX) foram obrigados a escolher o serviço à arte ou a luta sociopolítica pela Ucrânia Soberana e Independente.

A Antologia é um óptimo presente para comemorar, em 2011, o 120º aniversário da chegada e instalação da mais numerosa e culturalmente forte comunidade ucraniana-lusófona no mundo, a do Brasil.

Esta colectânea é fruto do sonho e do trabalho de duas poetisas renomadas e respeitadas, integrantes desta mesma comunidade da qual temos muito orgulho. Refiro-me a nossa saudosa Helana Kolody e a Wira Selanski. Pois com escreveu Fernando Pessoa, “Desus quer, o homem sonha, a obra nasce”.

Este livro é mais uma ponte entre a Ucrânia e o mundo lusófono, reforçando inúmeros laços humanos que a muito tempo unem o meu país com países da África, Brasil e Portugal.

A parte mais encantadora desses laços humanos sempre foi, é e sempre será a Poesia. Agora, graças a Deus, a Poesia Ucrâniana é uma realidade também em português.

**Rostyslav Tronenko**

Embaixador da Ucrânia em Portugal

## INTRODUÇÃO

A poesia ucraniana provém da era pré-cristã, dos cantos rituais de oferendas, súplicas, casamentos, nascimentos, lamentações fúnebres e festas dedicadas a várias divindades. Resíduos destas encontramos ainda hoje em cânticos de Natal (kolady), de Epifania (chtchedriwky) e de Páscoa (vesnianky, ghaghilky), ligados a costumes antigos, jogos e danças, que misteriosamente sobreviveram aos tempos medievais, quando a terra, então chamada de rutena, foi campo de contínuas invasões de cumanos e tártaros.

Deste tempo data a epopéia CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IGHOR.

Sobre o período posterior e os feitos gloriosos de cossacos, em luta contra turcos, poloneses e a resistência aos moscovitas, falam dумы, cantos épicos, e baladas históricas dos tocadores ambulantes de lira e cobza, o instrumento nacional.

A partir do ano de 1654, a Ucrânia é anexada ao Império Russo, o que culturalmente foi um desastre. A população rural, antes florescente e letrada, foi reduzida à condição de escravos e ao analfabetismo.

Os poetas eruditos dos séculos XVI até XVIII, valendo-se de línguas estrangeiras (antigo búlgaro, grego, latim, polonês, russo), cultivam epigramas, elegias, odes, panegíricos, misturando-os com a língua e a sabedoria do povo, no meio do qual floresce a poesia anônima, freqüentemente adaptada ao canto, que elogia os feitos do exército nacional cossaco e seus chefes, os ghet'mans.

Durante a gestão do ghet'man Iván Mazepa (1687-1709) houve uma considerável melhoria da situação sociocultural na Ucrânia. Mazepa pretendia liberar o país do jugo moscovita, sendo seus planos frustrados na decisiva batalha em Poltava contra Pedro I da Rússia.

A situação política agrava-se com o governo de Catarina II, que mandou destruir a sede dos cossacos, numa ilha do rio Dnipro, em 1775. Segue o tempo de condenações a trabalhos forçados, desumanas explorações, deportações e penas capitais.

Em 1863, o ministro do interior do Império, P. Valuyev, por um decreto, proíbe a publicação de literatura religiosa e didática em língua ucraniana, sendo este reforçado ainda pelo decreto de Ems (1876), emitido pelo czar Alexandre II, que interdita a publicação de quaisquer textos em língua ucraniana, como também sua importação do estrangeiro. Com isso, o processo literário normal de um povo é cortado pela raiz. O que sobrevive é o canto popular.

Nos fins do século XVIII e no começo do século XIX, as idéias do Romantismo espalham-se pela Ucrânia. O primeiro passo foi dado com a edição de materiais etnográficos ucranianos, publicados em Petersburgo pelo primeiro reitor da Universidade de Kyiw, M. Maksymovytch. De repente, aparece evidente a grandeza do tesouro nacional na sua unicidade e independência. Esta tomada de consciência reflete-se em vários pontos do país. Ouvem-se porta-vozes dos patriotas em Kharkiw, na Galícia, na Bucovina, mas principalmente em Kyiw, sendo seu representante-mor Tarás Chwtchenko, o bardo nacional, em cujos cantos e baladas, que combinam grupos de versos variados, no meio dos quadros de extrema penúria, surgem a beleza da Ucrânia e seu glorioso passado.

A literatura do Realismo frisa ainda mais, e de maneira mais crua, a injustiça político-social, a miséria e o sofrimento do povo. A figura central desta época é Iván Frankó, que participou de vários movimentos literários e fez culminar sua vasta produção em grandiosos poemas, IVÁN VYCHENSKY e MOISÉS.

No meio dos impressionistas, destaca-se uma grande personalidade feminina, considerada, depois de Chewtchenko e Frankó, o terceiro maior poeta da Ucrânia e seu maior dramaturgo: Léssia Ukraïka. A seus temas, hauridos da história universal e de culturas orientais, ela empresta conteúdo nacional. Seu gênero predileto é o poema dramático, de timbre viril.

O Estado Ucrainiano nacional, que surgiu sob a chefia de Symon Petlura, teve duração breve (1918-1919). A Revolução Comunista era a esperança de muitos.

No princípio dos anos 1920, mas principalmente durante a gestão de Mykola Skrypnyk (1927-1933), houve um período curto de “ucrainização”, com o desabrochar da cultura nacional, que não estava, no entanto, nos planos do Kremlin. Logo foram dissolvidas, uma após outra, organizações e instituições culturais, entre elas a Associação dos Escritores Soviéticos, GHART, a Academia da Literatura Proletária, VAPLITE, o teatro BEREZIL e outras. Foram deportados ao exílio ou fuzilados 223 escritores e poetas (praticamente a geração inteira), e na terrível fome, organizada propositalmente, morreram cerca de sete milhões de camponeses ucranianos. Skrypnyk e o líder literário daquela período, Mykola Khvylovy, acabaram se suicidando.

Calando os restantes três maiores poetas ucranianos – Pawló Tytchyna, Maksym Rylsky e Mykola Baján –, o Comunismo parecia finalmente implantar no país seu “paraíso terrestre”, produzindo seus adeptos obras incolores do Realismo Social.

Contudo, a poesia ucraniana não morreu.

Já existiam no Oeste núcleos de intelectuais-emigrantes, que a cultivavam, procurando rumos novos: em Praga, em Paris, em Munique, em Varsóvia... Organiza-se o Movimento Artístico Ucrainiano, MUR, que abrange a maioria dos escritores exilados.

Após a Segunda Guerra Mundial, as chances de sobrevivência dos fugitivos na Europa eram poucas; começou uma onda de emigração para o Mundo Novo, que oferecia melhores perspectivas. Nos Estados Unidos da América do Norte e no Canadá organiza-se a Associação dos Escritores Ucranianos, SLOVO, a que pertencem, praticamente, todos os poetas emigrantes das duas Américas e da Austrália.

Nos anos 1950, um pequeno GRUPO DE NOVA YORK inicia um intenso trabalho de pesquisa, crítica literária e publicações.

Nos anos 1960, um outro grupo de jovens poetas, na Ucrânia, rompe com as exigências do Governo Soviético. V. Symonenko, L. Kostenko, I. Dratch,

depois V. Stus, I. Kalynéts e outros abrem caminhos novos para a arte poética. Foi este grupo, em grande parte, com seu espírito não-conformista, que acabou tornando-se porta-voz da liberdade.

Com o surgimento da Independência, em 1993, a Ucrânia revive, no meio de todos os problemas e confusões do Estado novo, um renovado ímpeto cultural. Entre os gêneros literários, é novamente a poesia que mais floresce.

Para a organizadora desta Antologia, que vive no Brasil, foi difícil fazer uma seleta justa. Além das dificuldades de fontes, existe ainda dificuldade de comunicação com a Ucrânia, nem sempre adaptada ao ritmo ocidental. Embora a proporção de valores estéticos possa ser desequilibrada, conta com a benevolência e compreensão dos leitores.

A poesia mais antiga, neste livro, foi traduzida, em parte, junto com a poetisa paranaense de origem ucraniana, Helena Kolody, falecida em 2004, a quem presto aqui homenagem. Mais espaço foi cedido à poesia nova.

Agradeço ao Sr. Embaixador da Ucrânia em Lisboa, Ruslán Tronenko, e ao poeta Dmytró Pawlytchko a iniciativa e o apoio para este trabalho.

***Wira Selanski***

Observação: Os nomes ucranianos, nesta Antologia, foram adaptados à grafia portuguesa, sendo que o “gh” pronuncia-se como “h” aspirado, e o “y”, depois de uma consoante, como um som intermediário entre o “e” e o “i”, enquanto o apóstrofo torna a consoante antecedente mais suave.



## LITERATURA FOLCLÓRICA

A literatura folclórica ucraniana é mais antiga do que a literatura escrita. Entre todas as criações populares eslavas, ela é a mais rica temática- e formalmente. Suas raízes descem aos tempos pagãos, cujas festas foram assimiladas mais tarde pelo Cristianismo. Nela se reflete a história do povo ucraniano: seus tempos luminosos da era dos príncipes medievais; os tempos de ruína durante as invasões das tribos asiáticas; os tempos de opressão do povo pelos senhores feudais; os gloriosos cossacos com suas guerras contra os turcos, os poloneses e os moscovitas; a destruição da Sitch Zaporoga; o levante dos ghaydamaky contra a imposição da supremacia polonesa; as famosas façanhas dos heróis nacionais. O canto folclórico registra as mais sensíveis mudanças na vida político-social da Ucrânia; cantos de Natal, de Epifania, de Páscoa, de Primavera, de São João, de Colheita enfeitam as principais festas litúrgicas pagãs e cristãs; cantos de amor, de casamento, acalantos, danças, lamentos acompanham a vida e a morte do povo. No conto de fadas continua a florescer a fantasia dos mitos antigos. No ano de 1988 foram publicados no Rio de Janeiro em português, *CANCIONEIRO DE NATAL*, e no ano de 1989 *CANTICOS DA PRIMAVERA*.

### NO POMARZINHO PAVÕES CAMINHAM

Canto de Natal

No pomarzinho pavões caminham, valha-nos Deus!  
Pavões caminham, perdem pluminhas, valha-nos Deus!  
Anda atrás deles a bela moça, valha-nos Deus!  
Junta as peninhas, na manga as guarda, valha-nos Deus!  
Tece a grinalda, põe na cabeça, valha-nos Deus!  
Mas despertaram ventos audazes, valha-nos Deus!  
Ventos audazes, chuvas tenazes, valha-nos Deus!  
Pegaram logo a leve grinalda, valha-nos Deus!  
E carregaram para o Danúbio, valha-nos Deus!

Vieram chegando três pescadores, valha-nos Deus!  
Três pescadores, nobres senhores, valha-nos Deus!  
– Não encontrastes uma grinalda? Valha-nos Deus!  
– Talvez a temos, mas não sabemos, valha-nos Deus!  
Que recompensa receberemos, valha-nos Deus!  
– Um ganha o lenço de pura seda, valha-nos Deus!  
O outro ganha o anel de ouro, valha-nos Deus!  
Mas o terceiro recebe a noiva, valha-nos Deus!  
Noiva formosa qual uma amora, valha-nos Deus!

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

## **BOA NOITE DAMOS**

Boa noite damos  
Ao senhor da casa:  
Alegrai, alegrai-vos, povos,  
Jesus Cristo nasceu!

Colocai nas mesas  
As cobertas ricas:  
Alegrai, alegrai-vos, povos,  
Jesus Cristo nasceu!

Ponde nas cobertas  
Pães de trigo loiro:  
Alegrai, alegrai-vos, povos,  
Jesus Cristo nasceu!

Já vêm visitar-nos  
Três gloriosas festas:  
Alegrai, alegrai-vos, povos,  
Jesus Cristo nasceu!

A primeira festa  
É o Natal de Cristo:  
Alegrai, alegrai-vos, povos,  
Jesus Cristo nasceu!

A segunda festa  
É de São Basílio:  
Alegrai, alegrai-vos, povos,  
Jesus Cristo nasceu!

A terceira festa  
É a Epifania:  
Alegrai, alegrai-vos, povos,  
Jesus Cristo nasceu!

— *CANCIONEIRO DE NATAL*, Rio de Janeiro, 1988

## **VIERAM OS SANTOS**

Vieram os santos a quebrar pedras,  
– Seja louvada a Trindade nos céus!

A quebrar pedras, a erguer a igreja,  
– Seja louvada a Trindade nos céus!

Com três janelas, com três entradas,  
– Seja louvada a Trindade nos céus!

Com três entradas, com três zimbórios,  
– Seja louvada a Trindade nos céus!

*CANCIONEIRO DE NATAL*, Rio de Janeiro, 1988

## **POR TODA A TERRA**

Canto de Natal

Por toda a terra a nova se espalhou:  
Nossa Senhora seu filho acalentou.  
Colocou no feno  
O santo menino,  
Seu filho divino.

Nossa Senhora pôs-se a indagar:  
– Quem poderia meu filho agasalhar?  
Manda, ó Pai celeste,  
Uma bela veste  
A Jesus que Tu me deste. –

Desceram anjos, cantando Glória,  
Trouxeram prendas à Virgem Maria:  
Três velas de cera  
E vestes de seda  
Nesta noite serena.

*CÂNTICOS DE NATAL, Prudentópolis, 1954*

## **PORTEIRO**

Canto de Epifania

– Abre esta porta, senhor porteiro!  
– Por que chamais? O que quereis?  
– A livre entrada para cidade!  
– Quem é vosso amo? Quem é vosso amo?  
– O nosso duque, Roman<sup>1</sup> valente!  
– Não está em casa, não está em casa!  
– Para onde foi? Para onde foi?

- A Lviw<sup>2</sup>, à feira, a Lviw, à feira!
- E quando foi? E quando foi?
- Ontem à tarde, ontem à tarde!
- E quando volta? E quando volta?
- Para o almoço! Para o almoço!
- Que dotes tendes? Que dotes tendes?
- Um filho novo, um filho novo!
- Como é trajado? Como é trajado?
- Em ouro e prata, em tecido caro.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucrainiana, Berlim, 1922*

1. Regente da Galícia de 1199 a 1205.
2. Capital da Galícia.

## **Ó ÁGUA, ÁGUA**

Canto de Epifania  
Fragmento

Ó águia, águia,  
Falcão cinzento!

Noite santa,  
Generosa!

Sentada no alto,  
Enxergas longe.

Noite santa,  
Generosa!

Vai-te sentando  
No mar cinzento!

Noite santa,  
Generosa!

No mar cinzento,  
Sobre o navio.

Noite santa,  
Generosa!  
Aquele nave  
Tem três entradas.  
Noite santa,  
Generosa!  
Lá, na primeira,  
A lua brilha.  
Noite santa,  
Generosa!  
E na segunda  
O sol desponta.  
Noite santa,  
Generosa!  
Mas na terceira  
Vem Deus chegando.  
Noite santa,  
Generosa!  
Vem Deus chegando  
Com chaves d'ouro.  
Noite santa,  
Generosa!  
Com chaves d'ouro  
Os céus abrindo.  
Noite santa,  
Generosa!  
Os céus abrindo  
Às boas almas.  
Noite santa,  
Generosa!

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922*

## **DÁ, O SALGUEIRO, CEM MIL FLORES**

Canto de Primavera

Dá, o salgueiro, cem mil flores  
Cedo, cedo,  
Dá, o salgueiro, cem mil flores  
Bem cedinho!  
Que ganhe uma cada moço  
Cedo, cedo,  
Que ganhe uma cada moço  
Bem cedinho!

Colhido na região da Galícia

## **PATINHO**

Canto de Primavera

– Não passeies, ó patinho, com grinalda de ervilhas,  
com grinalda de ervilhas,  
Mas escolhe, ó patinho, a mais bela menina,  
a mais bela menina!  
– Minha mãe me aconselhava a não pedir a mais linda,  
a não pedir a mais linda,  
Minha mãe me aconselhava pedir só a orfãzinha,  
pedir só a orfãzinha!

Colhido na região da Galícia



## **UMA MOÇA NA RUA**

Ciranda de Páscoa

Uma moça na rua se vê  
Com vestido que mede dez pés.

O vestido começa a queimar,  
Corre povo o fogo a apagar.

A benguela de bétula vem  
A tremer sob os pés do meu bem.

Leva água nos baldes de metal  
Para apagar todo o carvalho.

Quanta água em novos baldes está,  
Tanta sorte às moças haverá.

Quantas estrelinhas vêem no céu,  
Tantas moças de grinalda e véu.

*CANTOS DE YEWDOKHA ZUIKHA, Kyiw, 1965*

## **DOIS POMBOS**

Ciranda de Páscoa

Dois pombos estavam voando,  
Uma pedra de ouro levando.  
Deixaram caí-la na relva,  
Prenderam um moço com ela.

Prenderam um moço prendado,  
De Ghanússia o namorado.

Onde seu cavalo pasteja,  
Lá cresce alecrim com avenca.

Onde nossa Ghanússia brinca,  
Lá crescem arruda e pervinca.

*CANTOS DE YEWDOKHA ZUIKHA, Kyiw, 1965*

## **Ó BOSQUE, MEU BOSQUE**

Canto de Amor

Ó bosque, meu bosque verde e denso –  
Não te trespasso.  
Deixei voar o pombo cinzento –  
Já não o alcanço.

*COLETÂNEA DE CANTOS UCRANIANOS, , Kyiw, 1868*

## **BELO MYKOLA**

Canto de São João

Belo Mykola, tem cuidado!  
Tira as botinas, vai descalço.

Tira as botinas e as carrega,  
Para Ghanússia vai com pressa.

P'ra que não tinam ferraduras,  
P'ra que não rossem cães na rua.

*CANTOS DE YEWDOKHA ZUIKHA, Kyiw, 1965*

## SERENA, A MOÇA PENTEIA SUA TRANÇA

Serena, a moça penteia sua trança,  
Sereno, o Danúbio leva sua água.

– Vai-te, ó trança, devagar na correnteza,  
Depois seguirei atrás de ti, sem pena.

No bosque sombrio cresce um verde bordo,  
Sob o bordo saltita um cavalo novo.

Sob o bordo saltita um cavalo novo,  
Nele está sentado um cossaco formoso.

Está sentado e toca na sua bandura,  
Corda para corda baixinho sussurra:

– Não tem sossego o belo filho da viúva  
Que enlouquecera uma menina com juras.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922*

## O POÇO

Canto de Amor

Onde está o poço cujas águas eu tomei?  
Onde está a moça cujos olhos eu amei?  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente –  
Minha não será!

Ali está meu poço, o balde, a chave e o cordão,  
Ali – minha namorada que me amou então.  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente –  
Minha não será!

Mas o poço ficou cheio de dourado pó,  
Minha amada foi embora, já me abandonou.  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente –  
Minha não será!

O caminho até o poço cresceu de capim,  
Foi pedida em casamento, porém não por mim.  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente –  
Minha não será!

Bebem águas do poço no verde pomar,  
Vão levando minha amada já para o altar.  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente –  
Minha não será!

Um a guia pela manga, o outro pela mão,  
Eu só choro amargamente, pois amei em vão!  
Ai, saudade pungente,  
Vai levá-la a gente –  
Minha não será!

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922*

## **CABRINHA**

Canto de Casamento

Anda uma cabrinha no monte escarpado,  
Bate, bate com a patinha,  
Do cinzento lobo zombando:  
– Não tenho medo de ti, lobo cinzento! –  
E no domingo cedo, cedinho  
Não há mais cabrita, não há mais,  
Só as patinhas e os chifrinhos  
E os casquinhos brancos...  
Anda Marietchka pelo pranchão novo,  
Bate, bate com o pezinho,  
De seu Yurasen'ko zombando:  
– Não tenho medo de ti, Yurasen'ko! –  
E na segunda-feira cedo, cedinho  
Não há Marietchka, não há mais,  
Só ficou a trança loira  
E a grinalda de noiva<sup>1</sup>.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucrâniana, Berlim, 1922

1. Na véspera de núpcias havia o costume de cortar a trança da noiva.

## **AVELÃ VERDE**

Canto da Colheita

Avelã verde  
Avelã verde  
Nosso amo é jovem:  
Cedo se ergue,  
Colhe em tempo,

Tem boa sorte.  
Nem cedo, nem tarde –  
Ao meio-dia –  
Nosso amo é jovem!  
Nosso amo é jovem:  
Num alazão  
Dança no pátio,  
Tem boa sorte.  
Vêm os segadores  
Com uma grinalda de flores –  
Com uma grinalda de flores.  
Senhor amado,  
Atrela os cavalos  
À carroça pintada  
Em busca da grinalda.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922*

## **ANDA O SONO**

Acalanto

Anda o sono junto à casa,  
E o cochilo junto à cerca.

Pergunta o sono ao cochilo:  
– Onde é que pernoitaremos? –

– Onde há casa quentinha  
E a criança pequeninha.

Lá passaremos a noite  
Embalando a criancinha. –

Durma, meu filhinho, agora,  
Para eu sair à horta.

Depois irei à campina,  
Procurarei três florzinhas:

A primeira – para o sono,  
Para o sono venturoso.

A segunda, todo o tempo,  
À saúde, ao alento.

A terceira – para a vida,  
Para a vida e alegria.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922

## **KOLOMÊIKA**

Dança

Minha viola é de tília,  
Cordas – de pervinca,  
Ao tocá-la o som se espalha  
Por toda a Ucrânia.

Branco floresce o viburno,  
Dá uva encarnada,  
Um grande amor não dá fruto,  
Senão a desgraça.

O espinheiro cria ramos  
E também dá flores,



Só não anda contrariado  
Quem não tem amores.

No pomar se ouve o canto  
Da moça morena,  
E eu penso, caro mano,  
Que é a voz da avena.

Anda meu bem pelo pátio  
Com seu passo leve,  
E eu vejo, caro mano,  
Um astro nascente.

Quando minha bem-amada  
No pomar passeia,  
Uma linda rosa branca  
Floresce atrás dela.

Não me admiro que formosa  
Seja a minha bela,  
Na alvorada, na sua horta,  
Tombou uma estrela.

Tombou do céu uma estrela  
E despedaçou-se,  
Com estilhas e centelhas  
Meu bem enfeitou-se.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922*

## A BÉTULA

No bosque uma bétula estava,  
Na bétula o cuco cantava,  
E o cuco a ela perguntava:  
– Por que te tornaste tão branca? –

– De verde, tornei-me tão alva  
Quando os tártaros avançaram,  
A terra com cascos pisaram,  
Os ramos com sabres cortaram.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucrariana, Berlim, 1922*

## LÁ NA COLINA

Lá na colina cortam trigo,  
Ao pé da colina passam os cossacos, como o rio.

Dorochenko<sup>1</sup> vem na vanguarda,  
Guia suas tropas, tropas zaporogas à batalha.

A retaguarda Saghaydatchny<sup>2</sup>,  
Que trocou a esposa por um cachimbo e fumo com dislate.

– Uma esposa só me atrapalha,  
Tabaco e cachimbo bastam ao cossaco na campanha.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucrariana, Berlim, 1922*

1. Coronel dos cossacos em 1618, depois ghet'man (1625-1628).

2. Ghet'man dos cossacos de 1665 a 1676.

Ambos dirigiram a campanha contra a Moscóvia, em 1618.

## **BALADA SOBRE NOSSA SENHORA DE POTCHAIW**

Ascendeu no céu a estrela vespertina,  
Sobre Potchaiw surgindo,  
Avançava a tropa turca inimiga –  
Uma nuvem de granizo.

O padre Zelizo saiu da cela afora,  
Banhrou-se em lágrimas quentes:  
– Desce, desce do céu, ó Nossa Senhora,  
Nosso mosteiro padece!

A Virgem Maria desceu das alturas,  
Milagrosa Mãe amada,  
Fez voltar as balas contra as tropas turcas,  
O mosteiro libertara.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucrâniana, Berlim, 1922*

## CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IGHOR

Conforme a pesquisa mais recente, a obra anônima foi composta por um trovador no século XIII, no âmbito dos príncipes da Galícia. Ele relata a luta dos príncipes rutenos reunidos, chefiados por Ighor Sviatoslavytch, contra os invasores cumanos, em 1185.

A parte mais bela dessa curta epopéia, composta em prosa rítmica, é o lamento de Yaroslawnna, mulher de Ighor, transcrito aqui literalmente, em forma de versos livres.

Ouve-se até o Danúbio a voz de Yaroslawnna:  
como um cuco, na solidão, de manhã cedo, ela geme e chora:  
“Qual cuco voarei até o Danúbio,  
molharei no rio Kaiala a minha manga de pele de castor  
e lavarei do meu príncipe as feridas no corpo valente.”

Sobre as muralhas de Putywl, de manhã bem cedo,  
Yaroslawnna chora e se lamenta:  
“Ó vento-vendaval! Por que, ó senhor, tão fortemente sopras?  
Por que sobre tuas asas incansáveis  
contra os guerreiros do meu amado flechas cumas tu atiras?  
Já não te basta soprar sob as nuvens  
e balouçar os barcos sobre o mar azul?  
Por que, ó senhor, tu queres sobre o tirso  
desfolhar minha alegria?”

Sobre as muralhas de Putywl, de manhã bem cedo,  
Yaroslawnna chora e se lamenta:  
“Ó Dnipró glorioso! Em meio da terra dos cumanos,  
por entre as rochas brancas, abriste teu caminho.  
Sobre tuas ondas, os barcos de Yaroslaw balouçaste,  
contra Kobiák levando suas legiões.  
Traze, também, de volta meu esposo,

para que eu, ao despertar o dia,  
não derrame no mar minhas lágrimas.”

Sobre as muralhas de Putywl, pela madrugada,  
Yaroslawnna chora, dizendo:

“Ó luminoso Sol de três faces! Para todos és cálido e belo!

Por que, ó senhor, sobre as legiões do meu esposo  
tu lanças teus ardentes raios? Por que no campo seco, com teu ardor,  
seus arcos vergastes e as aljavas com lamentos fechaste?

Editora KYIW, Philadelphia, 1950

## IVÁN KOTLAREWSKY

Iván Kotlarewsky (1769-1838) nasceu em Poltava. Estudou no seminário, tornando-se depois professor particular; mais tarde entrou para o serviço militar e lutou no ano de 1812 na legião cossaca contra Napoleão. Kotlarewsky fundou o teatro de Poltava, colecionou material etnográfico e favoreceu muito o ensino e a cultura ucranianos. Sua figura luminosa, culta e profundamente humana, foi apreciada e amada por todos. Em 1798 foi publicada sua obra-prima ENÉIDA, paródia da obra de Virgílio, vestida de colorido nacional. Esta obra significa uma tomada de consciência diante do idioma materno e seu enriquecimento das fontes populares. Em 1818 foi publicada a peça NATALKA DE POLTAVA, e em 1819, MOSCOVITA-FEITICEIRO.

### ENÉIDA

#### Fragmentos

O mestre Enéas, desolado,  
A custo foi-se controlar;  
Tendo chorado e soluçado,  
No corcho sufocou o azar.  
No entanto, a alma lhe doía,  
O coração se contraía  
E transpirava de calor:  
Dos falsos deuses duvidava,  
No próprio pai não confiava,  
Sentindo de ondas o pavor.

Sopravam ventos pela popa  
Na nuca das valentes naus  
Que conduziam sua tropa  
Pelos abismos negros, maus.  
Os remadores descansavam,

Cachimbos com prazer fumavam,  
Cantarolavam as canções  
Cossacas, nossas, – bem bonitas,  
E quem sabia – moscovitas,  
Para alegrar os corações.

De Saghaydatchny<sup>1</sup> se lembravam,  
Também da Sitch<sup>2</sup>, há de se crer,  
Como os piqueiros alistavam,  
Como marchavam pra valer!  
Glória aos suecos em Poltava<sup>3</sup>  
E à mãe que os filhos enviava  
Para a campanha militar;  
Como em Bendery<sup>4</sup> guerreavam  
E, sem comer pastéis, findavam  
Num ano magro em terra e mar.

.....  
Enéas foi-se ao inferno,  
Ao mundo lívido desceu  
Que tinha cores de um inverno:  
Nem sol, nem lua sobre o céu.  
No meio de neblina e ventos  
Ouvia gritos e lamentos  
Dos que não podem mais morrer.  
Enéas com Sibila viam  
As várias penas que sofriam  
Cada um, conforme o merecer.

Ferviam poços lá no fundo  
E fumegavam caldeirões  
De enxofre, piche e breu imundo,  
E dentro deles, aos montões,  
Os pecadores mergulhados:  
Cozidos, fritos ou assados,  
Segundo sua vil ação.



Mal pode descrever a pena  
Cada uma da espantosa cena  
Por eles observada então:

Tostavam lá de cada lado  
Muito fidalgo e mau senhor  
Que tinha o povo por seu gado,  
Julgando-o algo de inferior.  
Uns outros lenha carregavam,  
Juncos nos pântanos cortavam  
Para a fogueira esquentar mais!  
Havia diabos vigiando,  
Os preguiçosos incitando  
Com seus forcados infernais.

.....  
Aos avarentos derramavam  
Na boca o líquido latão;  
Aos mentirosos obrigavam  
Lamber um quente panelão.  
Quem não casara por receio,  
Gozando só no lar alheio,  
Pendia sobre o gancho, no ar,  
Suspenso por aquela parte  
Que praticara ignóbil arte –  
Sem um castigo recear.

Filósofos e pensadores,  
Os que souberam seduzir;  
Abades, mistificadores,  
Que tentam leigos iludir,  
Para que o ouro não adorem,  
Esposa d'outro não namorem

E crêem na Igreja do Senhor,  
Pra que não rinchem às donzelas,  
Não dispam altos céus de estrelas,  
Eram cozidos com fervor.

.....  
Pais que seus filhos só mimavam,  
Não os sabiam educar,  
Deles as más ações louvavam,  
No piche estavam a queimar.  
Seus filhos eram preguiçosos,  
Ladrões, patifes, criminosos,  
Uns libertinos sem moral  
Que desejavam sua morte  
Para gozarem boa sorte  
Com a herança paternal.

.....  
Mas não se oculta uma verdade,  
Pois a mentira é mal pior:  
Havia muitos meus confrades  
Que escrevem versos sem valor.  
Estes sofriam duras penas,  
As mãos em férreas algemas,  
Como em tartárica prisão:  
É penitência por pecado  
Dos que versejam sem cuidado...  
Quem poderá escapar, então?

ENÉIDA, Kharkiw, 1842

1. Saghaydatchny – ghet'man dos cossacos de 1665 a 1676.
2. Sitch – sede dos cossacos ucranianos, numa ilha do rio Dnipró.
3. Em Poltava, travou-se no ano de 1709 a batalha entre o exército de Carlos XII da Suécia (aliado dos ucranianos que eram chefiados pelo ghet'man Iván Mazeppa) e o de Pedro I da Rússia.
4. Bendery – cidade sobre o rio Dnistér.

## PETRÓ ARTEMOWSKY GHULÁK

Petró Artemowsky Ghulák (1790-1866) nasceu nos arredores de Tcherkassy. Estudou na Academia de Ciências e Letras em Kyiw e na Universidade de Kharkiw. Em 1817 tornou-se professor no Instituto Feminino de Kharkiw; anos mais tarde – catedrático de História e Geografia na Universidade da mesma cidade, e de 1841 a 1849, seu reitor. Sua obra poética abrange apenas algumas folhas, mas mostra originalidade, uma linguagem flexível e requintada. Famosa é sua sátira O SENHOR E O CÃO.

### SENHOR

Certo senhor ilustre e famoso,  
Bem rico e orgulhoso,  
(Talvez algum polaco,  
Mas decerto um velhaco)  
Chegou no inferno de Plutão.  
Logo de saída, então,  
Foi por Eaco interrogado:  
– Dize, lá d’outro lado,  
Que foste, onde nasceste,  
Como viveste, o que comeste?  
Sem mentiras, confrade,  
Nos contarás a verdade! –  
O senhor viu em frente  
Um da humilde gente,  
Ele não foi acostumado  
Ser pelo povo interpelado  
E disse: – Sou fidalgo,  
Se queres saber algo:  
Dormia até o meio-dia,  
Depois minha barriga enchia.  
Fui senhor dum domínio vasto! –  
– Pois levarás porcos ao pasto! –

Assim determinou Eaco.  
E riu Plutão, não o polaco...

Se houvesse aqui um semelhante guia,  
Muito senhor dos porcos cuidaria.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucrâniana, Berlim, 1922*

## **LEWKÓ BOROVIKOWSKY**

Lewkó Borovykowsky (1811-1889), tendo concluído a Universidade de Kharkiw, tornou-se professor ginasial em Kursk e Poltava. Escreveu fábulas e poesias no estilo folclórico.

### **KLYM**

Klym foi numa ocasião interrogado  
Que pássaro seria mais do seu agrado:  
O melro, o cuco, o tentilhão?  
Klym disse pronto: – O salsichão!  
Comadre fome, é evidente,  
Tem pão na mente.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucrâniana, Berlim, 1922*

## MARKIÁN CHACHKEVYTCH

Markián Chachkevych (1811-1843) nasceu em Pidlyssia, na Galícia. Era sacerdote católico uniata. Junto com Vaghylevytch e Gholovatsky (= “Trindade Rutena”) defendia a pura língua do povo contra os barbarismos e artificios então em voga, enfrentando corajosamente as represálias do governo polonês e trilhando o caminho à idéia da democracia nacional. Em 1837 o autor conseguiu publicar em Budapeste A NÁIADE DO DNISTÉR. Apenas 100 exemplares desta edição conseguiram passar a fronteira para a Galícia, mas estes causaram um renascimento da vivência literária e política ucraniana. A NÁIADE DO DNISTÉR teve uma significação semelhante à ENÉIDA de Kotlarewsky. Chachkevych, tendo a saúde delicada e a vida dura, morreu cedo. Seu talento não chegou a desabrochar plenamente, mas o pouco que legou à posteridade revela um poeta sensível e verdadeiro. Seus restos mortais foram levados mais tarde a Lviw, e na sua aldeia natal foi erigida uma colina em sua memória.

### A PRÍMULA

Prímula vera

Pedia cedo

Num arvoredos:

– Ó primavera,  
Minh’alma pura!

Dá-me a ventura

Que com agrado

Eu orne o prado,

Que eu me torne

Do sol centelha,

Igual a estrela,

Que eu adorne

A bela terra!

– Filha querida,

Me causas pena

Com tua sina!  
Pois sopra o vento  
E cresta o gelo:  
Antes da hora  
O olhar fenece.  
Tudo enegrece,  
Pende a corola,  
Caem as folhas,  
Minh'alma chora!

CORDAS, Antologia da Poesia Ucranaiana, Berlim, 1922

## YEWGHÉN GHREBINKA

Yewghén Ghrebinka (1812-1848) nasceu na região de Poltava, viveu em Petersburgo, onde editava uma revista literária, ANDORINHA, morrendo na mesma cidade. Foi amigo de Tarás Chewtchenko, preocupando-se com seu destino infeliz. Traduziu o poema POLTAVA de Puchkin e compôs 27 fábulas – verdadeiras jóias literárias, nas quais revive o ambiente ucraniano com todo seu encanto.

### SOL E NUVEM

Surgiu o sol, resplandecendo aquece,  
E o mundo como a rubra flor sorri;  
No claro céu a nuvem enegrece –  
Enfuna-se, zunindo por ali:

– Como este sol enjoa e aborrece,  
Por que procura a todos alegrar?  
Embora eu me zangue – vem brilhar.  
A seu encontro voarei depressa,  
Consequirei seu rosto deslumbrar!

Eu olho: a nuvem com seu véu sonoro  
Cobriu o sol, tapou o azul do céu...  
Porém o sol mais alto apareceu  
E a nuvem encobriu de ouro.

CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922



## TARÁS CHEWTCHENKO

Tarás Chewtchenko (1814-1861) nasceu como camponês-escravo na aldeia de Móryntsi, na região de Zvenyghoród. Seus pais se mudaram em breve para a aldeia Kyryliwka, onde o futuro poeta cresceu. Com dez anos de idade ele perdeu sua boa mãe; à casa veio a madrasta com seus filhos e começou o inferno. Dois anos mais tarde morreu o pai, e Chewtchenko foi procurar abrigo no palácio do seu senhor Engelhardt, onde se tornou pagem. Nesta função ele viajava com seu dono a Vilna, Varsóvia e Petersburgo, para onde mais tarde transferiu-se a corte de Engelhardt, e onde Chewtchenko aprendia a pintura, copiando freqüentemente estátuas no jardim imperial. Nesta atividade foi surpreendido pelo pintor Sochenko, que o introduziu a Yewghén Ghrebinka e outros compatriotas, os quais compraram em 1838 sua carta de liberdade. Daí em diante Chewtchenko estudava na Academia de Belas Artes, freqüentava a sociedade de artistas e literatos, ia aos concertos e ao teatro, estudando com grande zelo e conquistando uma vasta cultura. Em 1840 publicou suas obras poéticas sob o título KOBZÁR (= Tocador de kobza); um ano mais tarde, o poema GHAYDAMAKY. Em 1844, com o título de artista livre, viajou à Ucrânia, onde foi festejado como gênio. O conhecimento com o escritor Panteleimón Kulich e com o historiador-etnógrafo Mykola Kostomariw, o ideólogo da Sociedade Cirilo-Methodiana, abriu ainda mais seus horizontes. O poeta escreveu de 1844 a 1847 seus maiores poemas: O SONHO, HUS, PRISIONEIRO, GRANDE CAVERNA, CÁUCASO, SERVA, TESTAMENTO e outros, tornando-se neles líder da idéia nacional ucraniana. Devia viajar à Itália, para aprofundar seus estudos de Arte, quando em 1847 foi preso pelo governo russo e proibido de escrever e pintar. Passou muitos anos em Orenburgo, à beira do Lago Aral, em Uralsk e Novopetróvsk, perdendo sempre mais sua saúde. Em 1857 foi anistiado, mas proibiram-lhe voltar à Ucrânia. Morreu em Petersburgo, alguns dias antes de ser proclamada a abolição da servidão. Seu corpo foi transportado, mais tarde, para Kaniw, na margem do Dnipró, e sepultado sob uma alta colina, de acordo com sua vontade. Pela profundidade de sentimento e mestria de seus versos, Chewtchenko pertence aos maiores líricos da literatura mundial. No ano de 1980 foi publicado no Rio de Janeiro, em português seu poema O SONHO.

## O BARCO

O vento e o bosque falam,  
Sussurram os juncos,  
O barco vai com as vagas  
Só no vasto mundo.

O barqueiro naufragado  
Foi-se na corrente,  
Cheio de água vai o barco  
E ninguém o prende.

Até o mar azul alcança...  
O mar soa bravo,  
Os vagalhões brincam-dançam  
Com os estilhaços.

*KOBZÁR, Kyiw, 1971*

## O SOL SE DEITA

O sol se deita, montes negrejam,  
Cala-se a ave, o campo se queda,  
Homens contentes fruem a calma,  
Mas eu só miro e envio a alma  
Ao negro bosque da minha Ucrânia.  
A alma voando, meu pensamento  
Na bela tarde queda sereno.  
Negrejam campos, matas, veredas,  
No céu profundo surge uma estrela.  
Ó estrela, estrela! Minha alma chora:  
Também na Ucrânia luzes formosa?  
Será que uns olhos que vi deveras

No azul te buscam? Ou já esqueceram?  
Se já esqueceram, durmam tranqüilos  
E não decifrem meu vil destino.

*KOBZÁR, Kyiw, 1971*

## **UM LÍRIO COMO TU**

Um lírio como tu, outrora  
Floriu à beira do Jordão  
E trouxe para nós então  
O santo Verbo em boa hora.  
Se tu também, formoso lírio...  
Oh não! Irão crucificar,  
Para Sibéria o enviar!  
Minha açucena, teu martírio...  
Não!

Alegrias celestiais  
Concede-lhe, tu Pai dos pais,  
Destino claro como círio,  
E não concedas nada mais.  
Não busques sua primavera,  
Teu paraíso embelezar,  
Para que possa a pobre terra  
Com teu semblante se alegrar!

*KOBZÁR, Kyiw, 1971*

## **AINDA SONHO...**

Ainda sonho: a casa branca  
Entre os salgueiros, sobre a água

Ao pé do monte. Junto ao lar  
Está um velho de prateadas cãs,  
Um menininho a seu lado –  
Um lindo neto cacheado –  
Brinca com sua barba e ri.  
Ainda sonho: sai alegre  
A jovem mãe resplandecente  
E beija o velho, tão feliz.  
Três vezes beija seu filhinho,  
Toma nos braços com sorriso,  
Leva-o e põe para dormir,  
E o velho pensa murmurando:  
“Aonde foram os maus anos,  
Os tempos pérfidos, hostis?”  
E o “Padre Nosso” lê baixinho,  
“Pelo sinal da santa cruz...”  
O sol se deita sobre o rio,  
A noite apaga o céu azul,  
Tudo se aquieta. E a família  
Vai repousar no lar, tranqüila.

*KOBZÁR, Kyiw, 1971*

## **A GRANDE CAVERNA**

Mistério (1845)

“Tu nos fazes o opróbio dos nossos vizinhos, o escárnio e a zombaria daqueles que estão à roda de nós. Tu nos pões por provérbio entre as nações, por movimento de cabeça entre os povos.”

Salmo 44 – 13, 14

## Três Almas

Três aves níveas voaram  
Sobre Subotiw<sup>1</sup> e pousaram  
Na velha e inclinada cruz  
Da antiga igreja. – Vê, Jesus,  
Nós somos almas e não gente;  
Daqui será mais evidente  
Se irão enfim desenterrar  
A Grande Cova.<sup>2</sup> Que não tardem,  
O paraíso, então, nos abrem!  
Pois nos promete o Santo Deus:  
“Se o moscovita lá na terra  
For descobrir esta caverna,  
Então ireis entrar nos céus.”

## I

“Quando eu era humana,  
Eu era Priscila.  
E vivia nesta casa,  
Aqui eu crescia.  
Com Yurus', filho de ghet'man,  
Nós, do povoado,  
Brincamos de cabra-cega  
Lá no Campo Santo.  
Sua mãe acumulava  
Na morada branca  
De figos e doces passas  
Todas as crianças.  
A mim mesma, com carinho  
Nos braços erguia...  
De Tchyghyryn vinham vindo

Ilustres visitas,  
Então eu era chamada,  
Calçada, vestida,  
E ghet'man me carregava  
Beijava e sorria.  
Os anos foram passando  
Em Subotiw. Linda  
Cresci: bétula no prado,  
Lírio da campina.  
A ninguém causei tristeza,  
Alegre e formosa:  
Minhas sobranceiras negras,  
Minha trança longa.  
Os moços me namoravam  
Nas danças e festas,  
Eu já bordava toalhas,  
Tecia cobertas...  
Perto estava o casamento,  
Mas veio a desgraça:  
Num domingo saí cedo  
Para buscar água –  
(Acabou-se aquele poço,  
Secou. E sem ninho  
Eu infeliz sempre vôo  
Em busca do abrigo.)  
Vejo: ghet'man e a chefia...  
Eu corri ligeiro  
E cruzei-lhes o caminho  
Com os baldes cheios<sup>3</sup>.  
Partiam a Pereyaslaw  
Prestar juramento  
A Moscou<sup>4</sup>. Cheguei em casa  
Sem cor, sem alento.

Meus pais, irmãos e eu mesma  
E até os cães – bebemos  
Desta água maldita, infesta  
Que virou veneno  
Para todos. Assim triste  
Eu alada vivo,  
E o Senhor não me permite  
Ir ao paraíso.”

## II

“E a mim custou também caro  
A falha na vida,  
Pois dei água ao cavalo  
Do tzar moscovita –  
Em Baturyn<sup>5</sup>, quando vinha  
Depois de Poltava<sup>6</sup>  
(Eu ainda era menina).  
Baturyn queimara  
Por Moscou incendiado;  
A Tchetchel<sup>7</sup> mataram,  
E no Seim foi afogado  
Velho com criança.  
Eu de sangue estava plena,  
Entre os mortos – viva.  
No palácio de Mazepa<sup>8</sup>.  
Junto a mim jaziam  
Minha mãe e minha mana  
Abraçadas, frias.  
A custo fui arrancada  
Da minha mãezinha  
Pelos homens desalmados.  
Pedi por piedade  
Ao capitão do comando

Que me apunhalasse!  
Não fui morta, mas largada  
A seus moscovitas...  
Escondi minha desgraça  
Naquelas ruínas.  
Restou em Baturyn, longe,  
Uma só morada,  
Nela o tzar passou a noite,  
Vindo de Poltava.  
Eu andei ali por perto  
Carregando baldes,  
Ele me fez um aceno  
Para aproximar-me  
E dar água ao cavalo  
Sobre o qual montava.  
Obedeci, do pecado  
Grave carregada.  
Mal alcancei a soleira,  
Desfaleci, morta.  
O tzar foi a sua terra  
Eu fui para a cova.  
Enterrou-me a avozinha  
Que me deu abrigo  
Num casarão em ruína –  
Lar desprotegido.  
Ela se desfez em cinza,  
Morta de saudade;  
Em Baturyn não havia  
Quem a sepultasse.  
Sua casa foi desfeita;  
A trave esculpida  
Foi rachada como lenha.  
Eu vôo sozinha



Sobre bosques, sobre vales  
E estepes cossacas.  
Não sei porque meus pesares,  
Porque essa desgraça.  
Talvez, por ter sido amena,  
Mansa e bem querida,  
Ou ter dado água fresca  
Ao tzar moscovita.”

### III

“Em Kaniw nasci. Criança  
Mimada nos braços.  
Minha mãe me carregava  
Alegre, cantando.  
Quando vinha Catarina  
Pelo Dnipró vindo,  
Nós subimos, mãe e filha,  
Montes ribeirinhos.  
Eu chorava. Não me lembro:  
Era dor ou fome?  
Tantos anos, tanto tempo,  
Tantas águas correm...  
Minha mãe olhava o rio.  
Tendo-me ao colo,  
Apontou o quadro lindo:  
A galera d’ouro.  
Um castelo sobre as ondas  
Os nobres trazia;  
Entre duques, voiévodas  
Estava a tzarina.<sup>9</sup>  
Eu a saudei com sorriso –  
E perdi o alento.  
Minha mãe findou comigo

Ao mesmo tempo.  
Irmãs caras! É por isso  
Que fui castigada:  
Não me deixam ao convívio  
Das aventuradas.  
Como pude eu, criança,  
Saber, que a tzarina  
Era a loba esfomeada  
Por nossa Ucrânia?  
Julgai mesmas, minhas manas!

Anoitece. Pernoitemos  
Na floresta Tchuta.  
Se acontecer algo, o vento  
Dirá para a lua.”

Levantaram asas brancas  
E foram pousando  
No meio da escura mata,  
No verde carvalho.

*KOBZÁR, Kyiw, 1971*

1. Propriedade do ghet'man Boghdán Khmelnytsky (1647-1657 na chefia do Estado Cossaco Ucrâniano).
2. Os russos procuravam descobrir em Subotiw a Grande Caverna com os tesouros lendários do ghet'man.
3. Cruzar o caminho de alguém com baldes cheios significa, entre o povo ucraniano, desejar-lhe felicidade.
4. Chewtchenko refere-se à união entre a Rússia e a Ucrânia, feita no ano de 1654, em Pereyaslaw entre o ghet'man Boghdán Khmelnytsky (1595-1657) e o czar russo. Tal fato transformou-se na maior desgraça nacional para o povo ucraniano.
5. A capital dos ghet'mans ucranianos.

6. Em Poltava se travou em 1709 a famosa batalha de Iván Mazepa, aliado do rei sueco Carlos XII, contra o czar russo, Pedro, o Grande. No combate venceu o czar, queimando em seguida Baturyn.
7. Dmytró Tchetel – aliado de Mazepa.
8. Iván Mazepa (1687-1709) – o maior vulto na história cossaca ucraniana. Almejava a libertação da Ucrânia sob a nefasta imposição da supremacia russa.
9. Imperatriz da Rússia que destruiu a sede dos cossacos ucranianos na Sitch, no ano de 1775.

## O MONGE

Era em Kyiw glorioso  
E jamais virá de novo...  
Não retorna do passado  
O futuro resguardado,  
Não retorna... Mas eu mesmo  
Aguardarei com anseio,  
Olharei com esperança  
E com alma machucada.

Era em Kyiw. Florescia  
Nossa livre companhia<sup>1</sup>  
Sem escravos e fidalgos,  
Cada um em trajes caros,  
Encobrimo no seu rumo  
As estradas de veludo,  
De damascos e de sedas,  
Sem pensar em recompensa.  
Era em Kyiw... Os cossacos  
Dançam e festejam,  
Como água, derramando  
As pipas repletas.  
Adegas, hospedarias  
Com as hospedeiras,

Com vinhos e regalias  
Esbanjam sem pena.  
A música toca e brinca,  
A todos alegre.  
Da famosa Academia<sup>2</sup>  
A turma sedenta  
Escuta... sonhando, pobre,  
Com a liberdade...  
Mas – a quem o povo corre,  
Músicos andantes?

Em largas calças de veludo,  
Varrendo a rua ao dançar,  
Avança o velho: “Ai, meus anos,  
O que fizestes?” Sem parar  
Com saltos surdos martelando,  
Dança o cossaco e ergue o pé,  
E espalha chispas ao redor:

“Foi à rua, boi, boi,  
Veja como foi, foi,  
Bom seria se soubesses  
O que o rato rói, rói.  
Vou gastar estes saltos,  
Estes pés vou gastar,  
Legarei o que sobrar.  
Estas botas cravejadas  
Desfalecem de cansadas!  
Vou gastar estes saltos,  
Estes pés vou gastar,  
Legarei o que sobrar.”

Até o Cristo entre as Montanhas<sup>3</sup>  
Foi dançando o velho,

E com ele os camaradas  
E Kyiw inteiro.  
Chegou junto ao mosteiro,  
Gritou: “Abri a porta!  
Saudai vosso companheiro,  
Gente piedosa!”  
Abriu-se a santa porta  
Para o zaporogo<sup>4</sup>  
E fechou-se, silenciosa,  
Ao resto do povo.  
Quem há de tornar-se monge,  
Despedindo a vida?  
Semén Paly<sup>5</sup> – de má sorte,  
De implacável sina.

Alto se ergue o sol vermelho,  
Profundo se inclina,  
Pela cela, o monge velho  
Andando medita.  
O monge vai a Vychghorod<sup>6</sup>  
Olhar a cidade,  
Assentar-se, pesaroso,  
Sobre o vasto vale.  
O monge desce o declívio  
Haurir água fresca  
E relembra seu sombrio  
Passado na terra.  
O monge retorna à cela  
Entre os muros mudos  
E seus anos jovens lembra,  
Sonhos prematuros,  
Toma em mãos o livro sábio –  
Sagrada Escritura,

Mas seu pensamento vasto  
Paira na penumbra.

E cala-se a sagrada voz,  
E em sua cela, qual outrora,  
Revive Sitch<sup>7</sup> com seu clamor,  
E o ghet'man – olhos de farol –  
Trespasa a alma fervorosa.  
Berdytchiw<sup>8</sup>, música – e dobram  
Os sinos e grilhões na dor:  
Moscou, desterro, lenissei...  
E rolam lágrimas fiéis  
Dos olhos velhos: “Com brandura  
Subjuga esta carcaça vã,  
Prende o soberbo coração,  
Escuta os sinos e a Escritura!  
Não queiras asas alargar,  
Que até a Sibéria levaram  
Tua vida errante e enganada!  
Embala na alma teu chacal,  
Borzná com Fastowchtchyna<sup>9</sup> esquece,  
Pois tudo passa, tudo segue,  
E nem se lembrarão sequer...”

E o monge desistiu de ler  
A Bíblia, ao soluçar,  
Depois interrogou o céu,  
Com seu andar medindo a cela:  
“Por que será que vim à terra  
E amei a Ucrânia, santo Deus?”

Para a matina o sino clama.  
O velho monge escuta o ar,  
Ao persignar-se, põe a capa

E prende o terço do rosal,  
E pela sua amada Ucrânia  
O velho monge vai orar.

*KOBZÁR, Kyiw, 1971*

1. Companhia da Sitch Zaporoga – a organização dos cossacos ucranianos, nos séculos XVI-XVIII.
2. Academia de Petró Moghyla, centro intelectual de Kyiw.
3. Cristo Salvador entre as Montanhas – um mosteiro nos arredores de Kyiw, onde os cossacos costumavam passar os últimos anos de suas vidas.
4. Zaporogo – cossaco ucraniano.
5. Semén Paly, coronel cossaco de Fastiw, um dos principais chefes contra a opressão polonesa no fim do século XVII.
6. Vychghorod – “cidade alta”.
7. Sitch – a sede dos cossacos ucranianos, numa das ilhas do Dnipro.
8. Berdytchiw – lugar onde Semén Paly foi preso em 1704 por Pedro I da Rússia e enviado à Sibéria.
9. Borzná e Fastowchtchyna – região de Fastiw.

## **O LENÇO**

Será por mando divino?  
Será por duro destino?  
Como serva, enamorou-se  
Por um órfão belo e pobre.  
E o órfão, ao lado dela –  
Sua infeliz açucena –  
Da estrela vesper à d'alva,  
Na casa da viúva estava:  
Os dois pombos-namorados  
Por Assunção<sup>1</sup> esperando.  
Veio o dia... Sinos bradam  
De Tchyghyryn<sup>2</sup> exaltada  
Pela Ucrânia gloriosa

Que se aprontem para as bodas  
Os cossacos, afiando  
Sabres cortantes e gládios,  
Atrelando seus cavalos  
Ao enlace ensangüentado.

No domingo cedo, bem cedinho,  
Tocaram clarins e trompas.  
Puseram-se todos a caminho  
Para a campanha gloriosa.  
A viúva via partir seu filho –  
Sua alegria e esperança,  
A irmã levava o irmão querido,  
E a serva o noivo levava.  
Acompanhava-o. A seu cavalo  
Deu água, à luz da estrela,  
Entregou-lhe o sabre dourado  
E o fuzil para esta guerra.  
Foi com ele três milhas, três campos,  
Despediram-se no vale:  
Ofertou-lhe seu lenço bordado  
Para que longe a lembrasse.

Ai, lenço de pura seda,  
Com seda bordado!  
Tua honra – cobrir a sela  
Do morto cossaco.

Voltou triste, pesarosa,  
Olhando a estrada longa.  
Enfeitava-se com loios,  
Esperando seu retorno.  
Aos domingos, da colina,  
Mirava a neblina cinza.



Passa o verão, passa o outro,  
No terceiro voltam  
Da campanha os gloriosos,  
Cobertos de honras.  
Passa a tropa e a segunda,  
A terceira passa –  
Não repares, ó infortuna,  
Na tua desgraça!  
Trazem um caixão pintado,  
Com rubra coberta.  
Com a chefia ao lado,  
Segue, em manta preta,  
O próprio comandante –  
O mago da estepe.  
Os companheiros adiante  
As lágrimas vertem.  
Os cossacos trazem armas  
Do morto confrade:  
Sua armadura cortada,  
Seu dourado sabre.  
Três fuzis, três espingardas  
E o gládio do lado:  
Ressequido sobre as armas  
O sangue cossaco.  
Guiam seu cavalo negro  
Com cascos quebrados,  
Sobre sua sela – o lenço  
De seda bordado.

*KOBZÁR, Kyiw, 1971*

1. A Assunção de Nossa Senhora inicia o tempo quando se celebram os casamentos, na Igreja Oriental.
2. Tchyghyryn – a partir do século XVII, sede dos ghet'mans ucranianos.

## CÁUCASO<sup>1</sup>

A meu sincero amigo Yakiw de Belmen

*Quem dará água à minha cabeça,  
e uma fonte de lágrimas aos meus olhos?  
E eu chorarei de dia e de noite os mortos...*  
Jeremias, cap. IX, vers. 1

Além das montanhas – montanhas veladas,  
De dores cobertas, por sangue regadas.

Uma águia potente  
Ao titã injura,  
O coração despedaça,  
O peito perfura,  
Dilacera. Mas não bebe  
Todo o sangue vivo,  
Que de novo lhe renasce  
Para rir, altivo.  
Assim, também, nossa alma  
É livre, eterna,  
E a ganância não extrai  
O chão da cisterna,  
Não prenderá a alma viva,  
A palavra, a mente;  
Não há de levar a glória  
De Deus onisciente.

Quem somos nós a questionar?  
Quem somos a julgar Teus atos?  
Podemos só chorar, chorar,  
E o pão diário, mesclado  
Com sangue próprio amassar.  
Vexa-nos o cruel algoz,  
Mas, ébria, a verdade jaz.

Quando acordará do sono?  
Quando Deus, cansado,  
Repousará, aliviando  
Nosso duro fardo?  
Nós cremos em Tua força,  
Em espírito vivo,  
Triunfará a liberdade!  
Para Ti, Divino,  
Hão de orar eternamente  
As línguas de gentes,  
Mas por ora fluem rios  
Sangrentos, pungentes.

Montanhas soberbas, por nuvens veladas,  
De dor semeadas, de sangue regadas.

Lá, nós, a gente justiceira,  
Surpreendemos com maldade  
Faminta e nua liberdade  
E atormentamos. E tombou  
A flor heróica de guerreiros.  
Fartar de sangue bastaria  
Todos os tzares altaneiros  
Com filhos, netos, clã vadia,  
Em fundos rios afogá-los,  
Em prantos de mulheres, filhos,  
Noturno choro de donzelas,  
Em quentes lágrimas maternas  
E as velhas lágrimas sangrentas  
Dos pais – num largo mar de chamas.  
Brademos: Glória! Glória! Salve!  
Aos cães, verdugos e a caterva,  
Todos os tzares desta terra!  
Glória!

Vossa é a glória, azuis montes  
Por gelo algemados,

Vossa, grandes cavalheiros,  
Por Deus exaltados!

Lutai, irmãos, e vencereis!

Esta é nossa sina:

Conosco está a liberdade

E a verdade divina!

Tchurek<sup>2</sup> e sacla<sup>3</sup> – tudo é teu,

Nem mendigado, nem doado,

Ninguém o toma como seu

E não te leva aprisionado.

Mas nós, letrados deste mundo,

Que lemos sacras escrituras,

Do calabouço mais profundo

Ao nobre trono nas alturas,

Estamos nus em meio d'ouro.

Venham conosco aprender

Os preços para sal e pão!

Os templos, as escolas ver,

Pois Deus e bens são do cristão!

A nós, a sacla fere os olhos:

Por que a mesma não é nossa,

Ou por nós dada? E por que

Nós não podemos atirar-vos

O tchurek, qual ao cão um osso?

Por que não fostes obrigados

A pagar pelo sol? Nós somos

Cristãos, com pouco satisfeitos...

Vós não achais? No entanto, gente,

Se a nós tivésseis amizade,

Vós poderíeis aprender

Bastante coisas úteis. Temos

Espaço para aprendizagem:

Basta a Sibéria infinita –

Tantas prisões e tantos povos!  
Desde a Finlândia até a Moldávia  
Em cada língua, todos calam:  
Estão felizes... Para nós  
O monge lê a santa Bíblia  
E nos ensina como um tzar,  
Pastor de porcos, usurpou  
A esposa de um fiel amigo,  
Matando o mesmo. Agora está  
No céu. Nós temos semelhantes  
No paraíso. Sois pagãos,  
Não fostes inda batizados,  
Mas aprendei! É só roubar,  
Roubar e dar,  
Ao céu voar!  
Até levar a parentela!  
Nós cultivamos tantas artes:  
Contar inúmeras estrelas,  
Xingar o estranho, o francês,  
Vender, antes: perder nas cartas –  
Não negros... súditos cristãos,  
Porém os simples... Nós não somos,  
Graças a Deus!, espanhóis  
Que comprem os roubados bens,  
Como judeus. Nós temos leis!  
O irmão, conforme a Bíblia,  
É por vós amado?  
Hipócritas, mentirosos  
Por Deus renegados!  
Vós amais no vosso amigo  
O couro, não a alma,  
Pela lei, fazeis do mesmo  
À filha – o casaco,

Ao bastardo – o enxoval,  
À mulher – chinelos,  
Mas a si – o que não sabem  
Nem mulher, nem filhos.  
Por que foi que Te prenderam  
Na cruz, Jesus Cristo?  
Pelos justos e a verdade  
Que não mais existem?  
Ou para que de Ti zombem  
Com riso intenso?

E templos, ícones, capelas,  
Com castiçais e com incenso,  
E genuflexões incansáveis  
Diante de Ti, eterno e santo,  
Pela guerra, estupro e roubo  
E pelo sangue entornado.  
Depois trarão a Ti um manto  
Real, no incêndio espoliado.

Somos gente esclarecida,  
Por fado chamada  
A mostrar o sol dos justos  
Aos cegos, coitados.  
Tudo vamos ensinar-vos  
Com vontade e zelo:  
Como construir cadeias,  
Fabricar algemas  
E usá-las... Como trançar  
Açoites nodosos...  
Aprendereis; só cedei-nos  
Vossos montes claros,

Os últimos... pois já temos

Vosso mar e os campos.

E a ti obrigaram, meu único amigo,  
Meu Yakiw bondoso, não pela Ucrânia,  
Mas por seu carrasco, teu sangue verter.  
Era teu destino, do cálice amargo,  
Licor moscovita, o veneno, beber!  
Amigo sincero, mano inesquecível!  
Sejas bem-vindo com tua alma imortal  
Com os companheiros-cossacos voando  
As covas violadas na estepe guardar.  
Derrama com eles lágrimas ardentes  
E espera por mim do desterro voltar.

Semearei, por enquanto,  
Meus versos doídos,  
Que eles cresçam e conversem  
Com o vento amigo.  
Este vento que à Ucrânia,  
Com orvalho fresco,  
Carregar-te-á os mesmos  
Com pesar fraterno.  
Tu lerás meus pensamentos  
Quieto, penetrado...  
O mar, túmulos, estepes  
E este irmão lembrando.

*KOBZÁR, Kyiw, 1971*

1. Neste poema, Chevtchenko solidariza-se com a Geórgia, cobiçada pela Rússia czarista.
2. Tchurek – pão, tipo árabe.
3. Sacla – cabana georgiana.

## O SONHO

(Comédia)

(Os poemas CÁUCASO e O SONHO estão compostos em conjuntos de versos de ritmos diferentes. Dentro do mesmo conjunto, há mudanças repentinas no comprimento dos versos, com sínopes e elipses, que caracterizam o verso chertchenkiano como “verso emotivo”).

*“O Espírito da Verdade, que o mundo não pode  
aceitar, pois não o vê nem o conhece.”*

João, XIV, vers. 17

Cada qual tem seu destino,  
Seu caminho vasto;  
Um constrói, um destrói:  
Com olhar nefasto  
Os confins do mundo mede,  
Busca a terra nova  
Para espoliar e consigo  
Levar para a cova.  
Um descasca com baralho  
Uma casa amiga,  
Um afia às escondidas  
A arma fratricida.  
Um, quietinho, piedoso,  
Manso, mas atento,  
Como um gato se aconchega,  
Aguarda o momento –  
Zás! teu fígado perfuram  
Garras venenosas;  
Não adiantam choros-rogos  
Dos filhos, da esposa.  
Um, magnânimo, edifica  
Igrejas, capelas,  
Diz-se o protetor da pátria



Acendendo velas  
Ao beber teu sangue vivo –  
Qual água, malvado,  
E os compadres calam, tolos,  
De olho esbugalhado.  
Como ovelhas: “Pois que seja,  
Talvez, é preciso.”  
É preciso! pois não reina  
Deus no paraíso!  
Vós que padeceis no jugo  
Desta sina triste  
Aguardais um céu na terra?  
O céu – não existe.  
É quimera. Tomai juízo,  
Irmãos e inimigos:  
Os filhos de Adão são tzares,  
Tanto o são mendigos.  
Mais aquele... mais aquele...  
E eu, boa gente?  
Dia e noite só festejo –  
Triste ou contente.  
As censuras não me atingem,  
Ergo o copo cheio,  
Pois eu bebo o próprio sangue,  
Não sangue alheio.

Voltando ao longo do cercado,  
À noite, após banquetear,  
Assim me pus a matutar  
Até chegar a meu reinado.  
Não gritam filhos no meu lar,  
A esposa – não ralha,  
Sossego se espalha,

Paira o divino bem-estar  
Na casa e na alma.  
Deitei-me, com calma.  
E quando dorme um beerrão,  
Nem dos canhões a salva  
Consegue acordá-lo então.  
Um sonho estranho vem ao ébrio:  
Até o mais sóbrio  
Queria estar embriagado,  
O avaro teria dado  
Um bom ducado, por olhar  
Visões que tive ao sonhar:  
Uma ave augural, escura,  
Uma coruja taciturna  
Levanta o vôo sobre os prados,  
Verdes campos e descampados,  
Largas estepes, povoados,  
Rios alados.  
Eu sigo com pesar profundo,  
Despeço-me do mundo:  
“Adeus, mundo, adeus, terra,  
País inimigo,  
Minhas dores, minhas mágoas  
Levarei comigo.  
A ti, minha pobre Ucrânia,  
Viúva sem sorte,  
Visitarei das alturas,  
Das nuvens da morte.  
Vamos consolar-nos, tristes,  
Com amor intenso,  
Eu te cubro à meia-noite  
Com orvalho denso.  
Virei, até o sol desponte

E tu não mais chores,  
E teus filhos se revoltam  
Contra os invasores.  
Adeus, minha mãe querida,  
Viúva cativa,  
Crie os filhos: Deus é dono  
Da verdade viva!”

Vejo: eis o sol desponta,  
O Leste chameja  
E o rouxinol da floresta  
Seu dia festeja.  
Os ventos tornam estepes  
Encantados magos,  
Os salgueiros verdejantes  
Miram-se nos lagos.  
Os pomares se inclinaram  
Do fardo pesado,  
Quando os freixos, como guardas,  
Falam com o prado.  
Esta terra benfazeja  
Em beleza nata  
Florescente, banha o corpo  
No orvalho de prata  
E saúda o sol nascente  
Dos confins dos ermos,  
E não há princípio nisso,  
Não existe um termo.  
E ninguém é tão potente  
Para destruí-lo...  
Por que triste estás, minh'alma,  
Ao mirar aquilo?  
Ó pobre alma, por que choras  
Lágrimas amargas?

Por que tenho pena? Pois tu não enxergas,  
Não ouves soluços doloridos no ar?  
Então, abre os olhos, enquanto voar  
Acima das nuvens cinzentas comigo.  
Lá não mais existem governo, castigo,  
Não ouve-se risos nem prantos soar.  
Repara! No teu paraíso de lendas  
Arrancam do mísero a veste em remendos,  
Com couro a arrancam! Pois devem calçar  
Filhotes do tzar. Ó cenas horrendas!  
A viúva não paga o imposto. A rir  
A pregam na cruz. E sua esperança,  
Seu único filho, da idade fiança,  
Algemam e levam à força servir  
No exército. Vê! Sob a cerca – criança  
Inchada de fome. Sua mãe – ai que dor!  
Trabalha no campo do rico senhor.

E lá – vejam olhos, olhos!  
(Por que não dois pregos?)  
Por que, olhos, não ficastes  
De lágrimas cegos?  
A perdida. Com seu filho,  
Cansada, desfeita,  
Os próprios pais a repelem,  
Todos a rejeitam,  
Até o mendigo a despreza –  
E o senhor – ignora,  
Com a vigésima, as almas  
Bebendo devora.  
Ouve Deus além das nuvens  
Nossos choros, prantos?  
Talvez ouça, como os montes

Que sepultam tantos  
Ancestrais, regados sempre  
De sangue humano...  
Minh'alma, tu infortunada!  
Vamos embriagar-nos  
Com as ervas venenosas,  
Dormir sem alento,  
Mandaremos até a Deus  
Este pensamento:  
Quantos reinarão verdugos  
No mundo sangrento?

Voa tu, meu canto, meu cruel castigo,  
Leva junto mágoas, lágrimas e dor,  
Tua companhia, teu amargo amor.  
Suas mãos te embalaram, pesadas. Contigo  
As leva, soltando nos ares de anil  
A horda maldita, o presságio vil.

Que negreje, que chameje,  
Labareda sopra,  
Que o dragão com bafo podre  
Cubra o chão de morte.  
Meu coração, eu o guardo  
Em qualquer recanto  
E buscarei paraíso  
Sem ti, triste canto!  
De novo vôo sobre a terra,  
De novo me despeço dela.  
É penoso o abandono  
Do lar sem telhado,  
Mais penoso é ter na vista  
Lágrimas, andrajos.

Estou voando. O vento gela,  
A neve ao redor branqueia.  
Sobre pântanos, colinas –  
Ermos, lácteas neblinas.  
Não ouço o ser que aí habita,  
Não vejo rastros dos seus pés –  
Meus inimigos! Pois adeus!  
Não voltarei nem de visita.

Festejai, embriagai-vos  
Com sangrento vinho!  
Entre as neves, para sempre  
Dormirei sozinho.  
Até que enfim descobrires  
Um país formoso  
Não regado pelo sangue,  
Terei meu repouso...  
Descansarei... Eis que escuto  
Os grilhões dos presos  
Arrastar-se sob a terra.  
Oh, povo perverso!  
De onde vieste? O que fazes?  
O que buscas, cego,  
Sob a terra? Nem nas nuvens  
Acharei sossego,  
Nem no céu!... Por que me esmaga  
Esta dura farda?  
A quem fiz um mal terrível?  
Que mão, tão pesada,  
No coração bota chamas,  
Mas no corpo a alma  
Escraviza e como a corvos  
Meus cantos espanta?

Por quê – não sei – mas sofro penas  
Sem sono e descanso.  
Quando terei um alívio,  
Em que dia alcanço  
O fim do martírio?

Mexeu-se o ermo desolado:  
Como do túmulo apertado  
Cadáveres a terra invadem  
Para ouvir do Juiz verdade.

Não são mortos os que vieram  
Pedir julgamento!  
E sim, com corpo e alento  
Vivos, em algemas!  
Arrancam ouro das minas  
Para molhar goela  
Ao ávido... são cativos.  
Sabe o prepotente  
Se por crimes, ou por serem  
Os filhos da gente...  
Um gatuno carimbado  
Com grilhões pendentos,  
Um ladrão martirizado  
Range com os dentes,  
Quer matar o companheiro  
Já quase acabado.  
E no meio, de cadeias  
No corpo e mais nada,  
O rei do universo sofre, –  
Cabeça raspada.  
Não chora de dor, não geme  
E não pede nada.

Seu coração incendiado  
De bem – não se apaga.

Onde estão teus cantos – flores primorosas,  
Audazes, cuidadas crianças formosas?  
A quem tu as legaste, meu amigo-irmão?  
Ou na alma lhes deste sepulcro? Oh, não!  
Não prenda-as, irmão! Espalha-as na terra,  
Que cresçam no meio da gente fraterna.

Tributo ainda? Ou, já basta?  
Basta, basta, pois geada  
O pensar embala.

De novo vôo. O mundo gira,  
Dormita a mente, a alma esfria.  
Reparo: casas junto a estradas  
E cem igrejas enfeitadas.  
Nos burgos, entre tantas obras,  
Eis os campônios em manobras:  
Alimentados, bem calçados,  
Mas em algemas – são soldados!  
Exercitando... Olho e vejo:

Na baixada, como em cova,  
A cidade – toda nova! <sup>1</sup>  
Sem limites, sobre o brejo,  
Sob a nuvem que negreja.  
Talvez – turcomana,  
Talvez – alamana,  
Talvez – moscovita...  
Palácios, igrejas,  
Senhores com pança –  
Nenhuma choupana.



Anoitece. Surgem fogos  
De todos os lados,  
De dar susto. “Hurra! Hurra!”  
Gritam extasiados.

“Gritais, porque pegais fogo,  
Gente desvairada?”

“Que campônio! Tu não sabes  
Que temos parada?  
ELE PRÓPRIO se digna  
Hoje estar contente.”

“Onde está vossa tetéia?”

“No palácio, rente.”

Aos empurros – um patricio.

Dei uma topada

Nos botões de zinco. “Donde  
Vieste, camarada?”

“Da Ucrânia.” “Não conheces  
A fala erudita

Das pessoas cá do Norte?”

“A linguagem dita

Sei falar, porém não quero.”

“És estranho, vejo,

Mas eu sirvo aqui e conheço  
Todos os manejos.

Com prazer te levo à corte,

Podes ir comigo,

Mas solte uma gorgetinha  
Para teu amigo!”

“Vai-te embora, desprezível,  
Mísero tinteiro!”

E de novo invisível

Caminhei certo

Até chegar ao palácio.  
Que esplendor, que cores!  
Deus do céu! Eis porque todos  
Estes lambedores  
De sobejo. Eis O PRÓPRIO –  
Alto, carrancudo  
Vem chegando. E a seu lado  
Tzarina pontuda  
Como vara, – um bagulho  
De cabeça bamba,  
Cogumelo ressequido  
Sem encanto e graça.  
Esta a deusa tão cantada?  
Oh, que desencanto!  
E eu, tolo, acreditava,  
Sem te ver, no encanto  
Que contavam teus cantores  
De focinhos chatos  
Nos borrões de seus poemas,  
Comprados barato.  
Como sou singelo, bobo!  
Dei fé numa lenda  
Moscovita! Eis que cai  
Dos olhos a venda!  
Atrás dos deuses – pançudos,  
Beiçudos senhores,  
Qual uns porcos bem cevados,  
Em prata e em ouro.  
E suando, se empurrando,  
Querem chegar junto  
Dos ídolos, que se dignem  
Lhes dar um cascudo,  
Um bofetão. Pelo menos

Um soco, ou meio,  
Mas plantado bem na cara.  
Colocaram-se na fila  
De língua amarrada.  
O tzar fala em estrangeiro,  
E sua tzarina,  
Qual ema por entre as aves,  
Pernalta, saltita.  
Muito tempo passeavam  
Qual mochos inflados  
E baixinho conversavam –  
Não ouvi de lado –  
Sobre a pátria, me parece,  
E as forcas peritas,  
E manobras eficientes!...  
Depois a tzarina  
Assentou-se num banquinho.  
O tzar que chegara  
Perto do mais alto, dá-lhe  
Um soco na cara.  
Tonteando, o pobre diabo  
Dá um murro medonho  
Na barriga do próximo.  
Este caratonho  
Dá um bofetão entre as costas  
Ao menor coringa,  
Com um coice no inferior  
O dito se vinga.  
E o inferior os mais miúdos  
Batuca e amassa  
De outro lado da soleira.  
E a mísera massa  
Com desvario, sem parar,

Berra: “Diverte-se o nosso tzar!  
Hurra! Hurra! A-a-a!”  
Dei gargalhadas a valer,  
E apanhei deveras.  
Muito tarde, todo o mundo  
Caiu por terra.  
Os náufragos ortodoxos  
Ao gemer, deitavam,  
E, gemendo, ao bom Deus  
Pelo tzar oravam.  
Era de rir e de chorar!  
Caminhei sem guia  
Na cidade: só palácios,  
E noite é qual dia.  
Sobre o rio silencioso  
Com margem calçada  
De pedra, eu olho absorto,  
De alma desvairada.  
Um pântano em um milagre  
Aqui transformaram;  
Quanto sangue de inocentes  
Aqui derramaram  
Sem uma arma! Eis o forte,  
Eis o campanário  
Tão pontudo como agulha:  
Que estranho cenário!  
Os relógios tricolejam,  
E, virando as costas, –  
Um cavalo com seus cascos  
Despedaça a rocha!  
Sobre o dorso – cavalheiro,  
Sem boina a cabeça,  
Coberta com uma folha –

Bizarra quimera!  
Seu cavalo a empinar-se  
Salta para frente,  
Pelo rio. E ELE PRÓPRIO  
Sua mão estende  
Para tomar nossa terra,  
O universo inteiro.  
Sobre a pedra está gravado:  
“SEGUNDA A PRIMEIRO”.<sup>2</sup>  
Compreendi como surgiu  
Essa maravilha:  
O Primeiro crucificou  
A nossa Ucrânia,  
E a Segunda injustiçou  
Viúva e orfãzinha.  
Antropófagos! Carrascos!  
De usura eterna  
Quais tesouros carregastes  
Para vosso inferno?  
Senti um peso de pedra  
Na alma angustiada,  
Como se eu lesse a história  
Da própria Ucrânia.  
Neste tempo, algo estranho  
Baixinho cantava,  
Algo triste e invisível:

“Da cidade de Ghlukhiw<sup>3</sup>  
Munidas cohortas  
Saíam às obras.  
E eu fui chamado  
À capital com cossacos –  
Ghet’man soberano!<sup>4</sup>

Oh, meu Deus, misericórdia!  
E tu, tzar-tirano,  
Tzar maldito, traiçoeiro,  
O que tu fizeste  
Dos cossacos? Com seus ossos  
Pântanos encheste.  
Esta capital ergueste  
Sobre os santos corpos  
De cossacos massacrados,  
E, vivo entre os mortos,  
A mim, ghet'man, tu com fome  
Mataste no inferno  
Do teu cárcere terrível.  
Nem o Deus eterno  
Livrar-nos-á, um do outro,  
Presos com algemas.  
Como amargo é o destino  
Sobre o rio Neva.  
Ucráina, lá, ao longe,  
Talvez nem existe,  
Como ave eu voaria,  
Mas Deus não permite.  
Talvez Moscou a queimara,  
O Dnipró preclaro  
Derramara no mar azul,  
E os túmulos altos –  
Nossa glória – revolvera...  
Meus Deus, piedade!”  
E calou-se. Mas a nuvem  
O céu claro invade.  
E na nuvem algo uivando  
Qual bicho do mato.  
Não é nuvem. É pássaro

Que desce voando,  
E sobre o tzar desumano  
Vem se lamentando:  
“Somos contigo algemados,  
Dragão monstruoso,  
No Juízo Final não busques  
A Deus generoso,  
Nós de ti o esconderemos.  
Na tua geleira  
Arrastaste nus, famintos  
Para o estrangeiro  
Pois de púrpura teu manto  
Foi-nos arrancado:  
Nossa pele! e com duras  
Veias costurado.  
Tu fundaste esta cidade  
Em régio vestido:  
Alegra-te, mau carrasco,  
Maldito, maldito!”

Dissipou-se. O sol se erguia,  
E tudo ouvido  
Gravou-se profundamente  
Em mim, comovido.  
Os humildes, ao trabalho  
Cedo se apressavam,  
E nos campos, os recrutas  
Cedo manobravam.  
Pelas ruas caminhavam  
Cansadas meninas,  
Não da casa, para a casa!  
As mães impeliam  
A trabalhar toda a noite

Pelo pão de dia.  
Eu, curvado, cismo, penso  
Como muita gente  
Tem que ganhar seu pão duro,  
Amargo, dolente.  
Eis se apressam ao senado  
Os nossos compadres  
Para apor assinaturas  
E roubar, covardes,  
Seus pais, irmãos... E entre eles –  
Os compatriotas  
Em russo já mandam brasa  
E riem e arrotam,  
Maldizendo os genitores,  
Pois que não souberam  
Tagarelar em alemão  
E tolos morreram.  
Talvez o pai a última rês  
Tivesse vendido,  
Para que seu filho fosse  
Em russo instruído.  
Sanguessugas! Vês, Ucrânia,  
A prole distinta,  
Tuas flores primorosas,  
Regadas de tinta...  
Com veneno moscovita,  
Na estufa estrangeira  
Abafados!... Chora, ó mãe,  
Sem filhos-herdeiros!  
Fui olhar o que se passa  
No salão da festa:  
Numa fila se puseram  
Oficiais, nobreza.



Barrigudos, bufam, roncam –  
Uns perus inflados!  
Para a porta, de soslaio,  
Olham intrigados.  
Abriu-se afinal a porta,  
E pra frente avança  
Um urso enorme,<sup>5</sup> mostrando  
Sua vil carranca,  
Tão inchada e azulada:  
A ressaca braba  
Torturava. Deu um urro  
Às panças infladas,  
E os inflados dentro do chão  
Somem, esvaecem.  
Esubalhou o urso os olhos, –  
Todos estremecem  
Que restaram. E o raivoso  
Aos seus inferiores  
Grita: Veja: Somem estes,  
E ainda menores.  
Ele urra aos serventes,  
E estes desvanecem,  
Dá berros a seus soldados –  
E desaparecem  
Sob o solo. Tão estranho, –  
Terra desolada...  
Eu indago: qual seria  
O fim da charada?  
Meu ursinho está trombudo,  
Tão só, com certeza.  
Onde se meteu temível,  
Feroz natureza?  
Igual a um gatinho manso...

Dei uma risada.  
Ele gaguejou, coitado.  
Com esta virada  
Assustei-me, despertando  
Dos quadros danados  
Que só vêem os malucos  
Ou embriagados.  
Pois desculpem, meus amigos,  
Por este relato:  
Foi um sonho extravagante.  
Nada de sensato.

*KOBZÁR, Kyiw, 1971*

1. St. Petersburgo, fundada em 1703.
2. O monumento foi erguido por Catarina II (1729-1796) a Pedro I (1672-1725).
3. De 1708 aos meados do século XVIII – capital dos ghet'mans ucranianos.
4. Paulo Polúbotok, morto em 1724, no forte de Pedro e Paulo.
5. O tzar Nicolau I.

## IAKIW CHTCHÓGHOLIW

Iakiw Chtchógholiw (1824-1898) nasceu na região de Kharkiw, onde terminou os estudos universitários, tornou-se alto funcionário público e onde morreu. Publicou duas coletâneas: RIO VORSKLO (1883) e SLOBOJANCHTCHYNA (1898). Segundo o crítico Yefremiw, suas poesias parecem serenas e contemplativas que, no entanto, “como pinturas tranqüilas provocam arrepios”. O neoclássico Mykola Zerow o coloca entre os maiores líricos ucranianos.

### AI, EU TINHA UM BOM CAVALO

Ai, eu tinha um bom cavalo,  
Um cavalo endiabrado,  
Tinha o sabre e a escopeta  
E uma moça feiticeira.

O primeiro já mataram,  
O segundo já envergaram.  
A escopeta já quebrou-se  
E a amada desprezou-me.

Pela estepe sobranceira  
Passam tropas com bandeiras,  
E eu sigo meu arado  
Pelo campo ressecado.

Hê, hê, hê, meu boi sombroso!  
Longa nesga – o campo em colmos...  
Sopra o vento da colina,  
Ferve minha caldeirinha.

Quem no bosque está – responde!  
Quem no campo queda – volve!  
Antes que a neblina desça,  
Compartilha nesta ceia!

Chamo... Morre meu chamado,  
Surge a lua sobre o prado,  
Sopra o vento da colina,  
Arrefece a caldeirinha.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922*

## LEONYD GHLIBIW

Leonyd Ghlibiw (1827-1893) junto com Yewghén Ghrebinka é o maior escritor de fábulas na língua ucraniana. Nasceu na propriedade dos fidalgos Rodzianka perto de Poltava, onde seu pai era administrador. Teve uma infância feliz no meio de uma atmosfera de tradição e calor humano. Tendo terminado os estudos, tornou-se professor de História e Geografia. Em Tchernyghiw, principiou a publicar um semanário que após dois anos foi proibido pelo governo czarista russo, e o redator perdeu o trabalho pelas idéias nacionalistas. De 1863 em diante Ghlibiw sofreu de doenças e perdas dolorosas até que a morte o veio libertar.

### A RÃ E O BOI

A rã saiu a passear,  
Ao sol as costas esquentar.  
Olhou o boi  
E disse com ardor ao companheiro  
(Esperta foi!)  
– Que majestoso aquele corpo inteiro!  
Será que eu serei seu par  
Se bem me inflar?  
Os sapos vão se admirar!  
– Mas não convém tentar...  
Assim a outra começou.  
Em vão! A rã de ar se inchou:  
– Vê, mano, agora estou maior?  
– Nem um pouquinho, meu amor!  
– E agora? Veja bem, maninho!  
– Nem um pouquinho!  
A rã não ouve – se infla de ar,  
Ao boi querendo se igualar...  
E o que aconteceu, então?  
Arrebentou-se de tensão!

Existem sapos ao redor  
Que mudam forma, mudam cor.  
Mas o melhor é respeitar  
O que bom Deus nos quis legar.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucrâniana, Berlim, 1922*

## STEPÁN RUDANSKY

Stepán Rudansky (1830-1873) nasceu na região de Podila. Foi médico em Yalta, na Criméia. Teve uma vida familiar infeliz. Seu pai forçou-o a utilizar somente a língua russa, mas Rudansky não abandonou o idioma materno. Ao lado de poemas históricos, escreveu poesias líricas e traduziu as obras de Homero, Virgílio e Lermontov para o ucraniano. Sua fama, porém, ficou definitivamente consagrada com a coletânea SPIVOMOWKY (1882), onde o poeta guarda o tesouro de humor do seu povo.

### A VELHA NA IGREJA

Uma velha foi à igreja,  
Comprou muitas velas,  
Em frente de cada santo  
Colou uma delas.

Inda lhe sobraram duas.  
Onde colocá-las?...  
– Ao ícone de Nicetas,  
Disse, – vou levá-las.

A velha encontrou o santo  
Malhando o capeta.  
Uma vela – a São Nicetas,  
Outra – à cara preta.

Vendo aquilo, grita o povo  
Escandalizado:  
– O que fazes, velha? – dizem, –  
Não vêes? É o malvado!

Mas a velha respondeu-lhes:  
– Quem conhece a sorte  
Para onde será mandado  
Após sua morte:

Se no céu, ou se no inferno?  
Não ralhem comigo:  
Em todo o lugar, ó gente,  
Convém um amigo!

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922*



## OSYP YURY FED'KOVTCH

Osyp Yury Fed'kovytch (1834-1888) nasceu na região de Bucovina, perto de Vyjnytsia, e morreu em Tcherniwtsi. Apesar de ser descendente da nobreza, tomou parte no levante ghutsulo<sup>1</sup> contra os nobres que oprimiam o povo. Viveu na Moldávia. Estudou as literaturas alemã e espanhola, escreveu poesias alemãs e de 1861 em diante passou a escrever em ucraniano, tendo grande repercussão. (O escritor russo Turgueniev encantou-se com suas poesias.) Após servir certo tempo como soldado austríaco e ser fazendeiro e inspetor na Bucovina, mudou-se para Lviw, onde editou o jornal PROSVITA (= Clarificação). Sua linguagem poética é semeada de vocabulário regional ghutsulo.

### TCHORNOGHORA

Assim se chama esta montanha escura  
Que se ergue, soberana e orgulhosa;  
As têmeoras augustas lhe circundam  
As rútilas estrelas, em coroa.  
Os vendavais, em turbilhões de neve  
Envolvem-lhe a cabeça, como em lenços,  
De seda, ervas, flores a revestem,  
Granito azul é o trovejante peito.  
Os montes ao redor inclinam fronte  
Diante de sua frente coroada;  
Trazei damascos, vós, palácios nobres,  
Trazei veludos, vales e montanhas!  
Eis a Montanha Negra que ressoa:  
Eis Tchernoghora!

*POESIAS DE OSYP YURY FED'KOVTCH, Lviw, 1902*

<sup>1</sup>. Ghutsulos – habitantes dos Cárpatos ucranianos.

## IVÁN FRANKÓ

Iván Frankó (1856-1916) nasceu perto de Borysláv, como filho de um ferreiro. Terminou o ginásio em Droghobytch, estudando mais tarde na Universidade de Lviw, onde sob a influência de Mykháilo Draghamanow começou a escrever, utilizando-se da língua do povo. Doutorou-se em Viena e candidatou-se para o cargo de catedrático de Língua e Literatura Ucraniana na Universidade de Lviw, mas por motivos políticos (era socialista) não foi aceito. Tornou-se colaborador da Sociedade Literário-Científica Tarás Chewtchenko e redator-chefe do ARAUTO LITERÁRIO-CIENTÍFICO. É o segundo maior poeta ucraniano, o maior poeta da região da Galícia. Sua cultura era imensa, sua herança conta com centenas de obras. Escreveu em prosa e verso romances, contos, dramas, ensaios críticos, poemas; era também historiador, sociólogo, filólogo e político. Entre suas obras literárias destacam-se os contos BOA CONSTRICTOR (1876), O PEQUENO MYRON (1879); os romances BORYSLÁV SORRI (1881), ZAKHÁR BERKÚT (1883); a coletânea de poesias líricas FOLHAS MURCHAS (1896); a epopéia satírica A RAPOSA MYKYTA (1891); os contos em verso de elenco árabe OS CHINELOS DE ABU KASIM (1895) e O FERREIRO BASSÍM (1900); mas principalmente os poemas épicos ENTERRO (1895), IVÁN VYCHENSKY (1896) e MOISÉS (1905). O último foi publicado em português, no Rio de Janeiro, no ano de 1981.

### Ó VIOLA INFELIZ

Ó viola infeliz, dissonante!  
Quantas mãos insensatas e vis  
Macularam tuas cordas gentis,  
Tu ficaste perdida por diante.

Ferem ar os acordes nervosos  
E perdeu-se tua afinação.  
Tu procuras teu mestre em vão  
Que teus cantos reviva orgulhosos.

SELEÇÃO DE OBRAS, Nova York – Paris, 1956

## REBELDE GÊNIO

Rebelde gênio imortal!  
Tocado de Eternidade  
Pela honra e liberdade  
Perduras belo e total.  
Nem o fogo da Inquisição  
Nem a arte de espionar  
Nem dos tzares a prisão  
Nem soldados aguerridos  
Nem dos canhões os rugidos  
Te puderam derribar.

Tu vives, sempre atual!  
Há milênios renascendo  
E pelo mundo estendendo  
Teu poder de vendaval.  
Firme e erecto vais andando  
À luz teu passo apressando  
Soando forte a trombeta  
Levando povos à meta.  
Acorre a turba veloz  
Seguindo o som da tua voz.

Voz que se ouve no interior  
Das casas pobres, das minas,  
Das lóbregas oficinas  
Moradas de angústia e dor.  
Dos lugares onde passa  
Afasta penas, desgraça;  
Gera força, teimosia  
Não de pranto – de alegria  
Nos jovens, fá-los lutar  
E a ventura conquistar.

Rebelde gênio imortal!  
A força do pensamento  
Não pode, em nenhum momento,  
Ser detida pelo mal.  
Vis ruínas derrubando  
A avalanche vem rolando,  
Nada no mundo a desvia  
Ninguém barra sua via.  
Pois quem consegue apagar  
O sol em seu despertar?

LÍRICA, Kyiw, 1966

## **PARÁBOLA SOBRE BELEZA**

Aristóteles, sábio da mente veloz,  
Esta máxima para Alexandre compôs:

“Mais que a espada, e o fogo, e a seta, e o punhal  
Uma bela mulher é uma arma fatal.

Só a ciência, o estudo e a velhice sagaz  
Contra a mesma sustentam o escudo tenaz.”

Aristóteles vai meditar no pomar –  
Eis que Aglaia se achega com fogo no olhar,

Esta Aglaia, de quem a beleza sem par  
Exaltavam na terra, nos céus e no mar.

Com sua língua afiada e o capricho mordaz  
De infinitas diabruras ela era capaz.

Aristóteles bem a beldade fitou,  
Ao passar junto dela, até o chão se inclinou

E lhe disse: “Felizes que podem te ver,  
A teus pés eu coloco meu todo saber.

Se cederes ser minha um instante sequer,  
Pede tudo de mim que teu peito quiser.”

Um sorriso responde: “É uma honra que enfim  
Repousaram teus olhos preclaros em mim.

Toda a Grécia te exalta, feliz, sem parar,  
A teu gênio nada eu posso negar.

Eu sou tua. Dispõe de mim, meu amor,  
Só que em troca te peço um pequeno favor:

No teu dorso uma hora me deixa montar  
Pelos tortos caminhos no umbroso pomar.”

E o sábio sorriu: “Caprichosa mulher!  
Prometi-lhe. Não posso mais retroceder.”

E despiu a clâmide, as costas curvou,  
Seus olhos Aglaia com um lenço velou  
E incitando-o com vara, no sábio montou.

Rastejando este chega à clareira, sem ver  
Alexandre e a corte que em doce lazer

Fazem mentes sorrir, alegrar corações  
Entre liras, poemas, cirandas, canções.

Eis Aglaia exclama com língua de mel:  
“Anda, corre depressa, meu burro fiel!”

E no centro da corte real o conduz,  
Pula, tira o véu... e derrama-se a luz

Nos olhos do sábio... Sob os raios do céu  
Nunca antes havia semelhante escarcéu!

Aristóteles, sábio da mente veloz,  
Esta máxima para Alexandre compôs:

“Mais que a espada, e o fogo, e a seta, e o punhal  
Uma bela mulher é uma arma fatal.

Nem a ciência, o estudo e a velhice sagaz  
Contra a mesma sustentam o escudo tenaz,

E só aquele que cego ou morto já for  
No combate com ela será vencedor.”

SELEÇÃO DE OBRAS, Nova York – Paris, 1956

## MOISÉS

### PRÓLOGO

Meu povo sofredor e mutilado,  
Igual a um lazarento no monturo,  
Pelo desdém dos homens ultrajado!

Que angústia vivo em teu destino duro!  
Foge-me o sono em queimação de pejo,  
Que marcará teus filhos no futuro.

Acaso está fixado teu ensejo,  
Servir de adubo para o mau vizinho,  
Puxar-lhe a carruagem sobre o brejo?

Terás a sina de curtir sozinho  
Esse ódio surdo em falsa humildade  
A todos os traidores no caminho

Que te forçaram, preso, à lealdade?  
Será que nunca chegarás ao gozo  
No revelar da força imensidade?

Em vão ardiam corações penosos  
Oferecendo a ti o amor sagrado  
E corpo e alma – sempre generosos?

Em vão teu solo em sangue está banhado?  
Não provarás, radiante, a alegria  
De florescer em graça e liberdade?

Em vão na tua fala resplandece  
Humor, saudade, brio, formosura  
E tudo o que o espírito enaltece?

Debalde no teu canto flui ternura,  
Sonoros risos, queixas amorosas  
E da esperança labareda pura?

Oh não! Não estas claves dolorosas  
São teu quinhão. No espírito teu creio,  
No teu porvir em viva luz gloriosa.

Se todos nós ardêssemos de anseio  
De provocar uma onda abrasadora  
Com a palavra vivida no meio!

Se viesse uma canção animadora  
A arrebatá-los para a meta salvadora!

Mas aí de nós, sem rumo nem abrigo,  
Por dúvida e vergonha atormentados,  
Não nós te salvaremos do inimigo.

Porém, com povos livres a teu lado,  
Hás de esplender ainda, chamejante,  
De Cárpatos cingido, venerado,

Teu brado ecoará o Mar Negro avante;  
E velarás – legítimo herdeiro –  
Pelo teu lar e o campo verdejante.

Meu canto aceita, triste, mas certo,  
Confiante em tua luta, em teu empenho,  
Penhor do teu futuro verdadeiro:

Um simples dote às bodas de teu gênio.

## **POEMA**

### **I**

Quatro décadas, no ermo, Moisés  
Vagueou sem destino  
E chegou com seu povo, afinal,  
Ao limiar palestino.



Eis – ferrugem de areia ao sol,  
De Noab nuas pedras,  
Mais além – azuleja o Jordão  
Com sedosas ribeiras.

No deserto ficou Israel,  
Nestes vales, errante,  
E não sente o prazer de passar  
Pelos montes avante.

No seu sono indolente pegou  
Sob as tendas rasgadas,  
E mordiscam seus burros e bois  
Secos cardos e sarça.

Que o feliz prometido país  
– Esmeraldas, safiras –  
Logo além das montanhas reluz,  
Julga lendas, mentira.

Todo o tempo, o profeta falou  
Sobre a terra sagrada  
Com palavras de fogo e amor –  
Ignoraram a fala.

O Jordão de safiras azul  
E seu vale luzente  
Pareciam brincar de esconder  
E puxar para frente.

E, cansado já, o povo exclamou:  
– Ó profeta demente!  
No deserto morar e morrer  
É o destino da gente! –

Desistiu de esperar, desejar  
Sem certeza da rota  
E mandar mensageiros olhar  
A distância ignota.

Cada dia de morno calor,  
Entre as pedras peladas,  
Dorme, inerte, o inteiro Israel  
Sob as tendas rasgadas.

Só as mulheres trabalham a lâ,  
Assam carne na brasa,  
E mordiscam seus burros e bois  
Secos cardos e sarça.

Mas seus filhos inventam sem fim  
Brincadeiras com arte:  
Ou guerreiam, ou plantam jardins,  
Ou constroem cidades.

E seus pais, sacudindo a cismar  
Sonolentas cabeças,  
Olham sua ninhada brincar  
Com descrente surpresa:

No deserto, eles vêem jamais,  
Nem escutam aquilo.  
Ou será que o profeta falou  
Pelo sangue dos filhos?

## II

Um no meio daqueles judeus  
Não repousa na tenda,

E nas asas da dor, do pesar,  
Sobre os montes se eleva.

É Moisés, o profeta-ancião,  
Esquecido, sem forças,  
Sem família, rebanhos e bens,  
Quase à beira da cova.

O que tinha na vida – legou  
Para a única idéia,  
A queimar, a sofrer, a luzir –  
Uma frágil centelha.

Ele foi quem salvou da prisão  
Sua mísera gente,  
E mostrou ao escravo infeliz  
Liberdade nascente.

E, como alma das almas, buscou  
Com extático vôo  
As alturas sublimes dos céus  
Para o naufrago povo.

Sobre as ondas revoltas do mar  
Da cruel incerteza  
Ele, junto, tombava também  
Nas voragens imensas.

Mas agora sua voz já minguou,  
Extinguiu-se a brasa,  
Não escuta seus velhos pregões  
A moçada leviana.

O por Deus prometido país  
É-lhes mera legenda,  
Assar carne, comer requeijão –  
Eis a graça suprema!

Todo o Êxodo dos ancestrais  
Que deixaram o Egito  
Lhes parece tolice, torpor,  
Um atraso infinito.

Os seus chefes – Datan e Abiron –  
Não respeitam seu nome  
E retrucam a seus ideais:  
– Nossas cabras têm fome –

Quando o velho convoca a partir:  
– Não ferramos cavalos –  
Às promessas da glória final:  
– Gentes vão guerrear-nos –

Aos encantos da terra por vir:  
– Também cá não é feio –  
E lembrando o mandato de Deus:  
– Cala a boca, embromeiro! –

E o profeta lhes anunciou  
Uma nova desgraça;  
Abiron proibiu-lhe espalhar  
A sacrílega fala.

Adorando seu bárbaro Baal,  
No conselho supremo

Conseguiu Datan de Israel  
Este novo decreto:

“Quem se faz de profeta entre nós  
E bobagens ensina,  
Prometendo, sem nexo qualquer,  
Ira e graça divina,

À revolta seu povo conduz,  
Aos caminhos incertos,  
Prega buscas dementes, sem fim,  
Através do deserto,

Como exemplo a outro qualquer  
Que se julgue inspirado,  
Proclamamos, em nome da lei,  
Que será apedrejado.”

### III

Entardece, e do dia o calor  
Arrefece depressa,  
Sobre o monte, a bainha do céu  
Qual incêndio chameja.

Como chuva dourada, o frescor  
Se derrama, se estende,  
E começa nas tendas rumor  
Dessa nômada gente.

Devagar e com graça, lá vão  
Nos atalhos de pedra  
As hebréias com cílios de breu,  
Com as jarras vermelhas

Carregadas na frente: é mister  
Haurir água no poço.  
Para o leite de ovelhas, nas mãos,  
Levam sacos de couro.

A ninhada maior, no lazer  
Livre bicho do mato,  
Corre, grita, brincando a pegar,  
Ou atira dos arcos.

Um vagido na tenda qualquer,  
Ou um riso de moça,  
Alguém canta uma triste canção,  
Qual a estepe que chora.

Eis, os pais e os avós, afinal,  
Deixam tendas surradas,  
Pelos montes inóspitos, nus,  
Passam olhos, indagam:

Não se enxerga um guerreiro sagaz  
Na neblina amarela?  
Ou não traz o demônio do Sul  
Ventania de areia?

Tudo quieto. As queixas, então,  
São caseiras e calmas:  
– Cabras dão menos leite. Será  
A forragem escassa?

Pouca cria. E as mulas não têm  
O bastante de cardos.  
Procurar novos pastos, talvez?  
Porém onde encontrá-los?

Abiron aconselha a Median  
E Datan – outra terra.  
E Moisés? Este há de temer  
A sentença severa. –

De repente – zunir no arraial,  
Juntamento de enxame:  
São curiosos, é o vil povaréu  
A buscar novidades.

Que se passa? É um povo hostil,  
Ou um bicho medonho?  
Não! É o próprio Moisés a sair  
Da barraca, teimoso.

Os seus anos e o grande pesar  
Encurvaram seus ombros,  
Mas relâmpagos no temporal  
São seus rútilos olhos.

Apesar das branquíssimas cãs –  
Um adorno tão nobre –  
Duas mechas soberbas estão,  
Como chifres, à frente.

Ele vai até a praça central,  
Junto à tenda sagrada  
Que apontando da terra os confins  
Guarda o dom da Aliança:

Um sacrário, uma arca em latão,  
Conservada com zelo;  
Dentro jazem mandatos e leis  
Para o povo dileto.

Mas há tempo, ninguém dos judeus  
Do recinto se achega,  
Pois um grande respeito e temor  
Os afastam da tenda.

Uma pedra vistosa lá jaz  
Ao Oriente do toldo,  
Desta pedra costumam falar  
Oradores ao povo.

Nela sobe o velho Moisés,  
E recuam os homens:  
Será mesmo que há de pregar,  
Sem temer os mais fortes?

E terão que abater e pisar,  
Qual um tronco nefasto,  
A quem pais costumavam chamar  
“Pai do povo sagrado”?

O arrogante Abiron, ao olhar,  
Enrubesce de raiva,  
Atrás dele – sibila Datan,  
O demônio da massa.

IV

– Quero aqui declarar de antemão,  
Sem facundo prefácio,  
Que o desígnio de ontem é vil,  
Injuriante, insensato.

O decreto pretende selar  
Minha boca, minha alma;



Mas, contrário a tal decisão,  
Eu desato a palavra.

Que se lembre e compreenda, afinal,  
Essa prole maligna  
Que, calando-me eu, falará  
Até pedra sem língua.

Ontem foi que jurastes tapar  
Os ouvidos, ó tolos,  
Não às minhas palavras mortais,  
Mas de Deus poderoso.

Imprudentes! Pois Ele fará  
Revelar-se, decerto;  
E será Sua voz – um trovão  
A rolar no deserto.

Ele faz as montanhas tremer  
E ceder duros solos,  
E o soberbo, infiel coração  
Queimará no Seu fogo.

De que vale essa vã maldição  
À sublime aventura,  
Se é o vosso infeliz coração  
Que no exílio labuta?

Pois que nele botou Jeová,  
Qual fermento na massa,  
O mandato de sempre criar  
E buscar a distância.

Ontem vós desejastes a paz  
Dos perigos imune,  
Mas pedistes conselho de Deus  
Para a tal atitude?

Foi à paz convocado Abraão  
Com a tribo sagrada?  
Após Ur e Haran – Canaã  
Foi-lhes dada de graça?

Foi então para a paz que o Senhor  
Enviara Seus filhos,  
Impelindo-os com fome cruel  
Até as margens do Nilo?

Se quisesse manter-vos em paz,  
Qual na cripta um defunto,  
Viveríeis no Egito, quais bois,  
Arrastando seu jugo.

Vou falar-vos sem medo e temor,  
Vosso chefe, sim – guia,  
Que lutar contra Deus – sempre foi  
A pior ousadia.

Pois que o arco do Eterno já está  
Com tendão retesado;  
Esta seta que deve partir  
É Seu povo enviado.

Quando a seta está pronta a partir  
Para luta e empenho,  
Não convém que se queixe a dizer:  
“Eu desejo sossego.”

O que ontem jurastes aqui:  
Ignorar o profeta,  
Não ouvir as mensagens que traz,  
Ameaças, promessas, –

Desafio. Mantenho trazer  
Tradução e sentido  
Da vontade de Deus, que contém  
Recompensa e castigo.

Eu exijo ouvido de vós,  
Arrogantes, rebeldes!  
Quero ver a sacrílega mão  
Que apedreje o vidente!

V

– Não quisestes, insanos, ouvir  
A mensagem da graça,  
Como tolas crianças, ouvi  
Uma lenda profana:

Um as árvores, certa manhã,  
Conversavam no vale:  
“Escolhamos, amigos, um rei,  
Pela livre vontade.

Para termos ajuda leal,  
Esperança e defesa,  
Que de nós seja escravo e senhor,  
Tal estrada qual meta.”

E disseram algumas: “Chamai  
Como rei-soberano

O alto cedro que cresce tão só  
Sobre o Líbano vasto.”

E, de acordo, enviaram, enfim,  
O pedido sincero:  
“Desça, ó cedro, dos altos a nós,  
Seja um rei altaneiro!”

Mas o cedro soberbo lhes diz:  
“Que tolice dissestes?  
Devo eu para sempre deixar  
Os meus montes alegres?”

Abdicando ao brilho do sol,  
À vivência tão cara,  
E servir, o ente livre que sou,  
A uma turba malhada?

Vós ao cedro o cetro trazeis?  
Que frustrante proposta!  
Pois eu antes o mundo enfeitei:  
Sou seu rei com coroa.”

Logo as árvores foram pedir  
À palmeira nativa:  
“Tu, que cresces no meio de nós,  
Sê a nossa rainha!”

Respondeu a palmeira: “Irmãos,  
Que insensata esta idéia!  
Fazer ordem e vos governar –  
Não é minha tarefa.

Para que eu pudesse cumprir  
Um intento pesado,  
Eu teria de vez que abdicar  
A meus doces damascos.

Deveria o esplêndido sol  
Tocar seivas maduras  
Com seus raios fecundos em vão,  
Sem torná-las em frutos?

Que governe-vos seja quem for,  
Não assento no trono,  
Pois prefiro na sombra doar  
Dos meus frutos consolo.”

E curvaram-se as plantas de dor  
Sob as nuvens tremendas,  
Pois nenhuma das árvores quis  
Aceitar a oferenda.

“A roseira, talvez, escolhei!”  
Mas, de balde: é tão prosa  
Sem coroa – uma planta real  
Com divina corola.

Ao carvalho vieram pedir,  
Mas, como um fazendeiro,  
Este estava cuidando dos bens  
No seu verde outeiro.

Foram juntas à bétula, mas  
A mimada donzela  
Suas tranças ao vento soltou,  
Aos pedidos alheia.

Gracejou qualquer uma no fim  
Com um tom zombeteiro:  
“Seja nosso supremo senhor  
Um arbusto: espinheiro.”

Aclamaram-no as plantas, então,  
Com aplauso sublime  
E pediram que fosse seu rei  
O espinheiro humilde.

O espinheiro lhes disse: “O clamor  
Que me eleva ao trono  
É certo. Sem hesitação  
Hei de ser vosso dono.

Não sou cedro – orgulhoso senhor,  
Nem palmeira tão bela,  
Nem carvalho que cuida de si,  
E nem bétula alheia.

Eu irei conquistar para vós  
Este campo infinito,  
Crescereis até às nuvens dos céus,  
Rastejando, eu expiro.

Com espinhos irei, sem parar,  
Defender-vos dos danos,  
Enfeitando o deserto cruel  
Com meus níveos astros.

Sou abrigo para o animal,  
Para o pássaro – ninho.  
Pela paz que haveis de alcançar,  
Morrerei no caminho.”

## VI

Em silêncio profundo, os hebreus  
Escutaram o mito.  
– É uma lenda – lhes disse Moisés –  
Eis da lenda o sentido:

Estas árvores são as nações.  
Seu monarca e seu servo.  
É o eleito do próprio Deus,  
Um amado herdeiro.

Deus, outrora, seus povos criou  
Como plantas no campo;  
Penetrando nas almas, olhou  
O destino fechado.

Ele leu como um livro seus dons,  
Caracteres ocultos,  
Procurando encontrar afinal  
Seu herdeiro futuro.

Não tomou orgulhosos, que os céus  
Com idéias abrasam  
E colocam o pé vencedor  
Sobre as nucas humanas.

E nem ricos, que sabem juntar  
Os tesouros enormes,  
Construindo de ouro e suor  
Mausoléus a seus nomes.

Nem tampouco formosos que só  
Tangem cordas da lira,

Eternizam seu rosto em canções  
E na pedra esculpida.

Ignorou a altivez, o esplendor,  
A arrogância e a pompa,  
O perfume das Artes fugaz  
E a essência douta.

Semelhante a espinheiro, a viver  
Tão humilde e obscuro,  
Sem a fama dos outros, que vem  
Da florada e dos frutos,

É no meio das outras nações  
Nosso povo escolhido:  
Altos e íngremes são-lhe os degraus  
Da grandeza, do brilho.

Entre os sábios – não é pensador,  
Nem herói é na guerra;  
Como hóspede mora em seu lar,  
Como nômade – pena.

E, no entanto, o Eterno guardou  
Um tesouro em sua alma  
E fez dele da luz castiçal,  
Guardião da Palavra.

Para a rota da vida, lhe deu  
Uma dádiva farta:  
Mandamentos e leis – como pão  
Para a longa jornada.



Mas tem ciúme o Senhor Jeová,  
É exigente e absorto:  
Seu amor é total, pois jamais  
Partilhado com outro.

Ele pôs uma manta de amor  
Sobre seu escolhido:  
Cobrem-na, para todos hostis,  
Dolorosos espinhos.

Deus tornou seu efeito mordaz  
Qual urtiga queimosa  
Para outros. Aspira Ele só  
Da sua alma o aroma.

E ordenou-lhe a terrível missão,  
Sete vezes selada,  
Que este deve consigo levar  
Como carga pesada.

Ai daquele enviado infiel  
Que se esquece do mando!  
Adormece na estrada, ou mais:  
Quebra o selo sagrado!

Outro arauto lhe há de arrancar  
A missão confiada  
E, alcançando sua meta, terá  
A perdida herança.

Mas feliz é o arauto fiel  
Que se esforça com zelo:  
Guardará o diadema imperial –  
Galardão do Supremo.

Israel! Tu és arauto de Deus!  
Rei do mundo vindouro!  
Esqueceste já tua missão –  
Mandamento imperioso?

O teu reino não é material,  
Nem a glória – mundana.  
Ai de ti, sucumbindo no fim  
A uma manha profana.

Sem da terra tornares-te sal –  
Serás cinzas e lixo.  
Sem ficares de Deus mediador –  
Serás Seu inimigo.

Sem salvars o mundo da dor,  
Da discórdia, do medo,  
Serás verme pisado que jaz  
No caminho ao Reino. –

## VII

Abiron respondeu-lhe mordaz:  
– Ilustríssimo guia!  
Assustaste-nos muito afinal  
Com palavra tão pia!

Espinheiro dos povos! Que tal?  
Pela graça tão grande  
Deveremos louvar Jeová,  
Teu senhor da verdade.

Ser arautos – que sumo prazer!  
Ao futuro remoto

Levar cartas seladas, sem fim, –  
Que delícia, que gozo!

É o destino do burro tenaz  
Que, com fome, carrega  
Amarradas sacolas de pão  
Para festas alheias.

Não são loucos ainda os hebreus,  
Querem outro destino,  
Adorando o Astarta e o Baal  
Com ofertas e hinos.

Que troveje teu vil Jeová  
No Sinai escarpado,  
Pois deus Baal a nós todos dará  
Opulência e mandato.

Que o humilde se curve a teu Deus –  
Lhe cedemos a honra!  
E a Astarta daremos a mão  
Entre mirtos e rosas.

Nosso prêmio: Haran e Senar,  
Até a foz – nosso espaço.  
Não daremos para a Canaã  
Nem um único passo.

Não nos vale o cuidado arejar  
A carcassa tão velha,  
Mas, depois do decreto, convém  
Resolver teu problema.

Com pedradas o velho acabar?  
É tarefa perdida.  
Que Israel tenha lucro qualquer  
De tamanha ruína.

Tu que só sabes bolhas soprar,  
Inventar umas lendas,  
Para nossas crianças serás  
A ideal ama seca! –

Assim disse, e risada tiniu,  
Mas com ela bramia  
Pelo povo um profundo rancor –  
Uma nuvem sombria.

Mas, tranqüilo, Moisés retrucou:  
– Deus nos faz o destino.  
O que deve nos ares pender  
Não afunda no abismo.

Não verás amanhã a Canaã,  
Nem a foz verdejante.  
Não darás do lugar onde estás  
Nem dois passos avante. –

Espalhou-se silêncio mortal  
Sobre bocas falantes.  
Todo branco, tremeu Abiron,  
Esperando um milagre.

Mas milagre não veio. Tiniu  
A risada. E bramia  
Pelo povo um funesto rancor –  
Uma nuvem sombria.

## VIII

Levantou-se, arrogante, Datan:  
– Tu ameaças de balde  
E talvez não te agrade ouvir  
Um tanto de verdades:

Aprendeste no Egito, sagaz,  
Com os magos-doutores  
Como, impune, poder nos roubar  
Regalia e bom nome.

Freqüentaste com zelo sem par  
O conselho inimigo  
A forjar-nos aqui perdição  
Que convém ao Egito.

Os egípcios tiveram – se diz –  
Um oráculo estranho:  
Um carvalho os faria morrer,  
O seu caule com ramos.

Sacerdotes e seu faraó  
Entendiam a imagem  
Como as tribos que vêm de Israel  
Às egípcias margens.

E temiam. Faziam penar  
Nossa mísera gente  
Que crescia no duro labor  
Como o Nilo na enchente.

Quando a mãe dos hebreus dava à luz  
Primogênito filho,

Lamentava uma egípcia mãe  
Seu primeiro menino.

Ninguém soube remédio algum  
Para o mal tão estranho;  
Aos joelhos do mau faraó  
Foste tu, renegado!

Tu disseste: “Permite que eu  
Os conduza ao ermo;  
Eu os torno submissos a ti,  
Dominados e presos.”

Tu manténs a palavra, a levar,  
Como a tolas ovelhas,  
Os hebreus nas areias sem fim,  
À penúria suprema.

Quanta gente nos ermos tombou!  
As areias e as rochas  
Aos milhares dos nossos judeus  
Se tornaram em covas!

Eis agora, que somos assim  
Um resíduo apenas,  
E a potência do povo se foi  
Pelas secas areias,

E o espírito forte tombou  
Qual franzina criança,  
E no peito soltou-se o vigor  
Qual argila molhada,

Tu nos levas até Canaã –  
Uma cova de lobo:  
Lá governa o audaz faraó –  
É sabido por todos!

É loucura querer ocupar  
Ratoeira, confrade!  
Guerrear os egípcios lá  
Ou pedir piedade? –

– Ó Datan – respondeu-lhe Moisés –  
Tu te exaltas à toa:  
Não verás Canaã, nem curvar  
Vais a nuca orgulhosa.

Mas ainda direi, ó infeliz,  
Que na hora da morte  
Não terás nem um palmo de chão  
Sob os pés vencedores. –

– Ei, hebreus! – gritou alto Datan –  
Não é Baal o nosso amo?  
Esqueceste depressa demais  
O decreto aprovado!

Pegai pedras! Não zombe de nós  
Esta boca e não pregue:  
É mais justo que morra ele só  
Do que todos por ele. –

– Que ele morra! – zuniu ao redor, –  
Que se acabe deveras! –

Mas estranho: nenhuma das mãos  
Levantou uma pedra.

E Datan prontamente entendeu:  
– Vai-te embora, tu, velho!  
Não queremos manchar nossas mãos  
Com teu sangue perverso. –

E bramiu o insensato motim:  
– Vai-te embora e agora! –  
E seu urro, qual vil furacão  
Rodopiava em revolta.

## IX

Mas Moisés levantou sua voz,  
Bravejando com ira;  
Pela estepe rolavam trovões  
Em palavras sofridas:

– Ai de vós, insensatos e maus,  
Vós, anões nos coturnos!  
Conduzidos, quais cegos sem luz,  
Pelos reles gatunos.

Ai de vós, infiéis corações,  
Que, partindo do Egito,  
Arrumais contra os próprios bens  
Lamentáveis atritos.

Ai de vós, arrogantes vilões,  
Obstinados, bulhentos,  
Vossa vil teimosia vos faz  
Sangraduras por dentro.



Vós queimais, como urtiga, esta mão  
Que vos faz um agrado,  
E pisais, como um touro, o pastor  
Que vos leva ao pasto.

Ai de vós, que vos fez o Senhor  
Labareda sagrada,  
O supremo dos dons vos será  
A mais funda das chagas.

Pois, enquanto com Seu esplendor  
Vos exalta o Mais Alto,  
Vós, em troca, com pedras saudais  
Seus profetas e arautos.

Cada gota de sangue fiel  
Que tirais de Seus servos  
Há de ser maldição sobre vós,  
Vossos filhos e netos.

Ele vai vos bater, castigar,  
Até a dor vos ensine  
Como Sua vontade cumprir  
Numa vida sublime.

Mas, passado o castigo de Deus,  
A lição é esquecida:  
Voltarão os delitos sem fim  
Junto à ira divina.

Longos tempos haveis de viver  
Neste escola severa,

Aprendendo a leitura real  
Da Vontade Suprema.

Vejo o quadro: na mata o pastor  
Tira da árvore casca,  
Molha na água e seca, depois  
Bate, pisa e amassa;

Eis que a bucha amolece e enfim  
Fica pronta deveras,  
Recebendo em seu corpo mortal  
Uma clara centelha.

És a casca, meu povo Israel,  
Por seu Deus castigada,  
Até, dócil, te abraça em amor  
A Palavra sagrada.

Para a meta tu vais como rês  
Descontente de tudo...  
Ai daqueles que causam horror  
A quem fez este mundo!

Tu, fitando o passado audaz  
E os futuros caminhos,  
Tropeçando em qualquer obstrução,  
Perderás equilíbrio.

Como um louco cavalo a correr  
Ao abismo sem fundo,  
Trocarás a coroa de rei  
Pela canga e o jugo.

Cuida bem que teu Deus, com rancor,  
Não retire a promessa  
E não quebre a palavra que deu  
A esta prole perversa.

Para que não te deixe – um pavor  
Às nações, nesta estrada,  
Qual malhada serpente que foi  
Por Seus pés esmagada. –

Os judeus escutavam enfim  
Abaixando seus olhos,  
Só roncava um atroz vendaval  
Nos seus peitos revoltos.

X

Já tingir as montanhas Moab  
O sol grande e vermelho,  
Como se submergisse no mar  
Ao tocar seu espelho.

Reluzia no céu vespéral  
Uma intensa tristeza,  
Latejava o uivar dos chacais  
Com doída crueza.

Tremulou o infeliz coração,  
E o cansado profeta  
Fez sua alma infeliz transbordar  
Ao seguir para a meta.

Sempre ser o vidente da dor,  
Do castigo suspeito?

Como pobre criança, o amor  
Soluçou-lhe no peito.

– Se soubesses, ó meu Israel,  
De que cheia é minha alma!  
Se provasses o amor meu fiel  
Sem alívio nem calma!

És meu filho herdeiro, meu lar,  
Minha honra e vitória.  
Em ti está do futuro o altar,  
Na beleza e na glória.

Dei a ti meu esforço sagaz –  
O que sou de mais digno:  
Pelos séculos caminharás  
Com meu ígneo signo.

Mas não amo somente o suor  
Do meu mísero zelo:  
O esquecido e oculto esplendor  
Do teu gênio eu velo.

Ó meu povo, não guardes rancor  
Do sacrílego dito:  
Dediquei-te mais vívido amor  
Do que Deus a Seus filhos.

Ele tem os milhões como Seus,  
Que Ele aquece e acalma,  
E eu tenho só a ti sob os céus,  
Tu preenches minha alma.

Ele a ti, como dono e teu rei  
Escolheu como escravo;  
Sem temor teu escravo fiquei  
Só de amor sem agravo.

E quando Ele aguarda no altar  
Seu tributo, Seu preço,  
Ó meu povo, eu só quero dar,  
Eu de ti nada peço.

E quando Ele exige louvor,  
Com incenso, das gentes,  
Eu aceito de ti toda a dor,  
Zombarias pungentes.

Pois não posso, somente, te amar  
Por beleza e talento,  
Mas por falhas, maldades sem par,  
Que chorando lamento;

Por tua estúpida obstinação,  
Por orgulho na prece,  
Que, insistindo na ignóbil ação,  
Nem a Deus obedece;

Por mentiras da língua que tens  
E consciência porosa,  
Que se prende ao mundo e aos bens  
Com raiz poderosa;

Pelas filhas vãs, sem pudor,  
E o amor seu intenso,  
Pela fala, e riso, e ardor,  
Por tua vida e teu senso.

Ó meu povo, meu filho Israel,  
Queixa-te ao teu dono:  
Eu te dei meu amor, mel sem fel,  
Mas enfim te abandono.

Pois já ouço chegar-se meu fim,  
Misterioso e ignoto,  
E eu devo alcançar o confim  
Canaano, remoto.

Eu queria convosco chegar  
Com clarim trovejante,  
Porém Deus destinou a sagrar  
A mim só este instante.

Se eu morrer vislumbrando o Jordão  
Da montanha, na Terra  
Prometida, lembrai que seu chão  
Os meus ossos encerra.

Estendendo em paz fitarei  
As montanhas sombrias,  
Em seguida, também seguireis,  
Orfãozinhos sem guia.

A saudade vos venha buscar,  
Vos mordisque e inquiete,  
Como um cão que convida o senhor  
A caçar pela estepe.

E eu sei: todos vós partireis  
Como as águas na enchente;  
Esquecei-me, não mais indagueis  
Onde estou minha gente.

Pois que avance no seu esplendor  
Este mar degelado!  
Israel, ó meu filho da dor,  
Sê bendito e louvado! –

## XI

Para a estepe saiu o infeliz  
E deixou a vivenda.  
As montanhas em brasa do sol  
Apontavam-lhe a meta.

Pelos vales a sombra rolou,  
Já subia as vertentes.  
A tristeza apertou o coração:  
“Vou embora pra sempre.”

Mas de súbito – eis ao redor  
Inocentes crianças:  
Correm perto a beijar sua mão,  
Segurar sua capa.

– Tu para onde caminhas, vovô?  
Pois em breve é a noite!  
Construímos muralhas – vê só  
Com que portas e torres!

Tu não queres conosco brincar?  
– Não agora. Está longe  
A muralha que devo atingir  
Entre a vida e a morte.

– Vê: matamos um escorpião  
Neste vale. Pegamos  
Três coelhos pequenos, sem mãe,  
No espinheiro guardados.

– Sim, crianças, matai escorpiões,  
Com coragem, destreza,  
Pois, embora não justa, nos é  
Vantajosa essa empresa.

Não é justa, porque o escorpião  
Também gosta da vida.  
Não tem culpa de seu agulhão  
Venenoso que pica.

Mas lebrinhas deves devolver  
Ao arbusto, seu ninho;  
A mãe-lebre as procura. Será  
Que pensastes naquilo?

Vós deves cultivar compaixão  
Por qualquer criatura,  
Pois a vida é tesouro. Não há  
Mais preciosa fortuna.

– Fica um pouco conosco, vovô!  
Senta aqui em nossa roda!  
Conta tuas façanhas. Ninguém  
Sabe tantas histórias.

Conta-nos sobre os tempos nos quais,  
Quando jovem, levavas  
Os rebanhos do sogro a Coreb,  
Às colinas de sarças.



Quando viste o arbusto em ardor,  
E que não se consome,  
E ouviste do arbusto uma voz  
Que chamava teu nome.

– Não é tempo feliz de ouvir  
Sobre as coisas passadas.  
A neblina já vem se estender  
Como branca toalha.

Mas um dia vereis, como eu  
Vi, no meio dum ermo,  
Escalando as colinas Coreb,  
Um arbusto braseiro.

Sentireis uma festa sem par  
Dentro da alma inflamada.  
Ouvireis uma voz vos chamar  
Do espinheiro entre as chamas:

“Tira tuas sandálias com pó  
De desejos mesquinhos,  
Pois Eu quero meu servo mandar  
Para um alto destino.”

Cultivai esse ardor. Quando vier  
O chamado futuro,  
Podereis responder: “Meu Senhor,  
Eu, Teu servo, Te escuto!”

Muito tempo na estepe a cismar  
Inocentes crianças  
Não ouviram o velho partir  
Para a noite velada.

Muito tempo oprimia o pesar  
As cabeças dolentes,  
Até sua silhueta sumiu  
Entre as trevas da estepe.

## XII

“Envolveu-me a cruel solidão  
Como o mar-oceano,  
Meu espírito – velas ao mar –  
Sorve o sopro salgado.

Eu conheço há tanto esta dor,  
A fiel companheira!  
Nas estepes, ou na multidão,  
Sempre a sós – eu com ela.

Como um astro cadente a tombar  
Na voragem secreta,  
Sinto o toque da mão do Senhor,  
Misteriosa centelha.

Silenciam os lábios mortais,  
Com palavras seladas,  
Só no fundo do meu coração  
Tu, meu Hóspede, falas.

Eu procuro, sem trégua, a Ti  
Com saudade infinita  
E queria captar Tua voz,  
Como lá, nas colinas!...

Percorri meus caminhos, Senhor,  
Que outrora apontaste,

E estou só, como estive na luz  
Da santíssima face.

Quatro décadas eu labutei,  
Todo em Ti concentrado,  
Para os míseros servos tornar  
Em Teu povo sagrado.

Todo o tempo forjei com fervor  
Suas mentes mesquinhas,  
Para a torpe cativo ofertar  
Semelhança divina.

Mas colhi zombarias, desdém –  
Não amor dedicado...  
Conhecias, Tu Sábio, – então –  
Meu empenho frustrado?”

E provou um amargo sabor:  
“Sou de tudo culpado:  
Mandamentos e leis do Senhor  
Não guardei com cuidado.

Entre lágrimas venho pedir  
Na suprema desgraça:  
Despe-me da terrível missão  
Da sagrada palavra!

Uma dúvida – gládio atroz –  
Na minha alma se afunda...  
Dize, estás satisfeito, Senhor?  
O Teu servo Te escuta.”

Assim foi que rezava Moisés  
Num atroz sofrimento.  
As estrelas calavam. Sem fim  
Estendia-se o ermo.

### XIII

Eis que ouve-se um riso mordaz  
E, no entanto, abafado:  
Parecia alguém caminhar,  
Sem ser visto, ao lado.

Escutou as palavras soar,  
Qual da cobra silvante:  
– Cada flor da loucura produz  
Sofrimento mais tarde.

Quando for complicado demais  
Carregá-lo sozinho,  
É mais fácil o fardo deitar  
Sobre os ombros divinos.

Moisés:  
– Alguém fala? És meu interior  
Na desgraça e no pranto,  
Ou demônio malvado qualquer  
A zombar do exilado?

Voz:  
– Conseguiste, afinal, duvidar  
Da missão altaneira  
Que seguiste por anos, fiel,  
Com convicta cegueira.

Moisés:

– Alguém fala? De frio suor  
Fica a fronte banhada,  
E trespassam o meu coração  
Uns espetos em brasa.

Voz:

– Desviaste teu povo infeliz  
Do caminho correto,  
Para só tu poderes saciar  
Teu vaidoso desejo.

Moisés:

– Tu, quem falas! Responde: quem és?  
E por que me persegues?  
Sinto em mim um terrível olhar  
Dentro da alma que geme.

Voz:

– Não importa quem sou. Para quem  
Deu ao mar suas ordens,  
Importante é saber se falei  
A verdade. Me ouves?

Moisés:

– Empenhei-me, mas não para mim,  
Na duríssima lida:  
Vi no jugo a querida nação,  
E minha alma doía.

Voz:

– Pois tu foste dos servos irmão –  
Isto bem que incomoda!

E por que não torná-los assim  
Como a mente o aprova?

Moisés:

– Sim! Dos vales sombrios, eu quis  
Levantar minha gente  
Para estarem comigo na luz  
Da aurora nascente.

Voz:

– Perguntaste ao Senhor-Criador  
Qual seria o caminho,  
Ou procuras-nO só no pesar,  
Infeliz, sucumbido?

Moisés:

– Não, eu fui abrasado por Seu  
Imperioso chamado;  
Labaredas dos montes Coreb  
Carregavam meu fardo.

Voz:

– Mas, quem sabe, não era em Coreb  
Onde as chamas queimavam;  
Talvez, fosse em teu coração,  
Dentro da alma abrasada.

Essa voz a guiar os judeus  
Para o Êxodo duro,  
Talvez fosse somente de ti,  
Não dos santos arbustos?

Pois paixão é que cega o olhar,  
E desejos são manhas:

Criam mundos e deuses sem fim,  
Como a fada morgana.<sup>1</sup>

O desejo que, como chacal,  
Te impelia pra meta  
Fez de ti um vidente, um pastor,  
Um excelso profeta.

Moisés:

– Oh, de tuas palavras eu sou  
Totalmente um deserto.  
Ó inimigo, quem és?  
– Azazel,  
O demônio dos ermos.

#### XIV

Estava escuro, só estrelas no céu  
Cintilavam no espaço;  
No seu brilho subia Moisés  
Sempre mais para o alto,

Sem atalhos. Guiavam-no sons  
Misteriosos, latentes:  
Ou uivar da hiena feroz,  
Ou silvar da serpente.

Ele andava, qual velho herói,  
Para a última luta:  
Mas a outra, no seu coração,  
Era trágica, oculta.

“Meu desejo” – bradava uma voz –  
“Era a dor e a vergonha,

E o arbusto inflamado a chamar  
Os judeus para a glória?

O desejo tornou-se raiz  
Dum poder tão intenso  
Que criara o chamado de Deus,  
Mais, o próprio Eterno?

O desejo – servir aos irmãos,  
Enxugar sua fronte –  
É delito que devo pagar  
Com exílio e morte?

Oh, cuidado! Não queiras mesclar  
O profano e o santo!  
O desejo é sagrado, porém  
Favorece o pecado:

Tu não foste o supremo pastor  
Dos seus corpos e almas?  
E o poder – não chegou a ferir  
A tarefa sagrada?

Tu não foste como um faraó?  
Ou pior, não fizeste  
Vis escravos de seus corações,  
Suas almas e mentes?

Perigoso é querer contrariar  
O percurso dos fatos.  
É mais fácil mostrar no querer  
Um desígnio mais alto.



Não sabias ser possuidor  
Da loucura divina,  
Que escondia na voz divinal  
Tua própria mentira?

Pois o povo podia crescer,  
Sendo servo no Egito,  
E tornar-se, mais tarde, o senhor  
Sobre a terra do Nilo.

Ao tirá-lo do próprio chão  
Para o seco deserto,  
Tu fizeste uma ignóbil ação,  
Um delito perverso.

Prometer ao insano montão  
Liberdade perene  
É da terra um carvalho arrancar  
E jogar na corrente.

Nós deixamos os ninhos atrás  
À procura de novos,  
Mas não temos bastante fervor  
Para o lúcido vôo.

Oh, responde, meu Deus, se cumpri  
Tua santa vontade,  
Ou se fui um brinquete infeliz  
Dos meus próprios males.

Tu conquistas, acaso, também  
O Teu dom de palavra  
Só nos sonhos, no sangue em fervor,  
Na paixão extremada?"

Mas calava o Senhor entre os sons  
Misteriosos, malignos:  
O uivar da hiena feroz  
E das cobras os silvos.

XV

Nas estepes surgia o sol  
Como a roda gigante,  
Trespessando da noite o negror  
Com as setas brilhantes.

Nestes raios, o monte do Céu,  
Todo em púrpura e ouro,  
Sobre as outras montanhas ergueu  
A grandeza dos ombros.

Contra o fundo de ouro e anil,  
No mais alto dos picos,  
Uma insigne figura surgiu –  
Um gigante do mito.

Bem acima da luta trivial,  
Dos terrenos rumores,  
Ele está levantando aos céus  
Os dois braços enormes.

À purpúrea luz do arrebol,  
Nos seus raios intensos,  
Sua grande figura se vê,  
Do longínquo deserto.

Já das tendas hebraicas vêm  
Os olhares difusos

Como arautos até os seus pés  
Sobre o píncaro rubro.

– É Moisés! – pronunciam, enfim,  
Com as línguas atadas,  
Mas sentindo um agudo ferrão  
Dentro da alma açoitada.

Todo absorto em profunda oração  
Está o velho profeta:  
Sua prece, qual chifre de luz  
O alto trono golpeia.

Sua boca não solta um só som,  
Queda muda a palavra,  
E, no entanto, no seu coração  
Ele grita e batalha.

Levantou-se o sol sazonal  
E chameja seu teto,  
Mas na prece persiste Moisés,  
Invencível, severo.

Já o demônio da tarde conduz  
Pela estepe o mormaço,  
Mas erguido persiste, de pé,  
O titã soberano.

Sobre os picos, o dia a morrer  
Sangra gotas solares,  
Estendendo seu véu abismal  
Das montanhas aos vales.

Eis, por último, deita Moisés  
Sua sombra serena  
Entre as tendas hebréias – assim  
Como a bênção paterna.

E aos poucos, um vago temor  
Se apodera de todos:  
“Talvez seja qualquer maldição  
Contra nós, o seu povo?”

Sua prece tem tanto vigor  
Que derrete o penedo,  
Faz o eixo da terra tremer  
E até o trono do Eterno.

Se lançar contra nós, sem perdão,  
A potente palavra,  
Perderá todo o povo judeu –  
A nação consagrada.”

## XVI

Arquejava de febre Moisés  
No espinhento caminho;  
Quando veio a noite, tombou  
Sobre as pedras do pico.

De repente, seu chão vacilou  
Com os cumes em torno,  
Sua mente de dor se apagou,  
Qual num berço materno.

No silêncio, vem uma canção  
A soar tristemente,

Uma nívea mão vem tocar  
O seu berço de leve.

Escutou uma voz sussurrar:  
– Oh, meu filho dileto!  
O que foi que o destino te fez  
Em tão curto momento?

Há tão pouco que eu te guiei  
Pela mão pequenina...  
Dei-te à luz para ver-te sofrer  
Esta lúgubre sina?

Quantas rugas na face tu tens!  
E teu corpo é tão murcho!  
O cabelo que eu afaguei  
Já vestiu a brancura...

Tu, outrora, fugiste de mim  
Para lutas-batalhas!  
Como teu infeliz coração  
Ficou pleno de chagas!

Pobre, pobre criança! Ao sol  
Todo o dia sofreste.  
Dize, filho, afinal: para quê?  
O que veio da prece?

É potente teu povo. Ele tem  
Seu passado e futuro.  
Tu tentaste o poder da oração,  
Indicando-lhe o rumo.

Vê: eu tomo esta pedra do chão  
E depois – eu a lanço:  
Contra as rochas, no vôo abismal,  
Ela bate, saltando.

Aqui choca-se contra um metal  
E se quebra em pedaços;  
Lá desprende uma outra qualquer  
À voragem rolando.

Aqui perde uma parte, lá – mais,  
Com barulho e estrondo.  
Quem diria o ignoto lugar  
De seu último pouso?

Não o sabe nem teu Jeová!  
Vãos são rezas e rogos!  
Onde deve uma pedra cair,  
Cairá sem retorno.

Dentro dela está o leme, o poder;  
Esta força que emana  
É que guia ao próprio lugar  
Cada coisa criada.

É potente o Eterno Senhor,  
Não consegue, no entanto,  
A menor das pedrinhas deter  
No caminho traçado.

Eis que surge um grãozinho de pó,  
Que não grita, não brada,  
Mas nem Deus é capaz de volver  
Sua vida ao nada.

E não pode mandar-lhe trilhar  
Uma rota diversa  
Da que mora no seu interior  
E lhe traça uma meta.

É poeira! Mas quanto maior  
É o conjunto de um povo,  
Onde cada partícula traz  
Uma parte do vôo!

Escutaste a canção de Orion,  
Deste cego gigante?  
À procura da sua visão  
Foi ao sol chamejante.

E levou um petiz-brincalhão,  
Carregado nos ombros,  
Que o guiava, colado nos pés  
Do astro-sol venturoso.

De manhã – para o Leste de anil;  
Pelo meio do dia,  
Para o Sul, abrasado de luz;  
Para o Oeste, em seguida.

E caminha sem fim Orion  
Com a fé e esperança;  
Tão sedenta da luz salutar  
Arde em flamas sua alma!

Passa montes e mares o pé  
Do gigante enganado,  
Sem saber que seu guia sorri  
Zombeteiro e malvado.

Orion – são os homens mortais,  
Com a fé tão humana  
Que os impele no esforço sem fim  
Para a meta ignorada.

O que o ente não pode atingir  
É por eles amado;  
Sim: o ignoto, fantástico crer  
É seu hábito estranho.

Edificam seus planos além  
Da aptidão concebida.  
Destes planos a lógica ri  
Com desdém, ironia.

Como aquele gigante sem luz,  
No burlão confiando,  
Sempre chegam a outro lugar,  
Não ao alvo mirado.

E tu rezas! Oh, filho infeliz!  
É risível teu brado.  
Tu te prendes na espuma do mar  
Contra as ondas lutando.

## XVII

Algo nisso soava-lhe bem,  
Como límpidas ondas,  
Emanando em tranqüilo frescor  
Um alívio e aroma.

Mas depois bafejou o simum,  
Quente vento dos ermos,



E surgiu um estranho temor  
De criança no berço.

Assustou-se Moisés e se ergueu  
Descorado, sem forças,  
E falou: – Não me faças penar  
Já na beira da cova.

Tu não és minha mãe; não amor  
Vibra em tuas palavras;  
Antes és o cruel Azazel –  
Desespero das almas.

Vai-te embora! Não creio em ti,  
E com Deus te esconjuro:  
Podes ser um potente imortal,  
E, no entretanto, és impuro.

Mas de novo se ouve: – Escutei  
Uma réplica tola:  
Esconjuras com Deus, de quem sou  
Uma parte na força.

O que vale esta vã maldição?  
Morrerias aflito  
Se soubesses pequena fração  
Do futuro escondido.

Já te exalta faísca qualquer  
Na cegueira, ó insano!  
Eu habito em chamas totais  
Sobre o tempo e o espaço.

Vou mostrar-te um milésimo grão  
Da verdade velada:

Vê esta terra, ao pai Abraão  
Prometida, sagrada! –

E o Oeste de sol reluziu:  
Qual a tela mais rica,  
O profeta do monte fitou  
Seu país Palestina.

O Invisível, ao lado, lhe diz  
Em sussurro maligno:  
“Vê o Mar Morto, no negro fulgor,  
Como o espelho polido.

Estes cumes que tocam os céus  
Com cabeças vendadas  
São rochedos dos montes Carmel  
Em cadeia ondulada.

Vê ao Norte: eis montes Sion!  
Ebuseus lá se escondem;  
Se gritares de um alto torrão –  
Amorreus te respondem.

Esta fita de prata – é o Jordão,  
No Mar Morto ele finda,  
Onde a velha, sagaz Jericó  
Seu pedágio fixa.

O seu único vale chamou,  
De uma parte, amonitas  
E, da outra, juntou cananeus  
Que acamparam nas ribas.

Eis, no Oeste – montanhas sem fim,  
Com pastagens de trevo,

E ao Norte, de novo, montões  
Com um lago no meio.

Tens visão do país no total:  
Lã de ovelhas, cevada...  
Facilmente capaz de caber  
Numa palma cerrada.

Nem passagens que levam ao mar,  
Nem estradas extensas.  
Onde deve crescer, florescer  
A nação predileta? –

Mas severo responde Moisés:  
– Quem deu água da pedra  
Tornará em paraíso sem par  
Esta terra pequena. –

## XVIII

Eis de novo risadas: – A fé  
Movimenta montanhas;  
Mas, repara nos quadros, verás  
As futuras façanhas.

Vê: progridem avante os judeus;  
Jericó fica presa,  
E o Jordão com as águas azuis  
Rola em ondas sangrentas.

Desde séculos, lutam no chão  
Que se diz dos judeus

Amorreus, amaliques, heveus,  
Filisteus e hateus.

Eis o reino hebraico! Que vem  
Custar sangue com pranto.  
E, no entanto, uma gota será  
Na cisterna do fado.

Não consegue brotar, florescer,  
Quebrantando-se em partes,  
Vai nas fauces vizinhas cair,  
Poderosas, vorazes.

Vê! Que nuvens terríficas vêm  
De Damasco, do Norte!  
É o assírio que traz aos hebreus  
A ruína e a morte.

Enrubescem os campos, e jaz  
Morto junto do morto;  
Babilônia inflige a Judá  
Cativeiro penoso.

Eis no fogo seu templo. E assim,  
Quais insetos no campo,  
Vão milhares de escravos sofrer  
Nos grilhões ferretados.

Ouves pranto? É um sábio que vem  
Lamentar as ruínas<sup>2</sup>  
Que causou o invasor, sem temer  
A justiça divina.

Como fede o deserto! Mas eis,  
Aparece um luzeiro...  
Oh, quão poucos retornam à paz,  
Do infeliz cativoiro!

Entre os muros de Jerusalém  
Se aglomeram humildes:  
Novo templo com leis, novo Deus,  
Nova força invencível.

Cresce o povo, se esbate no chão,  
Na miséria brota,  
Como um cardo humilde e tenaz  
Sempre pronto à revolta.

E sobre ele trovejam trovões  
Da história do mundo:  
Reinos surgem e tombam, iguais  
A fantasmas soturnos.

Ele guarda no pátrio rincão  
Uma incrível audácia,  
Lança em ódio vis maldições  
Com desdém e arrogância.

O mais forte dos ódios surgiu  
“Pelo Deus verdadeiro”.  
Como ajunta o fervor os fiéis  
À soleira do templo!

Eles geram violência! Vê:  
Ladainha de crimes!  
Vão potências más arrancar  
A nação com raízes.

Ouves estas batidas dos pés  
Das legiões implacáveis?  
Elas pisam os campos judeus  
E lavouras invadem.

Ouves este cruel chapinhar?  
É do sangue inocente.  
Ouves gritos? – selvagens corcéis  
As donzelas impelem.

Eis a mãe trespassada de dor  
Que devora seu fruto.  
Eis milhares pregados na cruz –  
Flor do povo futuro.

Arde o templo do Deus Jeová  
Pela vez derradeira;  
Não levanta das cinzas jamais  
Em poder e beleza.

O restante do povo, sem chão,  
Busca abrigo no exílio,  
Não retorna ao pátrio umbral,  
Pelo mundo perdido.

Deixará para sempre Israel  
Sua lúcida estrela;  
Reinará só o profundo rancor  
Que no templo nascera.

Tu duvidas acaso? Não crês?  
Oh, bem sei que adivinhas:  
Este é o paraíso judeu,  
Esta a terra bendita.

Eis o fruto do teu labutar,  
Da penosa tarefa.  
Dize: queres ainda rezar  
Que ele venha depressa? –

Inclinou a cabeça Moisés:  
– Ai da minha desgraça!  
Não consigo levar para a paz  
A nação torturada. –

E caiu com a face no chão:  
– Enganou-nos o Eterno! –  
Ecoou sua voz infeliz  
Com o riso soberbo.

## XIX

Trovejou. Vacilaram então  
As raízes e os picos;  
Eis, quais ondas terríveis do mar,  
Os arautos divinos:

Levantou-se ao teto dos céus  
Uma nuvem de chumbo,  
Como trevas, velou a visão  
Com um lenço noturno.

E piscou na negrura abismal  
Com seus olhos de fogo,  
Como fera ferida e voraz,  
Com terrífico ronco.

Com pavor escutava Moisés  
Esta fala tão crua,  
Não captando no seu coração  
A mensagem oculta.

Bravejou um tremendo trovão  
Eriçando cabelos;  
Mas não era, no seu coração,  
A linguagem do Eterno.

Ululou um feroz furacão  
Com seu uivo soturno,  
Mas não eram palavras de Deus  
Que tocassem profundo.

O granizo com chuva açoitou,  
Veio frio tremendo,  
Mas ainda não era o Senhor  
A falar com seu servo.

Soluçaram riachos enfim  
Como flautas sonoras,  
E passou uma brisa gentil  
Com aroma de rosas.

Esta brisa de cravos-jasmins  
Tinha fala escondida,  
E sentiu o profeta Moisés  
A mensagem divina:

– Enganou-te o Eterno, com quem  
Tu fizeste aliança,  
Aceitando Seus termos, então,  
Sem nenhuma ressalva?

Tu conheces Meus planos que estão  
No Meu livro de sina?  
Viste ocultos confins, a lançar  
No Meu rosto mentira?



Tu não foste no seio da mãe  
Concebido, ó perverso,  
Já contei teus suspiros, teus ais,  
E teus brancos cabelos.

Não partira ainda Abraão  
Do seu Ur infecundo,  
Eu criara seus filhos, então,  
Até o fim do futuro.

Pobre terra de estreito país,  
Não reluz de riquezas,  
Mas o berço dos grandes também  
Tem a mesma estreiteza.

No porvir, eu vos hei de tirar  
Para esforço supremo,  
Como a mãe tira o filho afinal  
Do seu seio materno.

Neste campo, na seca escassez,  
Qual um vil espinheiro,  
Crescei fortes, a fim de enfrentar  
Um destino adverso.

Eu conheço vossa alma tenaz,  
Insaciável de gana:  
Espalhar-vos iríeis assim  
Como cardos e grama,

Com o corpo e a alma a sugar  
Vosso campo lavrado;  
Pôr-vos-ia deus Momo – tais quais  
Gordos peixes – no saco.

Pois a egípcia má servidão  
Vossas panças saciava;  
Longos tempos haveis de arrotar  
Suas carnes assadas!

Como pássaros de arribação,  
Sereis donos do mundo.  
Voareis para longe buscar  
Seus tesouros ocultos.

Hei de pôr a pior maldição  
Sobre aqueles tesouros, –  
Como a cobra; pois deles virão  
Só penúria e choros.

Quem consegue riquezas juntar  
Pelos preços extremos,  
Há de ser seu escravo e perder  
Os tesouros eternos.

Dos tesouros escravo e senhor, –  
Pela lágrima e sangue –  
Vai cuidar só dos picos ao sol  
E imolar suas bases.

Sanguessugas encontram enfim  
Na ganância a morte;  
O oceano de ouro, também,  
Gananciosos engole...

No oceano de ouro, terás  
Um desejo canino:  
Um dourado, aromático pão  
Não será vosso alívio.

Mas sereis testemunhas de Mim  
Em palavras aladas:  
“Deus escolhe só aqueles mortais  
Que saciam as almas.”

Quem saciar-vos de pão, com o pão  
Ficará corrompido.  
Quem o espírito vosso saciar  
Terá parte comigo.

Eis o vosso bendito país –  
Resplendente e imenso.  
E tu foste um obscuro pastor  
Do Meu povo dileto.

Eis a pátria, banhada de luz,  
A mais bela e mais rica:  
Uma miga da mesma será  
O país Palestina.

Vossa pátria será o ideal,  
Será estrela no escuro.  
Procurando-a, será Israel  
O senhor deste mundo.

E porque duvidaste de Mim  
E da Minha vontade,  
Tu, mirando a herança de Deus,  
Não terás tua parte.

Quedarão os teus ossos aqui –  
Em severa chamada  
Aos que buscam a meta no além  
E sucumbem na estrada. –

## XX

Cobre a névoa os montes azuis  
Com saudade difusa,  
Espalhando-se em sonhos e ais  
Sobre a terra em penumbra,

Derramando folhagem e flor  
Que há tempo morreram,  
Acordando nas almas os sons  
Que calaram, de pena.

O hostile de outrora voltou  
Qual honrado e amigo;  
O desprezo cedeu sua vez  
Ao amor e ao mito.

Sob as tendas dormitam judeus  
E madrugam aflitos:  
“Será que ele lá reza, de pé,  
Na montanha, no pico?”

Ninguém. Nada. E aquele “ninguém”  
Tem da morte a negrura.  
Acabou-se a suprema razão  
E da vida e da busca.

O invisível, a incógnita luz  
A brilhar no seu meio,  
Que lhes dava esperança e calor  
E supremos anseios.

Uma mágoa intensa oprimiu  
Suas mentes pesadas.

Afundou-se o inteiro arraial  
No sentido do “nada”.

Uns aos outros olhavam com dor,  
Lendo em lívidas faces  
Uma muda censura: de ter  
Destruído seu vate.

Batem cascos. É o vento simum?  
É o oráculo perto?  
Não: é o chefe-pastor Josué  
Com os seus companheiros.

As manadas sem rumo a correr...  
É um ataque inimigo?  
Não: incita-as um surdo terror  
Como o dedo divino.

Fome da alma, feroz solidão  
E o abismo do nada...  
Josué faz ouvir seu clamor:  
– À campanha! Às armas! –

Qual uma águia, o grito subiu  
Sobre a turba calada.  
Ecoou das montanhas a voz:  
– À campanha! Às armas! –

Um momento, e o torpe montão  
Despertou de seu sono  
E, deixando o inglório lazer,  
Respondeu-lhe sonoro.

Um momento, e ao todo cem mil  
Este grito repetem:  
Eis o povo de nômades vis  
Que em heróis se converte!

Os agudos ressoam clarins  
E retumbam os ermos  
Para a morte do chefe Abiron  
E Datan, traidores.

Pelos montes, quais pássaros, vão  
E, Jordão dissipando,  
Vencerão a tenaz Jericó  
Com as trompas em brado.

Marcharão aos longínquos confins  
A levar, entre os hinos,  
Para a alma um banquete nupcial  
Ou morrer no caminho.

*SELEÇÃO DE OBRAS*, Nova York – Paris, 1956

1. Aparição ilusória nos desertos; miragem.
2. Jeremias.

## **BORYS GHRÍNTCHENKO**

Borys Ghríntchenko (1863-1910) viveu em Kharkiw e Kyiw, sendo durante vinte anos o centro da vida literária e nacional, e agrupando em torno de si poetas-idealistas. Obras: SOB O CÉU NUBLADO (1894), CANTOS E BALADAS (1895), FÁBULAS (1895) e outras. Além da lírica, Ghríntchenko escreveu dramas, comédias, romances; era notável tradutor e etnógrafo. Sob sua redação saiu o maior DICIONÁRIO DA LÍNGUA UCRANIANA.

### **POESIA**

Pássaros cantam, abrem-se as flores:  
Sua beleza o olor derrama;  
E lá no vale dançam os burros,  
Pisando flores junto com grama.

Indiferentes ao canto-encanto,  
Com seu capim, também, comem flores...  
Fogem as aves com poesia  
Em suas asas multicolores.

*POESIAS, Kyiw, 1965*

## AGATANGHEL KRYMSKY

Agatangel Krymsky (1871-1942) nasceu em Volodymyr Volynsky. Estudou em Kyiw e Moscou. Esteve dois anos na Síria. Depois começou a colaborar com várias revistas ucranianas. Separadamente apareceram as obras: PARA O POVO (1892), NO ABRAÇO DO IRMÃO MAIS VELHO (1892), CONTOS E ESBOÇOS (1895), CONTOS DE FADAS POPULARES (1898), RAMOS DE PALMEIRA (1901), ANDRY LAGHOWSKY (1905) e outras, como a GRAMÁTICA HISTÓRICA DA LÍNGUA UCRANIANA e cerca de duzentos ensaios. Sendo exímio conhecedor de línguas orientais, enriqueceu a poesia ucraniana pelos temas exóticos.

### CONTAM

Quando Deus outrora fez o ser humano,  
Misturou com água o ressequido barro.  
Mas chegou o diabo e amassou depressa  
Lágrimas que marcam nossa natureza.

Nós daí sofremos mágoas e saudades...  
A única receita, para que se calem,  
É deixar os olhos que transbordem, chorem,  
Lágrimas vertendo e derramando dores.

Mas esta receita para mim não serve,  
Não conheço choro, só a alma dolente...  
A alma se consome, restam olhos secos,  
Coração deserto recusa o sereno.

*CORDAS, Antologia da Poesia Ucraniana, Berlim, 1922*



## MYKOLA VORONY

Mykola Vorony (1871-1942) nasceu em Katerynodár. Estudou em Kharkiw e Rostov. Por razões políticas foi preso pelo regime tzarista. Mais tarde viajou para o exterior, estudando em Viena e Lwiw, tornando-se, em seguida, diretor de teatro em Ternopil. Trabalhou também em Varsóvia como jornalista. Novamente em sua pátria, dedicou-se à poesia e crítica teatral. Na literatura, Vorony traçava primeiramente a linha romântica, transformando-se aos poucos num realista de cunho filosófico. Obras: POESIAS LÍRICAS (1911), NO RAIAR DE SONHOS (1913), POESIAS (1920) e outras.

### PALIMPSESTO

Quando faltava no mosteiro o pergaminho,  
Monges lavavam os escritos mais antigos,  
Para escrever um salmo ou um coral.  
Era chamado “palimpsesto” o escrito novo;  
Mas com o tempo, aparecia, milagroso,  
Um Aristófanes das páginas de João.

Oh, minha amada! Há três anos, em verdade,  
Carrego na alma escrita tua doce imagem:  
Teu gesto, teu sorriso, tua voz.  
Minh'alma se parece com o palimpsesto:  
Embora o tempo tenha escrito um outro enredo,  
Ressurge agora novamente meu amor.

*MODERNA POESIA UCRANIANA, Philadelphia, 1950*

## LÉSSIA UKRAINKA

Léssia Ukrainka (1872-1913), a maior poeta ucraniana, era filha da também poetisa Olena Ptchilka (pseudônimo de Olgha Kossátch, irmã do sociólogo e historiador Mykháilo Draghomanow). Nasceu em Novoghrád Volynsky. Possuía uma vasta cultura proveniente da atmosfera na casa paterna; interessava-se pela história, música e línguas; conhecia onze idiomas e dedicava-se à tradução. Começou a escrever poesias ainda em criança. De corpo fraco (sofria de tuberculoso óssea que se transferiu depois aos órgãos internos), era de espírito forte. Por razões de saúde viajou à Criméia, Áustria, Alemanha, Itália, ao Cáucaso e Egito. Criou poesias líricas, poemas e peças dramáticas, nas quais se unem a ternura com o heroísmo viril, razão pela qual foi denominada pelos contemporâneos, naquela época de poesias sentimentais, “o único homem da literatura ucraniana”. Depois da dolorosa experiência de um amor trágico por Serghy Merjynsky, a quem cuidou até a morte em Minsk, casou-se com K. Kvitka e manteve uma bela amizade com a escritora Olgha Kobylanska. Suas obras são escritas na mais alta temperatura emotiva. As idéias lutam com idéias como espadas batem contra espadas: o pensamento aparece nítido, com altivez idealista. CATIVEIRO BABILÔNICO (1903), NAS RUÍNAS (1904), CONTOS DE FADAS DE OUTONO (1905), EM CATACUMBAS (1905), CASSANDRA (1907), JOANA, A MULHER DE KHUS (1909), INSPIRADA (1909), NO CAMPO DE SANGUE (1909), CANTO DE FLORESTA (1911), ADVOGADO MARTIAN (1911), ANFITRIÃO DE PEDRA (1912), ISOLDA DE MÃO BRANCA (1912), ORGIA (1913) e outras obras. ANFITRIÃO DE PEDRA foi publicado em português no Rio de Janeiro em 1983, com o título DON JUAN.

### ERA A NOITE A SURGIR

Era a noite a surgir, feiticeira:  
Uma larga coberta tranqüila  
Sobre a vila vinha se deitar.  
Acordava uma estrela pioneira

Como um cisne que na onda cintila  
A branca asa agitando no mar.  
Com aquele luzeiro, violento,  
Resvalando em angústia, triste  
Debatia-se meu coração.  
Eu cansei do combate sangrento.  
Desejei entoar, como o cisne,  
Minha só derradeira canção.

*SELEÇÃO, Kyiw, 1954*

## **INSCRIÇÃO NA RUÍNA**

“Eu sou o rei dos reis, filho do Sol.  
Fiz este monumento – meu sepulcro –  
Para que os povos todos glorifiquem  
E lembrem pelos séculos afora  
O nome de...” e as letras destruídas.  
Ninguém entre os mais sábios descendentes  
Conhecerá seu nome tão soberbo.  
Quem o desfez? O gesto dum rival?  
A mão do tempo sempre soberana?  
Ninguém o sabe... Com desenho estranho  
Palavras cinzeladas ao redor  
Narram a glória desse rei sem nome.  
Afrescos contam seus famosos feitos:  
Ei-lo sentado no seu alto trono,  
Os povos subjugados vêm trazendo  
Presentes ricos, inclinando fronte,  
Enquanto o rei – um ídolo de pedra –  
Repousa sob os leques coloridos,  
Lembrando seu semblante o rei Tutmés,  
O rei Ramsés e todos os tiranos.

Assim, pelos cabelos ele agarra  
Um grupo de rebeldes, e sua mão  
Toma ímpeto com encurvado alfange.  
E seu semblante lembra o rei Tiraca,  
O rei Menepta e todos os tiranos.  
Com tal semblante vai caçar leões,  
Apanha os leviatãs e mata as aves,  
Cavalga pelos corpos dos guerreiros,  
Alegra-se nos seus haréns festivos,  
Envia os pobres súditos à guerra  
E manda o povo ao trabalho duro,  
Este trabalho egípcio, tão terrível,  
Para cobrir de glória o próprio nome.  
Em ondas, como o mar, avança a plebe,  
Sem conta, sem cessar, para a batalha  
E tinge com a púrpura de sangue  
A estrada triunfal para o tirano,  
Tombando sob os cascos dos cavalos.  
E quem sobreviver daquele povo,  
Há de morrer no Egito trabalhando;  
Da sepultura escrava o rei deseja  
Erguer seu monumento. Morra o servo!  
E o servo cava a terra, grava a pedra,  
Do rio apanha o lodo, faz tijolos,  
Coloca muros, forma estátuas altas,  
Como animal de tiro, puxa os carros,  
Edificando assim algo infinito,  
Algo de incomparável, belo e nobre,  
Pintado, elaborado, cinzelado;  
E cada pedra, estátua e coluna,  
Cada ornamento, friso e escultura  
Com invisíveis lábios pronuncia:  
“O povo egípcio foi meu criador!”

Morreu há muito tempo o rei tirano,  
Restou apenas a inscrição extinta.  
Cantores, não sonheis, não indagueis, ó sábios,  
Quem foi aquele rei inominado,  
Pois o destino fez do seu sepulcro  
Um monumento ao povo. Morra o rei!

*SELEÇÃO, Kyiw, 1954*

### **MELODIA HEBRAICA**

Não és meu! Separou-nos teu estranho país  
E tomou-te uma bela estrangeira!  
Tu achaste com ela teu éden feliz,  
Eu padeço – uma flor passageira.

Só restaram a mim as canções a curtir  
Que cantaram irmãos-prisioneiros,  
Escutando à beira do Eufrates zunir  
Babilônicos verdes salgueiros.

Estes cantos calavam nos dias da dor,  
Harpas mudas nos ramos caídos  
Balançavam-se tristes, lembrando o vigor  
E a fortuna dos anos perdidos.

Com os lábios selados cantavam judeus,  
Só nas asas dos seus pensamentos  
Enviando a canção à cidade de Deus,  
A seu templo entre os ermos e ventos.

“Tu caíste em ruína, ó templo sem par,  
O infiel ao sacrário profana,

Acendendo no teu venerável altar  
A seus deuses a chama leviana.

Renegaram-te todos eleitos dos céus,  
Os levitas não estão mais contigo,  
E sacode a cabeça nos pórticos teus  
Quem olhar teu vestígio antigo.

Não és nosso, mas há de manter-se fiel  
Nossa gente no exílio pesado:  
O que Deus uma vez como templo escolheu,  
Será sempre seu templo sagrado.”

Meu amado! És um templo em ruína e caos.  
Não te abjuro na sorte severa,  
Por tu seres a presa dos hóspedes maus  
E da deusa estrangeira, não vera.

*POESIAS, Obras Escolhidas, Regensburgo, 1946*

## **NO DESERTO**

Falou-nos Adonai: Minha é a vingança!  
Aqueles que não crêem em meus milagres,  
Não os merecem. Antes de morrer  
No vosso meio o último exilado  
Por dúvida maldita corrompido,  
Ignorareis a terra prometida. –  
Assim disse o Senhor pelo profeta,  
E a voz divina triste retumbava  
No meio de ermos. O profeta foi  
Subir o monte para ver de longe  
A terra prometida inalcançável,

E nunca mais voltou. Ficamos sós,  
Abandonados no deserto mudo.  
A Oeste, ou a Leste vai o rumo?  
Ao Norte ou ao Sul? É indiferente.  
Seria bom deitar na areia quente,  
À espera de que o vento derramasse  
Por sobre nós um túmulo dourado.  
Só as criancinhas, os recém-nascidos  
Dão pena, pois que vieram entre nós  
Para provar da fome e sede e logo  
Findar-se nas mortalhas do deserto.  
Iremos pelas dunas sem caminho,  
Ao embalar a cobra da incerteza,  
Com fixo olhar na morte prematura.  
A dúvida e a angústia nos abrasam,  
Dilacerando as almas empestadas.  
A morte do profeta fulminou,  
Igual a um raio, a nossa pobre gente.  
Quem nos conduz agora? – O sonho, apenas,  
O espírito fantástico dos ermos.  
Já estamos castigados. Mais cruel  
Não pode ser o próprio Adonai.  
Andemos! Este amargo sofrimento  
Encurtará o caminho dos que vêm  
Depois de nós, seguindo para a luz!

SELEÇÃO, Kyiw, 1954

### XXX

Se todo meu sangue escorresse também  
como estas palavras! Se a vida passasse  
qual luz vespertina que desaparece

desapercebida... Pois quem colocou  
a mim como a guarda em lamento e ruína?  
E quem obrigou a aliviar os que vivem  
no caleidoscópio da dor, da alegria?  
Quem foi que plantou no meu peito o orgulho?  
Quem me fez empunhar a espada cortante?  
E quem, ofertando a sagrada auriflama  
de cantos e sonhos e a mente rebelde  
deu a ordem suprema: “Não largues tua arma,  
não cedas, não caias, não canses jamais!”?  
Por que eu obedeço o estranho mandato,  
não ousou deixar esse campo de honra,  
lançar sobre o gládio meu próprio corpo?  
O que não permite dizer simplesmente:  
“Eu cedo. Destino, és mais poderoso!”  
Por que, ao lembrar as humildes palavras,  
aperto meu gládio invisível no punho  
e gritos guerreiros ressoam no peito?...

*SELEÇÃO, Kyiw, 1954*

### **XXX**

No tempo vil de Santa Hermandad,  
Prenderam um herege. O pecador  
Foi conduzido junto a Torquemada  
Para ser convertido pela dor.

Penava o mártir; com olhar sofrido,  
As lágrimas corriam sem cessar;  
Uma só vez ouviram seu gemido  
E vieram seus suplícios atizar.



Ele gritou. – Vamos forçá-lo, – disse  
Conhecedor das almas, seu algoz.  
– Ao gládio e ao fogo não resiste  
O espírito de quem é porta-voz.

Aumentai suas penas! – E verdugos  
Correram o rebelde a torturar:  
Tremiam de horror espessos muros  
À espera de cativo desmaiar.

Ele não desmaiou. E calmamente  
Sorriram os seus lábios, já sem cor,  
Os olhos se acenderam, de repente,  
E disse: – Irmãos, pelo divino amor,

Reavivai o quanto mais a brasa:  
No fogo vem a dádiva do céu!  
– Queimai-o vivo! – disse Torquemada,  
– Não há esperança mais. Ele venceu!

*SELEÇÃO, Kyiw, 1954*

## OLEKSANDER OLÉS'

Oleksander Olés' (1878-1944), pseudônimo de Oleksander Kandyba, nasceu na região de Kharkiw. Estudou e formou-se em Kyiw, colaborando ao mesmo tempo em várias revistas e editoras. Emigrou para Viena, depois para Praga, onde faleceu. Virtuoso da forma poética, reúne em suas obras a tradição com o modernismo. ALEGRIA ABRAÇOU-SE COM TRISTEZA (1907), POESIAS (1909-1917), NO CAMINHO PARA O CONTO DE FADAS (1910), PELO ESTRANGEIRO (1919) e outras obras.

### MAWKA<sup>1</sup>

Mawka, onde tu encontraste  
A criança, neste vale,  
Para tanto querer bem?

Balançaste-a tão de leve,  
O materno seio deste  
Cheio de calor e mel.

Ficas quieta, como em prece,  
Só no olhar cintila e treme  
O sereno do pinhal.

Tuas mãos prometem, juram  
Não deixar a flor ghutsula  
Sofrer frio, fome, mal.

Mawka, perto os homens andam...  
Se te encontram? Que desgraça!  
Corre, foge bem veloz!

Dormes, mawka? Não me ouves?  
Deus do céu: não me responde,  
Fica muda, está sem voz.

Ai, Senhor, que lhe acontece?  
Mawka, o vento te oferece  
Uma manta de aldeã...

Mas a mawka não replica:  
Como mármore, tão linda,  
Com criança ao ninar.

*NOS MONTES VERDES, Praga, 1915*

1. Personagem mitológico, virgem da floresta.

## **VOLODYMYR SVIDZINSKY**

Volodymyr Svidzinsky (1885-1941) nasceu na região de Podila. Era conhecido como poeta quase exclusivamente nos círculos de amigos. Só depois de sua morte tornou-se famoso e considerado um dos melhores autores modernos de língua ucraniana. Ele bebeu na fonte dos líricos chineses e japoneses: sua arte se assemelha aos desenhos orientais de nanquim, com economia e exatidão de traços, de caráter surrealista. Durante a vida do poeta saíram publicadas apenas duas coletâneas de poesias: **POESIAS LÍRICAS** (1922) e **SETEMBRO** (1927), além de suas traduções de alemão, grego e latim. A grande parte de sua herança poética (baladas, contos de fadas e põesias) resta inédita. A coletânea **COLHEITA DE MEL** foi publicada nos Estados Unidos da América do Norte.

### **A CHUVA CAI**

A chuva cai –  
A voz do cuco não calou.  
Sou um menino, sou?  
No ninho quero pôr a mão,  
Lá onde o raio jaz  
Como uma cobra em fofó algodão.  
A chuva cai.

*RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959*

### **BESOURO**

(Avião sobre a aldeia da estepe)

Uma casa colorida  
Duas macieiras ao lado:

Dum lado – copa florida,  
E do outro – fruto encarnado.

Sobre a casa – a fumaça em flecha,  
Da casa – um caminho em seta.  
Entorna a manhã a névoa,  
No ramo o sol se ajeita.

Súbito, um grito medonho:  
“Um besouro enorme, credo!”  
Foge a fumaça ao forno,  
O caminho – ao arvoredado,  
As macieiras sob o telhado...

Dissipa-se a sombra ligeira  
E zumbe o ronco zangado.  
De novo ri a macieira:  
“É só de metal, danado!”

*POESIAS, Kyiw, 1940*

## MYKHÁILO DRAI-KHMARA

Mykháilo Drai-Khmara (1889-1939) terminou os estudos na Universidade de Kyiw, viajando em seguida pela Croácia, Sérvia, Hungria, Rumênia. Na volta, assumiu cargo de professor de Literaturas Eslavas na Universidade de Kamianétz Podilsky. De 1923 a 1933 viveu em Kyiw, dedicando-se à literatura original, pesquisa e tradução. Surgiu sua única coletânea de poesias: *RENOVO* (1926). Foi o mais velho dos cinco membros do grupo dos neoclássicos. Na poesia, reuniu o motivo da solidão ao do humanismo profundo e assumiu uma atitude heróica diante do mundo hostil. Renovou a língua ucraniana, usando palavras raras, quase esquecidas, como muitos neologismos. Em 1835, Drai-Khmara foi preso, deportado, torturado com fome, frio e pesados trabalhos forçados nas minas de ouro, chegando a falecer em Kolyma no fim do ano de 1938 ou no começo do ano 1939.

### FENECERAM PEÔNIAS

Feneceram peônias. Sangue  
Coloriu a terra em redor:  
É da morte cruel o estandarte  
Combatendo beleza e amor.

Para a lança mortal e sangrenta,  
Trespasar este peito é dever.  
Porém meu coração não se entrega,  
Florescendo no seu fenecer.

*RENASCENÇA FUZILADA*, Paris, 1959

## CHEKHEREZADE

Gemia a noite. Lanças aguçadas  
Feriam cataratas – brancos véus,  
Dourado-azuis clarões da madrugada  
Zurziam a intempérie do corcel.

Das nuvens leve armada dissipou-se,  
E bronzeada pelas brasas, já  
Voavas sobre teu cavalo jovem –  
Eterno amor, contínua traição.

E sob os cascos estalavam ossos,  
Os olhos extasiavam-se de ver,  
E despejavas baldes generosos  
Da tempestade, ao alvorecer.

Ó jovem amazona, às tempestades  
Tu deves tua força – dom dos céus.  
E saltam as centelhas triunfantes  
Dos ressonantes cascos do corcel.

*RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959*

## MYKOLA ZEROW

Mykola Zerow (1890-1937) nasceu na região de Poltava. Estudou na Universidade de Kyiw, tornando-se em seguida professor ginásial e trabalhando, ao mesmo tempo, como crítico literário e redator do jornal LIVREIRO (1919-1920). Mais tarde, lecionava Literatura na Universidade de Kyiw, era membro da Academia Ucrâniana de Ciências e Letras e redator de numerosos livros, como colaborador de várias revistas. Dedicou-se principalmente à tradução de clássicos latinos e à teoria da literatura. Lançou o lema: Ad fontes! e reabriu aos ucranianos os caminhos à Grécia antiga e Roma, assim como ao parnasianismo francês. Representante da idéia da justa medida, foi um esteta da palavra. Teve o lugar de liderança no grupo dos neoclássicos, ao qual pertenciam também Yury Klen, Maksym Rylsky, Mykháilo Drai-Khmara e Pawló Fylypovytych. Obras originais: KAMENA (1924), CATALEPTON (Philadelphia, 1951), COROLLARIUM (Munique, 1958). Mykola Zerów foi um exemplo de erudição. O regime comunista, hostil à tradição, o acusou de formalismo e de fuga da realidade. Na verdade, ele foi perseguido por ter uma grande atuação sobre a juventude universitária e exigir cultura, conhecimento e profissionalismo na literatura. Zerów foi deportado para a Sibéria, de onde não voltou mais.

## NOS OMBROS JÁ POUSOU...

Nos ombros já pousou a carga dos meus anos,  
Em lidas apagou o riso descuidado.  
Severa e crucial, eu ouço aquela voz:  
– Devolve, servo mau, o fruto que era flor!  
Que trouxe teu suor e teu esforço duro?  
Soubeste cultivar no negro, rico humo?  
Enquanto haja luz, conseguirás colher?  
– Estas palavras são amargas como fel.  
E como não sentir de vós inveja, moços,  
O cheio cálice com vinho precioso,



A hora matinal com áspero frescor,  
E sobre os brancos véus, a estrela ante o sol.

*KAMENA, Lviw, 1943*

## **KYIW VISTO DA MARGEM ESQUERDA**

Alegra-te, tu fronte coroadada  
Nos montes verdes! Sonha o sonhador...  
E não a ti, mais moço, o esplendor  
Dos nossos anos soa em trovoada.

Os dias de tua glória passada  
Choram dos sinos cobre e amargor,  
Invocam com mil vozes teu vigor,  
Teu florescer, cidade escravizada.

No entanto, vem na pura luz solar  
Adornos e quimeras contemplar,  
E o maravilha de colunas brancas!

Emana vida e ímpeto o perfil  
Desta montanha de floridas flancas,  
Este de ouro cravejado anil!

*KAMENA, Lviw, 1943*

## **YAKIW SAWTCHENKO**

Yakiw Sawtchenko (1890-193?) foi um dos primeiros simbolistas ucranianos. Frequentou a Universidade de Kyiw, sem terminar um determinado curso, e viveu da produção literária. Deixou duas coletâneas: POESIAS (1918) e TERRA (1921). Com a mudança política na Ucrânia, passou para a linha oficial, sem no entanto escapar do desterro em Solovky no Mar Branco, onde chegou a falecer no começo da quarta década do século.

### **ELE VEM AO RAIAR**

Ele vem ao raiar num medonho corcel  
Na janela bater com a espada real.  
– Tu na lenda darás derradeiro teu mel  
E das lágrimas sal.

Sim, então saberás. Não irás perguntar  
Por que vim ao raiar, de que terra cheguei,  
Só com velas a estrada farás clarear,  
Uma estrada do rei.

Para sempre. Não mais... Mas o mito cruel  
Não sepultam assim como o corpo mortal.  
Lembrarás que cheguei num medonho corcel  
Com a espada real.

*RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959*

## YURY KLEN

Yury Klen (1891-1947) é o pseudônimo de Oswald Burghard, que descendia dos colonos alemães na região de Podila. Foi exilado na Primeira Guerra Mundial para Arkhangelsk, voltando no fim do ano de 1918 a Kyiw, onde tornou-se mais tarde professor. Quando, no ano de 1931 o regime comunista prendeu o poeta Maksym Rylsky, Yury Klen resolveu emigrar. Ele tornou-se catedrático de Línguas e Literaturas Eslavas nas Universidades de Münster, Praga e Innsbruck, considerando, no entanto, a Ucrânica sua antiga Ítaca. Morreu em Augsburg. Era uma alma cândida, um cavalheiro que dedicou sua vida e obra a uma cultura injustiçada. Yury Klen conduz seu fio poético através de séculos e culturas. Principiando como romântico pela índole, termina nas alturas filosóficas. Sua cosmovisão é o humanismo cristão. Com grande compaixão, registra Klen a ruína da sua pátria. Suas melhores páginas são dedicadas à fome e à crueldade que devastaram a Ucrânia na quarta década do século. As obras mais representativas: ANOS MALDITOS (1937), CARAVELAS (1943), CINZA DOS IMPÉRIOS (1946), MEMÓRIAS SOBRE OS NEOCLÁSSICOS (1947). O autor fez inúmeras traduções do alemão, inglês e francês.

### PELO OUTONO

Há nuvens sobre o coração cansado.  
O vento esgarça as tendas d'ouropéis.  
Matas chamejam em incêndios bravos,  
Em tão serena solidão do céu.

Minh'alma oscila como a folha ao vento,  
Cavalos pisam cardos, ao passar.  
Os anos, dias, horas e momentos  
São o pulsar do nosso coração.

CARAVELAS, Praga, 1943.

## A PÁTRIA EM RUÍNAS

De CINZA DOS IMPÉRIOS

Tudo perdeste, só teu céu florido  
Qual um tapete caro levarás.  
Que mais precisas, pobre peregrino,  
O que tua alma vem pedir a mais?

O vento poderoso, teu confrade,  
Carregará fiéis constelações,  
E sobre ti estará por toda a parte  
Dos astros pátrios ressurgida flor.

Onde vagares, em regiões estranhas,  
Encontrarás teu teto protetor:  
Repousam sempre sob o céu da pátria  
Mendigo, sábio, bardo e herói.

*OBRAS*, vol. II, Toronto, 1957

## OLEKSA SLISSARENKO

Oleksa Slissarenko (1891-1937) nasceu na região de Kharkiw; trabalhou como agrônomo e, depois da Primeira Guerra Mundial, veio a Kyiw, colaborando na formação da vida nacional e literária. Principiou como simbolista, anexando-se mais tarde ao grupo de futuristas, chefiado por Mykháil Semenko. Em seguida, de novo em Kharkiw, colaborou no VAPLITE, sendo por isso deportado para a Sibéria, de onde não voltou mais. NA MARGEM CASTÁLICA (1918), ALMANAQUE DOS TRÊS (em colaboração com Lúbtchenko e Semenko, 1920), POESIAS (1923), BÁIDA (1928); prosa: EM PÂNTANOS (1924), PLANTAÇÕES (1925), UVAS DE PEDRA (1927) e outras.

### ENTRE COLMEIAS

Na bétula branca pendurado  
O ícone de Savaty e Zossima.  
Circula a laboriosa irmandade  
Sobre as colmeias todo seu dia.

Lá carregam os monges alados  
O mel d'ouro e cera para velas.  
Eu saúdo vossa ordem severa!

Incansável em todo seu dia,  
Só de tarde se acalma, nas celas.  
O ícone de Savaty e Zossima  
Protege o mosteiro contra as trevas.

*RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959*

## PAWLÓ FYLYPOVYTCH

Pawló Fylypovytych (1891-1937) nasceu como filho de um sacerdote ortodoxo. Tanto talentoso como esforçado, tornou-se professor na Universidade de Kyiw, onde trabalhou até sua prisão em 1935. Era colaborador da Academia Ucraniana de Ciências e Letras e fez parte do grupo dos neoclássicos. Como poeta, deixou poucas mas requintadas obras. Coletâneas: *TERRA E VENTO* (1922), *ESPAÇO* (1925). Suas poesias estão imersas num fogo ao mesmo tempo sensual e purificador; revelam idéias pan-cósmicas e panteístas. O poeta morreu no exílio, na Sibéria.

### PASSOU A NOITE

Passou a noite inglória e profana,  
Por toda a parte – estepe, escuridão.  
Quando virás, ó doce Yaroslawná  
Sobre a muralha de ânsia e de paixão?

Atira o vento as setas aguçadas,  
O sol derrama o vinho embriagador,  
E eu não vejo tuas mãos, amada,  
Salvar a vida de perigo e dor.

Kontchák<sup>1</sup> induz sua filha – feiticeira  
A seduzir o estranho nos grilhões;  
Volúpia negra, livre e traiçoeira  
Pressinto já nas bárbaras canções.

*RENASCENÇA FUZILADA*, Paris, 1959

<sup>1</sup>. Chefe dos cumanos, na obra *CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IGHOR*.

## SALOMÉ

Que enviasse raios o profeta João  
Sob líneo céu da pátria, neste dia,  
A voz de Salomé nos envolvia,  
Serpenteando em nosso coração.

Irresistível, espalhou paixão  
A penetrar platéia e galeria,  
Nenhum abrigo dela mais havia,  
Quando na dança despertou tufão.

Volúpia vil, beleza embriagadora,  
Tu em cinza tornarias a aurora  
Dum povo, maleável e fatal!

Diante de ti a cabeça ensangüentada,  
E tu darás a própria vida alada  
Para no mito seres imortal!

Yury Klen: Memórias sobre os Neoclássicos,  
em OBRAS, Toronto, 1960.

## PAWLÓ TYTCHYNA

Pawló Tytchyna (1891-1967) foi chamado de “príncipe da poesia ucraniana”. Estudou no Seminário Teológico da sua cidade natal, Tchernyghiw, dedicando-se com zelo à leitura da Escritura Sagrada e à música. É o mais musical entre os poetas ucranianos. Mais tarde, em Kyiw, passou pelas treze mudanças sangrentas do governo, aplaudindo a renascença cultural ucraniana com sua coletânea CLARINETAS DO SOL (1918). Outras obras: EM VEZ DE SONETOS E OITAVAS (1920), ARADO (1920), NA ORQUESTRA CÓSMICA (1924), VENTO DA UCRÂNIA (1929). Sua poesia destes anos não se enquadra dentro de uma escola literária. Conhecedor de uma dezena de línguas, principalmente orientais, Tytchyna podia ter sido tocado por sua magia. O folclore influi diretamente na sua obra. A partir do ano de 1922, passou a viver em Kharkiw, então a capital da Ucrânia, colaborando com Khvylovy e Blakytny nas recém-formadas associações dos escritores ucranianos TEMPERO (GHART) e VAPLITE. Porém, sob a pressão do regime, Tytchyna cessa de ser o grande poeta original para se tornar um trovador do tirano, sem personalidade nem originalidade, salvando com este preço sua vida. Seleta de suas poesias foi publicada sob o título de DOURADO ECO no ano de 1992, no Rio de Janeiro.

### DESCERRAI A PORTA

Descerrai a porta –  
Eis a noiva vem!  
Descerrai a porta –  
Anilado azul!  
Corações, corais: risonho  
                                Sonho,  
Sol!

Descerrou-se a porta –  
Noite sem luar.



Descerrou-se a porta –  
Sangue ao redor.  
Inchorável mar, lamento –  
                                Vento,  
Dor.

*CLARINETAS DO SOL, Kyiw, 1918*

## **MÃE DOLOROSA**

Andava pelo campo  
Por sulcos e veredas,  
A dor feriu o peito  
Com rútilas espadas.

Olhou – sereno tudo,  
Um morto nas espigas,  
Os talos sonolentos:  
– Alegra-te, Maria!

Os talos sonolentos:  
– Não vás, não vás embora.  
Parou a Mãe de Deus –  
Orvalho, quando chora.

Nem lua, nem estrelas  
E não raiava o dia,  
O coração humano  
Ao fundo empobrecia.

## **II**

Andava pelo campo  
O verde florescia.

Discípulos de Cristo:

– Alegra-te, Maria!

Alegra-te, Maria,

Buscamos nosso mestre.

Nos dize: qual mais reto

Caminho que nos leve? –

Ergueu as mãos Maria

Sem sangue, como lírios:

– Não ide a Galiléia

Nem a Judéia, filhos.

Mas ide para Ucrânia.

Entrai em cada casa,

Então vereis sua sombra

Na cruz crucificada.

### III

Andava pelo campo

Os campos em ruína,

E o vento lhe anuncia:

– Ressuscitou a Vida! –

– Ressuscitou? Não vejo,

Não ouço, não sei nada.

Que luz o céu derrama

Na terra ensangüentada? –

– Ressuscitou, Maria!

Nós, flores de massacre,

Nascemos aos milhares

Do derramado sangue! –

As vilas, longe, calam,  
Os campos em ruína,  
Só a meiga flor cochila:  
– Proteja-nos, Maria!

#### IV

Andava pelo campo:  
– E deve consumir-se  
A terra que Ele amava  
Além do seu limite? –

Olhou – sereno tudo,  
Selvagem a cevada.  
– Por que motivo foste  
Assim martirizada? –

Não suportou o tormento,  
Não suportou a tristeza,  
Em cruz abrindo os braços  
Caiu na vereda.

– Alegra-te! – cantavam  
As loiras espiguinhas,  
E os anjos nas alturas  
Não viam nem ouviam.

*RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959*

## GUERRA

### I

Deito para dormir,  
Três anjos na cabeceira estão.

O primeiro anjo tudo enxerga.  
O segundo anjo tudo ouve.  
O terceiro anjo tudo sabe.

E veio-me no sonho  
O filho.

Ele sozinho contra o inimigo investe,  
Aquele o cerca, direto no peito fere,  
O primeiro anjo seus olhos verte.

Parece o campo verde, plano.  
– Vai, filho! – Adeus, mãe! – Ouve-se o canto.  
Levanta-me a cruz o segundo anjo.

E o vento: – Não fiques triste! Não conhece a morte  
Quem pela Ucrânia morre! –  
(O terceiro anjo alegre as flores).

E veio-me no sonho  
O filho.

### II

À direita – o sol.  
À esquerda – a lua.  
Em frente – a estrela.

– Abençôo-te, filho, contra o inimigo! –  
E ele: – Mãe querida!  
Não há, – diz, - inimigo  
E não haverá.  
Só temos um inimigo –  
O coração.

Abençoe-me, mãe, a procurar ervas,  
A procurar a cura contra a nossa loucura. –

Levantei para a cruz a mão –  
Junto a mim – ninguém mais no chão,  
Só do corvo o grito vão...

À direita – o sol.  
À esquerda – a lua.  
Em frente – a estrela.

*RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959*

## **CÍTARAS, CÍTARAS...**

Cítaras, cítaras –  
encantadas, prateadas ressoaram em jardins,

Autofônicas:

Primavera

Já vem,

Pétalas-pérolas

Por adorno tem.

Cânticos, cânticos, –  
como em alto-mar veleiros, acumulam-se no azul,  
Meigotônicos...

Vem peleja,  
Ardor!  
Riso vem, pranto vem  
Madre-pérola...

Paro, detenho-me –  
ribeirinhos qual sininhos, cotovia como d'ouro  
Com seu júbilo:

Primavera  
Já vem,  
Pétalas-pérolas  
Por adorno tem.

Minha delícia –  
andas triste ou repleta de ventura, ao tecer  
Sonho rútilo?

Abre espiga  
Do olhar!  
Riso vem, pranto vem  
Madre-pérola...

*CLARINETAS DO SOL, Kyiw, 1918*

## **OS BOSQUES CANTAM**

Os bosques cantam –  
Eu escuto.  
As nuvens correm –  
Eu as miro.  
Deliciado, eu me admiro  
De que minha alma esteja  
tão alegre.

O sino soa –  
    Bem de longe.  
Tece pensares  
    Sobre os prados.  
Sobre os prados ondulados,  
Banhando-me igual  
    a andorinha.

Eu ando, ando –  
    Comovido.  
Cantando sigo –  
    Esperançoso.  
Esperançoso e amoroso,  
Ao murmurar das ervas  
    acariciante.

O bosque sonha –  
    Sobre o rio.  
Do céu, a beira –  
    Como ouro.  
Igual a ouro e prataria  
Tremula e arde o rio  
    qual música.

*CLARINETAS DO SOL, Kyiw, 1918*

## **RITMO E ANTÍSTROFE**

Ritmo:

Quando passam duas moças esbeltas – papoula  
rubra nas tranças –  
– bem longe! jovens planetas!

Flutuam. Se afilam. Átomos de trégua no mundo,  
no mundo de trevas! Dançam, levantam poeira...  
Os sóis se põem em torno. Emanam faixas de luz  
pelo universo.  
Duas moças.

Antístrofe:

Serviu leite às crianças famintas,  
sentou-se a pensar...  
E sobre a jarra, como de olhos cegos, rolaram  
lágrimas. Rápida a primeira, a segunda  
a contragosto  
atrás...  
Duas moças.

*ARADO, Kyiw, 1920*



## MAIK JOHANSEN

Maik Johansen (1895-1937) nasceu em Kharkiw. Era de origem sueca, por parte do seu pai. Um dos mais expressivos mestres da palavra poética, também tradutor, teórico da literatura, tornou-se um dos fundadores da literatura ucraniana soviética, embora estivesse longe da vida política. Era assistente da cátedra de Língua Ucraniana, na Universidade de Kharkiw. De 1921 a 1933 saíram publicadas sete coletâneas de poesias de Johansen, sendo as mais importantes *ÀS ALTURAS* (1921), *FREIXO* (1930) e *POESIAS* (1933). Escreveu, também, contos e romances. Por pertencer à organização dos escritores soviéticos ucranianos VAPLITE, foi preso na época mais dura de perseguição contra a cultura nacional, em 1937, e fuzilado.

### AZULAM À TARDINHA OS VALES

Azulam à tardinha os vales,  
O rio fala com as margens.  
    Misteriosas,  
Fumegam tendas brancas –  
    Celestes véus:  
Ceia das matas a ferver.  
Mais próxima a tarde aborda,  
Mais baixo choram ervas-cordas.  
    Calmos, ditosos,  
Poetas – bosques  
    Navegam céus.

*RENASCENÇA FUZILADA, Paris, 1959*

## **A MADRUGADA**

A estrela esmoreceu de temor  
sobre a mata  
(há muito morreu a lua),  
o capim vermelho grita no levante,  
a rubra beterraba vai se erguendo,  
sempre mais alto, mais alto;  
assobiou, bateu, explodiu em centelhas  
– a manhã.

*MODERNA POESIA UCRANIANA*, Philadelphia, 1950

## MAKSYM RYLSKY

Maksym Rylsky (1895-1964) foi um dos maiores poetas dos anos de 1917-1933. Nasceu na capital ucraniana, onde freqüentou a Universidade, sem, no entanto, terminá-la, dedicando-se à criação literária. Possuía o íntimo contato com a Natureza, preferindo a vida na aldeia, no meio de seus livros, à agitação da metrópole. Era um dos componentes do grupo dos neoclássicos, um tradutor brilhante. Obras: NAS ILHAS BRANCAS (1910), SOB AS ESTRELAS OUTONAIAS (1918), DISTÂNCIA AZUL (1922), ATRAVÉS DA TEMPESTADE E NEVE (1925), DÉCIMA TERCEIRA PRIMAVERA (1926), ONDE OS CAMINHOS SE ENCONTRAM (1929) e outras. O poeta foi atacado pela crítica soviética como alguém que se refugiava da realidade para um mundo bucólico. Rylsky foi preso em 1931, capitulando em seguida diante do regime e aceitando a ideologia oficial.

### ANDORINHA

A andorinha voa, pois tem asas,  
E Ghanússia ama, – veio a vez.  
Onda verde, se ergue a montanha,  
O degelo chama ao convés.

Bordos tenros dobram seus joelhos,  
Pombos vêm as nuvens pratear,  
Tudo, tudo em breve deixaremos  
Por um vôo azul no infindo mar.

Gire e torne nossa terra gasta  
Em redor da lâmpada, talvez!  
A andorinha voa, pois tem asas,  
E Ghanússia chora, – veio a vez.

OBRAS, Kyiw, 1961

## **TINIU A CHAVE**

Tiniu a chave do lar... Solidão laboriosa e tranqüila  
Vem acender minha luz, branco papel me estender.  
No peitoril, meu gerânio virou baobá gigantesco,  
Sobre a parede azul voga uma estranha nau.

Gritos de nautas ecoam de longe, como das águas,  
Diáfano vento me traz sua asa molhada do mar,  
Ao alegrar o velame, bordado com seda ardente,  
Sopra das ilhas ignotas perfumes de plantas do sol.

*OBRAS, Kyiw, 1961*

## **MACIEIRA**

– Regue esta macieira, de maçãs  
Tão carregada! Que dê frutas, sã! –  
Disse a esposa, cheia de ternura.  
– Esta macieira é grávida – oxalá  
Que cresçam frutas, como cresce a lua! –

Esta macieira é vida de nós dois,  
No filho incorporada e resumida,  
Que se levante este pomar em sóis,  
Lá, onde a mãe chorava na ruína.

*OBRAS, Kyiw, 1961*

## TEODOSY OS'MATCHKA

Teodosy Os'matchka (1895-1962), natural de Tchernyghiw, era professor secundário em Kyiw. Quando o processo literário ucraniano foi aniquilado na quarta década do século, o poeta resolveu abandonar a pátria; foi, porém, preso na fronteira e posto numa clínica psiquiátrica. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, Os'matchka emigrou primeiramente para a Alemanha, depois para os Estados Unidos da América do Norte, levando uma vida angustiada entre os continentes e trabalhando freneticamente nas suas obras até a morte na clínica psiquiátrica em Long Island. É um poeta trágico que conta – como Chewtchenko – a injustiça cometida ao povo ucraniano. O homem, na sua obra, é predestinado à solidão e à procura da Verdade num universo alheio. Obras: PENHASCO (1922), FOGOS CITAS (1925), POETA (1947), CAVALEIRO DA HONRA (1946); traduções de Shakespeare e Wilde.

### CONTO DE FADAS

Quando a mãe a mim banhava  
na reseda,  
Dyw<sup>1</sup> no berço sacudia  
as estrelas.  
Inclinava sua fronte  
jovem lua  
aos pesinhos da criança  
na água pura.  
Escorria de sua face  
água-brilho,  
enxaguando com a prata  
o menino.  
Quando a mãe me deu o banho,  
entre os astros  
colocou-me no meu berço,

como em campo.  
Como em campo, na colina,  
junto ao rio,  
onde embalam as espigas  
loiro trigo.  
Meu coração ficou na água  
por descuido.  
A mãezinha derramou-o  
no viburno.  
Gotejou de dentro prata  
sobre o trevo,  
rouxinóis a beliscaram  
em espelhos.  
Camomila foi nascendo  
nos orvalhos,  
e caiu a lua dentro  
do seu lago.  
Espraiou-se a camomila  
pela terra  
e lavou-lhe o mar celeste  
a cabeleira.  
Um falcão tendeu as asas  
sobre a estepe,  
e caíram as neblinas  
de asas leves.  
Foi murchando a camomila  
na garoa,  
mas colheu-na dentro de ervas  
uma moça.  
Eu nas tépidas estrelas  
a procuro,  
tanjo sinos de sereno  
pelo mundo.

*FOGOS CITAS*, Kharkiw, 1925.

<sup>1</sup>. Personagem mitológico de *CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IHOR*.

## LEONÍD MOSSENDZ

Leoníd Mossenz (1897-1948) nasceu na região de Podila. Formou-se químico, dedicando-se, mais tarde, à literatura. Emigrou primeiro para a Polónia, depois para a Tcheco-Eslováquia. Em 1931, Mossenz defendeu sua tese de doutoramento sobre os derivados do petróleo, começando uma série de publicações científicas. Em 1945, ele teve que abandonar sua mulher e filha, fugindo das tropas soviéticas para a Áustria, vivendo em Seefeld e Salzburgo. Em 1946, viajou para a Suíça em tratamento de tuberculose pulmonar, onde morreu. Obras: ZODÍACO (1941), KANITVERSTÁN (1945), O ANO DE VOLÍNIA (1948), O ÚLTIMO PROFETA (1960) e outras. Era um poeta erudito, de pensamento filosófico. Suas obras em prosa (como o romance póstumo) são superiores à sua poesia.

### PÕEM-SE ESTRELAS

Põem-se estrelas. Sobre as matas mudas  
pendeu azul-marinho o horizonte.  
Um sopro morno pelo campo corre,  
alguém se inclina sobre a terra nua.

Em bênção suas boas mãos estende  
e quase toca a neve cor-da-lua.  
Na quietude os sons distingo leves  
do acorde, cujo nome diz ternura.

*ZODÍACO, Praga, 1941*

## YEWGHÉN MALANIÚK

Yewghén Malaniúk (1897-1968) nasceu na região de Korsun'. Estudava no Ginásio Real de Yelysavét. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi oficial do exército da República Nacional Ucraniana, sentindo-se a vida inteira combatente. A partir de 1921, Malaniúk viveu na emigração. Em Praga, concluiu os estudos de Engenharia; depois, viveu em Varsóvia. Suas publicações provocaram entusiasmo em intelectuais soviéticos e ódio em seus governantes. Durante a Segunda Guerra Mundial, viveu na Alemanha, emigrando em seguida para os Estados Unidos da América do Norte. Morreu em Nova York. Obras: HERBÁRIO (1926), TERRA E FERRO (1930), MADONA TERRESTRE (1934), ANEL DE POLÍCRATO (1939), QUINTA SINFONIA (1954), A ÚLTIMA PRIMAVERA (1959), AGOSTO (1964) e outras. É um poeta viril, heróico, escolhendo a temática severa. Em suas últimas obras, acentua o lirismo individual.

### MADONA TERRESTRE

Tu és jônica branca coluna:  
A neve ao sol de verão,  
Escondes teu colo, ó pura,  
Nos lírios – coxas e mãos.

Tua imagem, madona terrestre,  
Não posso ofender com olhar;  
Nas faces papoulas florescem,  
Na testa – uma flor de coral.

Debate-se o sangue nas veias –  
Um pássaro no vento anil,  
Em que góticas cantilenas  
Cantar teu hino-jasmim?



No céu – a Madona dos coros,  
Na terra – tu brilhas a nós  
E guardas na concha do colo  
A pérola pura de amor.

*COORDENADAS*, Nova York – Munique, 1969

## YEWGHÉN PLUJNYK

Yewghén Plujnyk (1898-1936) foi uma personalidade cristalina. Nasceu numa numerosa família camponesa. (“Eu sou como todos os outros. Até as calças de linho.”) Primeiro foi professor na escola primária, depois tentou várias profissões, escolhendo finalmente a literatura. Obras: DIAS (1926), OUTONO PRECOCE (1927), EQUILÍBRIO (1948). O último livro, escrito no tempo de extermínio da intelectualidade ucraniana nos anos 1929-1935, foi publicado no Oeste (Augsburgo). Doente de tuberculose hereditária, Plujnyk foi deportado para Solovky, na Sibéria, onde chegou a falecer. Sua técnica de “pontilismo” anexa-o aos impressionistas.

### Do Poema GALILEU

– Seja feita tua vontade,  
Meu tempo,  
Nesta terra cansada!  
Sou um pequeno inseto  
Na tua indiferente palma.

Ai, caíram frutos encarnados  
Nos tranqüilos, calmos campos...  
Meu povo!

Ignorante e descalço!  
Santificado seja teu nome!

Que floresçam novos centeios  
Com a flor altiva da glória!  
Ai, tu paixão minha santa –  
Tempo sangrento!

A todos teus filhos sacrificados  
E àqueles

Que serão mortos,  
Para que ressurjam num mito eterno,  
A todos  
Eles  
– Hosana!

*RENASCENÇA FUZILADA*, Paris, 1959

## DMYTRÓ FÁLKIWSKY

Dmytró Fálkiwsky (1898-1934) nasceu em Políssia, estudou no ginásio de Brest’Litówsk. Como jovem, dedicou-se à idéia do Comunismo, mas em breve acordou dos seus sonhos, vendo a cruel realidade com milhares de vítimas inocentes e sentindo sua trágica culpa por esta participação ideológica. Fálkiwsky voltou arrependido à sua região de florestas e lagos, porém foi preso em seguida e fuzilado. Obras: PASTOR (1925), HORIZONTES (1927), NA QUEIMADA (1928), POLÍSSIA (1931). A lírica de Fálkiwsky é singela, mas corajosa e honesta.

### POLÍSSIA

Verde junco me pôs no seu berço,  
Em meu lar se tornou pantanal;  
Amo minha cabana no brejo,  
Pensativa floresta natal.

Que são pampas e trópicas terras!  
Nossa mata vai sempre durar;  
Eu daria por ela sem pena  
Taiga, Tundra, Tibet e Ural.

Eis Políssia – nostálgica lama,  
Largos lagos, caniço, sapé,  
Só ao longe uma pobre morada,  
Um retalho de aldeia qualquer.

Nossa vida é sem tempo e desejo,  
Mas que júbilo primaveril,  
Quando os peitos esbarram no vento  
E voamos no barco, sem fim!

Quando a água ondula e resvala,  
E se turva na raiva total;  
Primavera nas almas em brasa  
Cria asas e ensina a voar.

*DIAS FERIDOS*, Bratislava, 1969

## VOLODYMYR SOSSIURA

Volodymyr Sossiura (1898-1965) nasceu em Donbás como filho de camponeses. Terminou a escola rural e começou a trabalhar em diversos empregos, também nas minas de carvão. Como poeta, foi em grande parte autodidata, tornando-se, no entanto, um dos mais populares líricos nos anos após a Revolução. Sua atitude ética decerto pode ser censurada tanto do lado dos nacionalistas como dos comunistas, pois mudava de idéias freqüentemente e era algo superficial, porém inegável é seu talento. Escreveu numerosos livros de poesias, entre eles: *INVERNO VERMELHO* (1922), *CIDADE* (1924), *ESTRELAS OUTONAIAS* (1924), *NEVES* (1925), *POESIAS* (1929-30), *ROSAS RUBRAS* (1932) e outras obras, também em prosa.

### A ESTRELA DE DOURADAS PONTAS

A estrela de douradas pontas  
Nas losnas, quando a flor se abrir,  
Sobre a soleira abrasadora  
Deita sua asa de marfim.

E nas calçadas – não os lírios,  
E não dos cisnes dor tenaz:  
Ressoa o anilado abismo,  
Chameja o astro ao pensar.

Nos campos, o outono espalha  
Aromas. Generosa mão...  
Corcéis metálicos cavalgam,  
Rescende fresco o matagal.

*RENASCENÇA FUZILADA*, Paris, 1959

## OLEKSA STEFANOVYTCH

Oleksa Stefanovytch (1900-1970) nasceu na região de Volínia, estudando nas cidades Ostrógh e Jytomyr. Aos vinte anos de idade emigrou para a Tcheco-Eslováquia, estudando na Universidade de Praga. Com o advento da Segunda Guerra Mundial esteve na Alemanha Ocidental, emigrando em seguida para os Estados Unidos da América do Norte. Morreu em Buffalo. Obras: POESIAS (1927), STEPHANOS I (1938), OBRA REUNIDA (póstuma, 1975). Embora sua safra poética seja pequena, ela abrange um grande círculo temático, causando a impressão de um vasto quadro em mosaico. O poeta opera brilhantemente com os elementos sonoros, dando grande importância à questão léxica.

### CHUVA DE OURO

Ela se apressa e esconde seu tesouro,  
Mas deus em chamas não retém o amor...  
Derrama suas flechas ao redor  
Sobre os pomares-vinhas – chuva d'ouro.

Ninguém impede seu dourado choro.  
Ninguém detém o lampejante ardor:  
Da altura descem rios ao compor  
Cascata e mais cascata – o loiro coro.

Em avalanches no seu desabar,  
Em lavas implacáveis ao rolar,  
Flameja o cativo enamorado.

Sob a redoma, no áureo dossel,  
Dânae sorve o favo desvairado:  
Dos pés às tranças – âmbar, ouro, mel.

COORDENADAS, Nova York – Munique, 1969

## O FENO FRESCO

O feno fresco, o presépio lindo  
Clara Criança...  
Virgem Maria estende ao Filho  
A longa trança.

A ovelha branca no Cristo sopra  
Sopra a cinzenta,  
Sopram no Cristo, pois na madorna  
O bafo esquentada.

Nas nuvens riscam asas as asas –  
O enxame de anjos,  
Nunca as alturas tanto soavam –  
Alegres cantos.

Pinheiros tinem, repicam sinos,  
Viburnos dançam...  
O feno fresco, o presépio lindo,  
Clara Criança...

COORDENADAS, Nova York – Munique, 1969



## YURY LYPA

YurY Lypa (1900-1944) nasceu em Odessa. Terminou os estudos de Medicina na Universidade de Poznan' (Polônia). Foi brutalmente assassinado pelos comunistas. Era uma personalidade de muitos talentos: dedicava-se ao estudo de plantas medicinais, história, filosofia, arqueologia, psicologia, sociologia, antropologia e teoria política. Escreveu centenas de artigos e pesquisas para diversos jornais. Como escritor, dedicava-se à poesia, prosa, dramaturgia, traduções e crítica literária. Lírica: CLARIDADE (Kalich, 1925), SEVERIDADE (Praga, 1931), CREIO (Kviw, 1938), POESIA (Toronto, 1967). Como poeta, era aristocrata de espírito, autor de poesia mística.

### XXX

Entra na igreja! Multicolor  
Ardem em torno corações. Nadam hinos na luz.  
Fica de pé, como no arco-íris. Aguarda, como noivo,  
Qual dos instantes, qual a porta.

Entra depois,  
Na abertura do Eterno e do Novo.  
É o prêmio de teus dias. É o dom supremo.

*POESIA, Toronto, 1967*

## **MYKHÁLO ORÉST**

Mykhálo Orést (Mykhálo Zerow, 1901-1963) nasceu na região de Poltava. Terminou o Instituto de Estudos Populares em Kyiw, tornando-se professor secundário. Foi preso durante quatro anos, emigrando em 1944 para a Alemanha, onde faleceu. Era pessoa de grande erudição. Além de suas poesias originais, deixou valiosas traduções de alemão, inglês, francês, italiano, espanhol, português, russo e polonês. Obras: REFLEXOS DE ANOS (1944), ALMA E DESTINO (1946), NAÇÃO DA PALAVRA (1952), HÓSPEDE E HOSPEDEIRA (1952), REBENTOS TARDIOS (1965). É-lhe típica uma alegria tranqüila que simboliza a harmonia mística entre o ser humano e o universo.

### **NOIVEI-ME COM A SAUDADE**

Noivei-me com a saudade,  
E aquele pesado anel,  
Entregue a mim e tão grave,  
Foi na alma muda jazer.

Só às vezes – pálido raio,  
Dado por sol ao luar,  
Brilha o alegre passado  
No meu estrelado umbral.

*ALMA E DESTINO, Augsburg, 1946*

## NATALIA LIVYTSKA-KHOŁODNA

Natalia Livytska-Kholodna (1902-2005) nasceu na região de Poltava. Estudou literaturas românicas na Universidade de Praga, terminando os estudos em Varsóvia. Depois da Segunda Guerra Mundial emigrou para os Estados Unidos da América do Norte. Poeta de lírica íntima, de paixão como que de efeitos narcóticos, contra a qual não se pode lutar. Poesia: FOGO E CINZAS (Varsóvia, 1934), SETE LETRAS (Varsóvia, 1937).

### PECADO

Ver-te-ei no passeio novamente,  
ou no teatro vamos nos rever;  
lembranças ajuntar-se-ão na mente,  
fazendo o sangue tártaro ferver.

E teu olhar soberbo, feito brasa,  
de novo vitorioso lançarás;  
minha alma subjugada, já sem asas,  
veneno com pecado sorverá.

*FOGO E CINZAS, Varsóvia, 1934*

## MYKOLA BAJÁN

Mykola Baján (1904-1983) nasceu em Kamianézt Podilsky, passando os anos de juventude em Uman' – duas plataformas histórico-culturais ucranianas. Grande importância na sua formação exercia o teatro de Les'Kurbas, como a obra de Oleksander Dowjenko, o gênio do cinema nacional. Colaborou na organização VAPLITE, de Mykola Khvylovy. Tornou-se professor da Orientalística, em Kyiw. Suas primeiras obras literárias colocaram-no logo acima da literatura russa do seu tempo. Foi poupado nos anos do extermínio da cultura ucraniana e condecorado com os mais altos cargos e as mais altas distinções soviéticas. No entanto, suas obras escritas antes da era da perseguição têm o maior valor literário; nos anos posteriores o poeta se dedica, principalmente, à tradução, por exemplo, georgiana medieval de Chota Rustaveli: CAVALEIRO EM PELE DE TIGRE. Obras originais: SOMBRA ESCULPIDA (1927), CONSTRUÇÕES (1929), CAMINHO (1930), POESIAS (1930), CEGOS (1930) e outras.

### PRENÚNCIO DA TEMPESTADE

Silenciosa, informe, muda cortina  
Cobriu, abafando, o meio do céu,  
A nuvem cresceu, luzia seu véu  
Assim como os roxos bagos da vinha.  
Amadurecia a safra veloz  
Das gotas redondas, precisas de uvas,  
Inchavam, ao saciar-se, na chuva  
Que já suspendeu-se no ar sobre nós.  
Inevitável acerto de contas,  
Atroz aguardar – sem ruído e luz,  
Só a andorinha com asas em cruz  
Riscava qual raio as copas sombrosas.  
Homens respiram mais lento. No olhar  
Jaz recolhida fundura da calma,  
No entanto o coração tenso resvala –

Um pássaro pronto a erguer-se no ar.  
Esquentam-se as palmas. Mãos calorosas  
Tornam os homens amigos no azar,  
Pois numa corrida insensata e louca  
Golpe após golpe dos céus tombará.  
Já o pálido céu exclama com fogo!  
Homens tranqüilos irão enfrentar  
A tempestade na terra e no mar,  
Com respirar límpido e poderoso.

*RUBOR, Kyiw, 1966*

## BOGHDÁN KRAWTSIW

Boghdán Krawtsiw (1904-1976) nasceu na região de Galícia, de família de sacerdote uniata. Terminou os estudos na Universidade de Lwiw. Teve ativa participação na vida político-cultural da parte ocidental da Ucrânia. O governo polonês o sentenciou a três anos de prisão. Dedicou-se à formação da juventude na organização de escoteiros ucranianos (PLAST). Emigrou para os Estados Unidos da América do Norte, onde trabalhou como redator dos jornais LIBERDADE e ATUALIDADE. Foi crítico, pesquisador literário, tradutor e poeta. Na criação individual se mostra tradicionalista, preocupando-se mais com o aperfeiçoamento de versos que com invenções novas, embutindo sua obra no rico folclore ucraniano e na tradição medieval. Coletâneas: CAMINHO (1929), RAIOS (1930), ÚLTIMO VERÃO (1940), SOB AS ESTRELAS ALHEIAS (1941), NAVIOS (1948), VERDOR HIBERNAL (1951) e outras.

### JUNHO

O dia, de ferrugem rubro,  
e os prados, ruivos de rubor...  
O cuco nos prediz futuro  
no verde bordo, meu amor.

Arruda, camomila e beijo,  
e o sangue – corda ao arfar;  
resvala o dia – rubro remo,  
e o jovem junho jorra no ar.

COORDENADAS, Nova York – Munique, 1969

## **OKSANA LATURYNSKA**

Oksana Laturynska (1904-1970) nasceu na região da Volínia. Estudou nos ginásios de Ostrógh e Kamianétz, depois emigrou para a Alemanha, fixando-se finalmente em Praga, onde terminou seus estudos de Arte. Durante a guerra, ficou surda. A partir do ano de 1949 viveu nos Estados Unidos da América do Norte. Oksana Laturynska era pintora, escultora, escritora e poetisa. Representante dos poetas da Escola de Praga, hauria da fonte da poesia popular pré-cristã e medieval. Seu estilo é sucinto, ascético, extremamente concentrado. Obras: *SALTÉRIO* (1938), *ESMALTE REAL* (1941), *ARCO-ÍRIS* (1955).

### **PAZ PARA ESTE CHÃO**

Paz para este chão!  
Quedo sob o campo  
Junto a meu irmão.  
Tirso e cavalo  
Guardam o lugar.  
Hão de estrelar ares,  
Ervas amargar,  
Azulear flores.

*SALTÉRIO*, Praga, 1938.

## **SVIATOSLÁW GHORDYNSKY**

Sviatosláv Ghordynsky (1906-1993), pintor-iconógrafo, crítico literário e poeta, nasceu em Kolomyia. Estudou Arte em Lwiw e Berlim. Durante a Segunda Guerra Mundial viveu em Cracóvia, depois em Lwiw, onde era redator da EDITORA UCRANIANA. Sob os seus cuidados foram publicadas muitas obras valiosas. Em 1947 emigrou para os Estados Unidos da América do Norte. Sua poesia é confluyente: de um lado, revela o mundo da cultura ocidental; do outro, o dos temas nitidamente ucranianos. Há vestígios de Neoclassicismo na sua obra. CORES E LINHAS (1933), VAGALHÕES (1936), PALAVRAS NAS PEDRAS (1937), VENTO SOBRE OS CAMPOS (1938), LENDAS DAS MONTANHAS (1939), CLARINS DOS DIAS (1940), PELO FOGO E TURBILHÃO (1947) e outras.

### **O OURO, VEJA...**

O ouro, veja, deita-se  
No campo e matagal,  
As vozes, longe, chamam-me,  
Escuta, coração!

No horizonte ergue-se  
Do incêndio resvalar.  
Tu novamente acendes-te  
Em cores carnaval.

*POESIAS ESCOLHIDAS, Cracóvia, 1944*



## **OLENA TELIGHA**

Olena Teligha (1907-1942) nasceu em Petersburgo. Coursou o ginásio em Kyiw e, de 1925 em diante, a Faculdade de Filosofia no Instituto Pedagógico Ucraniano, em Praga. Os anos da Independência da Ucrânia e da luta contra o Comunismo russo e o Nazismo alemão deixaram marcas em sua alma sensível. Em sua única coletânea, *ALMA ALERTA* (1946), soam timbres heróicos. Olena Teligha trabalhou na organização nacionalista OUN, onde chefiava o setor cultural e publicava a revista *TAMBORES*. Em 1942 foi fuzilada, junto com seu marido, pelo regime nazista alemão.

### **FESTA DERRADEIRA**

Um dia quente: o trigo amadurece  
E bagos cheios cerram a embriaguez...  
Não o vivi, mas sinto que aparece  
Meu dia com diadema e altivez...

O êxtase, o encontro, minha obra?  
Ou minha morte, num instante fiel?  
Minha alma, já madura, se desdobra  
Em dois sabores – losna e hidromel.

E o ébrio coração será certo  
Qual gládio invencível contra o mal:  
Meu dia, minha festa derradeira,  
Mais alto cume e queda abismal.

*ESTANDARTES DO ESPÍRITO, No estrangeiro, 1947*

## **OLÉGH OLJYTCH**

Olégh Oljytch (1907-1944), pseudônimo de Olégh Kandyba, nasceu como filho do poeta Oleksander Olés'. Arqueólogo, homem de grande cultura e autenticidade na expressão poética, possuidor de um estilo nobre e severo, foi lutador pela idéia de independência da Ucrânia. Preso pelos nacional-socialistas alemães, morreu no campo de concentração. Obras: AREIA DO RIO (1935), TORRES (1940), AO PÉ DO CASTELO (1945).

### **A CHUVA D'OURO**

A chuva d'ouro cai no coração,  
Em uma festa torna-se a jornada,  
A casa num palácio. Cada ação  
É generosamente abençoada.

Mas a poeira dos caminhos teus  
Encobre o sol e a face de repente...

A terra é larga. Sábio é nosso Deus,  
E o nosso ser – magnânimo e valente.

POESIAS, Nova York, 1956

## **OLEKSA VLYZ'KÓ**

Oleksa Vlyz'kó (1908-1934) nasceu em Odessa. Cantor do mar e dos homens heróicos, representante da juventude inconformada, foi fuzilado pelo regime comunista. Suas poesias, especialmente a NONA SINFONIA, são apaixonadas e generosas. Obras: DIREI POR TODOS (1927), VIVO, TRABALHO (1930).

### **MARINHEIROS**

Temperados no sol e no vento,  
Nos ignotos caminhos do mar,  
Nós não temos soleira nem teto  
Para onde chegar.

Coração – calma e tormenta –  
Cospe o rosto de satanás,  
Toneladas e milhas agüenta,  
Mede a vida fugaz.

Nossa arma – um estilete de bordo,  
Nossa mente – uma flor de tufão,  
O antracito do negro porto  
Prende a ti, coração!

*CORAÇÃO E FOGO, Cracóvia – Lwiw, 1942*

## VASSYL BARCA

Vassyl Barca (1908-2003) é o pseudônimo de Vassyl Otcherét, que nasceu na região de Poltava. Ele trabalhou um tempo como professor na região de Donbás, depois vivia no Cáucaso. Após a defesa de tese sobre o estilo da *DIVINA COMÉDIA* de Dante, tornou-se lente de Literaturas Européias Ocidentais numa das Universidades no Norte do Cáucaso. De 1943 a 1950 o poeta viveu na Alemanha, depois nos Estados Unidos da América do Norte. Sua obra literária, em particular a lírica, é influenciada pela Bíblia, poesia folclórica, Renascença italiana, literaturas orientais, porém estes cosmos se fundem num único, ao qual Vassyl Barca imprime suas insígnias como poeta telúrico ucraniano e pensador cristão. Obras: *APÓSTOLOS* (1946), *MUNDO CLARO* (1947), *ROMANCE DE ROSAS* (1949-50), *PARAÍSO* (1953), *OCEANO* (1959), *PRÍNCIPE AMARELO* (1963), *TOCADOR DE LIRA* (1968) e outras.

### POVOADO

Rezam os girassóis.

O trovão lê a Bíblia no céu:

O choupo sussurra: “Terrível é

Teu choro, Jessé!”

Rezam os girassóis.

Fome: a mãe mata seu filho. “Vê!”

O choupo grita: “Este é

Meu paraíso, Jessé!”

*TOCADOR DE LIRA*, Nova York, 1968

## RECÉM-NASCIDOS

Fragmento

Uma estrangeira! Pobre roupa,  
criança – pétala de boca.

Fumegam os jasmims à porta,  
afugentando as brancas pombas.

Do sol o sonho, é uma rosa –  
Divina guarda e boa nova.

*TOCADOR DE LIRA*, Nova York, 1968

## ALÉM TERRESTRE

A mãe reluz além dos astros;  
    o filho  
acorda abrindo as flores  
    e a cotovia mira,  
derrama sinos anilados –  
    lâmpada dos ícones...  
    o filho  
acorda abrindo as flores,  
do colo maternal:  
    manhã de caridade!...  
manjerição, a cotovia –  
    lâmpada dos ícones.

*TOCADOR DE LIRA*, Nova York, 1968

## IVÁN VYRGHAN

Iván Vyrghan (1908-2005) nasceu na região de Poltava. Terminou a Faculdade de Filologia em Kharkiw, dedicando-se, certo tempo, ao magistério. Era um poeta muito fértil, brilhante tradutor de vários idiomas. Poesia: LÍRICA ARMADA (1934), POMAR DE AMIZADE (1935), SORTE-SINA (1938), VOLTA DO SOL AO VERÃO (1947), MARGENS FLORIDAS (1950), OBRAS SELETAS (1965), BELEZA (1960), CORAÇÃO (1969) e outras.

### X

Ontem à tarde fui a tua casa:  
Bobinas néveas rodopiavam,  
Nas ferraduras – luas reluzentes –  
As andorinhas, geladas, trissavam.

Quando voltava de madrugada,  
Abria o convale a névea crosta,  
E as andorinhas, tranqüilamente,  
Faziam ninhos nas minhas costas.

*OBRAS SELETAS, Kyiw, 1965*

## BOGHDÁN IGHOR ANTONYTCH

Boghdan Ighor Antonytch (1909-1937) nasceu na região de Lemky, na família de um sacerdote uniata. Sua primeira escola era polonesa. Em 1928, Antonytch mudou-se para Lwiw e principiou a estudar na Universidade. Aí, sob a influência dos intelectuais ucranianos, aprendeu a língua literária e dedicou-se de corpo e alma à poesia. Era uma personalidade artística muito rica, talentosa também na pintura e música, na crítica e pesquisa, morrendo no auge da sua juventude. Obras: SAUDAÇÃO DA VIDA (1931), TRÊS ANÉIS (1934), LIVRO DE LEÃO (1936), ROTAÇÕES (1938), TRÊS BANDOLINS (fragmento de uma novela), NA OUTRA MARGEM (fragmento de um romance), DOWBUCH (libreto para uma ópera). Sua poesia é um feérico louvor à sua região nativa; a Natureza é glorificada panteisticamente; uma alegria mítica ilumina todos os seres e objetos. O Cristianismo surge naturalmente das raízes eslavas pagãs: o mundo mítico e o mundo cristão se entrelaçam, glorificando o homem com seu ardor e sua sabedoria. Na última coletânea do poeta surgem novos tons: o grotesco, o fantasma, o apocalipse, enriquecidos pela aliteração, arcaísmos e neologismos. Antonytch tornou-se um dos mais originais poetas do nosso século, não apenas na literatura ucraniana. Seleta de suas poesias foi publicada sob o título de JARRA ESLAVA no ano de 1989, no Rio de Janeiro.

### NATAL

No trenó nasceu-nos Deus,  
Em Dukla, em nossa aldeia,  
Vieram lemky de chapéus,  
Lhe deram a lua cheia.

Na nevasca, a noite fria  
Rodopia mais veloz.  
Brilha na mão de Maria  
A lua – dourada noz.

*TRÊS ANÉIS*, Lwiw, 1934

## VERDE EVANGELHO

A primavera – o carrossel,  
Cavalos brancos a girar.  
A aldeia em pomares véu,  
Tulipa rubra – o luar.

Na mesa de olmo – uma jarra,  
A jarra eslava, dentro o sol.  
Inclina-te perante a terra  
Como este sonho – multicolor.

*TRÊS ANÉIS, Lviw, 1934*

## ACÁCIAS

Fumega a vela de uma acácia  
Na mão do pio entardecer.  
Os lemky voltam às moradas  
Na véspera, ao se benzer.

Ó minha terra de colinas!  
Tuas acácias lembrarão  
A lua de coroa linda,  
Qual, de centeio, o pão!

*LIVRO DE LEÃO, Lviw, 1936*



## VADYM LESSYTCH

Vadym Lessytch (1909-1982) nasceu na parte ocidental da Ucrânia. Terminou os estudos de Jornalismo em Varsóvia. Viveu, desde seus anos de estudante, na Europa central e ocidental, trabalhando como crítico de Arte na imprensa nacional e estrangeira. Depois da Segunda Guerra Mundial esteve na Alemanha e, a partir de 1948, nos Estados Unidos da América do Norte. O poeta requintado experimenta várias modalidades de versificação, muitas vezes veste a Natureza de símbolos lendários e mágicos. Seus versos possuem uma força hipnótica, misteriosa. Em algumas poesias usa largas pinceladas, quase épicas, de conteúdo filosófico. Poesia: RELÂMPAGOS SOLARES (Lviw, 1930), ABRO A JANELA (Lviw, 1932), CADERNO LÍRICO (Nova York, 1953), CONVERSA COM O PAI (Nova York, 1957), CÍRCULO DE GIZ (Nova York – Munique, 1960) e outras.

### LEMBRANÇA

Meu tempo parou – relógio sem corda,  
e a distância entre a realidade e mim se alonga  
longe bons olhos de alguém, pomares e o sol,  
e no crepúsculo das matas – o verde oratório  
– era ontem.

Preso à parede de entrada a galhada dos cervos,  
e estampas de pinturas com conteúdo de caça  
evocam um sorriso bondoso  
sobre a ingênua fantasia do mestre  
– era ontem.

E hoje – o vazio boceja  
despido dos ouropéis de outrora,  
azula o horizonte do incolor, – e a paz  
aninha-se no pavor das máscaras trágicas.

*CÍRCULO DE GIZ, Nova York – Munique, 1960*

### XXX

Entre as ilhas de nuvens navega  
a lua, como saveiro;  
a âncora – vento se apega  
aos cumes dos pinheiros.

Das velas de ouropel da lua  
cai sombra na Via Láctea;  
qual asas de gaivotas tremula  
no azul que o olhar não sonda.

Solidão nosso abismo invade –  
a oficina de arte: o peito.  
Tudo é lenda. Pão e sal são verdade,  
e que nós não morremos, morrendo.

*CADERNO LÍRICO*, Nova York, 1953.

## MARTA KALYTOWSKA

Marta Kalytowska (1916-1990) nasceu na cidade de Stry. Em 1949 emigrou para a Bélgica, onde terminou os estudos de Arqueologia e História da Arte. Depois viveu em Paris e na ilha Noirmoutier. Além de poesia, escreveu contos, ensaios e traduções de francês, alemão e espanhol. Sua poesia, em parte saudosista, possui original metafórica e rítmica, estando próxima ao Impressionismo. Seu mundo, embora caloroso, revela tristeza e dor. O talento de Kalytowska, elegante e discreto, lembra música de câmara. Poesia: LÍRICA (Paris, 1955), RIMAS E NÃO RIMAS (Munique – Paris, 1959).

### O ANJO

De cima para baixo – um fio de prata  
por ele desliza o Anjo.  
Suas asas são harpas –  
e vento as tange.  
E o andar do Anjo é canto  
na corda luzente –  
pássaro celeste...

*RIMAS E NÃO RIMAS, Munique – Paris, 1959*

### O TEMPO

Nossa ciência cresce nos longos dias  
e mantém conversa com o Criador.  
A noite os anota com prateado estilo,  
escutam estrelas, e o tempo de sábia testa,  
silenciosamente fechando a porta,  
vem pensativo pela manhã.

O nosso coração, qual uma escrava rebelde,  
não o escuta, – canta. O tempo em segunda voz o acompanha  
dia e noite, dia e noite, dia-noite.

Às vezes cansa de insistir nas coisas eternas,  
então acaricia no jardim flores amarelas  
com rostos enamorados do sol.

Ou flores, das quais goteja o junho espesso  
sobre as cabeças coquetes de brancas bocas-de-leão.

O perfume perturbado foge ao pomar  
sem saber que também lá o tempo vagueia.

*RIMAS E NÃO-RIMAS, Munique - Paris , 1959.*

## **OSTÁP TARNAWSKY**

Ostáp Tarnawsky (1917-1991) nasceu em Lviw, onde estudou Literatura no setor humanístico da Universidade e Tecnologia na Politécnica, continuando os estudos em Graz (Áustria). Após a Guerra emigrou para os Estados Unidos da América do Norte, estabelecendo-se na Philadelphia, dedicando-se aos estudos bibliográficos. Foi talentoso tradutor de poetas norte-americanos e alemães, e crítico literário. Até sua morte, exerceu o cargo de diretor do PEN-Clube em Exílio. Sua lírica íntima possui também elementos político-sociais. Foi um poeta contemplativo e urbanístico.

Poesia:

PALAVRAS E SONHOS (Salzburg, 1948), VIDA (Philadelphia, 1952), PONTES (Nova York, 1956), ÁRVORES SOLITÁRIAS (Nova York, 1960), POESIAS REUNIDAS (Philadelphia, 1992).

### **BALADA SOBRE A ETERNA SENTINELA**

Na casa da guarda crepitava o fogo  
e nos bancos sentavam os sentinelas.

Um levantou-se: Ouvis? Ele chama!  
Até esqueceu de ajustar o seu elmo,  
disparou da casa da guarda, qual vento,  
deixando a porta escancarada.

Ninguém se mexeu dos companheiros:  
paraninfo não era de casamento.

Permaneciam sentados qual antes,  
cada um aguardando seu próprio chamado  
do castelo que estava erguido no monte.  
Ninguém deles lançou um olhar sobre a porta

que desvendava a cortina do sonho  
e onde aguardava a princesa da noite.

Ninguém perguntou: para quê? para onde?

Pois sabiam:

ninguém retornava das trevas.

*COORDENADAS*, Nova York – Munique, 1969

## IGHOR KATCHUROWSKY

Ighor Katchurowsky (1918) descende da região de Tchernyghiw. Estudou literatura e começou a publicar suas poesias a partir de 1946, na Áustria, onde viveu após a Guerra. Mais tarde emigrou para a Argentina, e atualmente vive em Munique, na Alemanha. Suas poesias possuem características dos neoclássicos, com sua forma polida e versos perfeitos. É também prosador, tradutor e autor de livros teóricos de versificação. Poesia: *SOBRE A FONTE LUMINOSA* (Salzburg, 1948), *NO PORTO DISTANTE* (Nova York – Buenos Aires, 1956), *ALDEIA* (Nova Ulm, 1960), *O RAMO DOURADO* (Buenos Aires, 1991), *ALDEIA; FLORAÇÃO OUTONAL* (Kyiw, 2000), *VENTO OUTONO* (Lviv, 2003) e outros.

### XXX

É noite. Rumo ao sudoeste.  
Armou-se o céu a cintilar  
De estrelas. Veio-nos deitar  
Nas costas sua Cruz celeste.

Perdida meta – atrás de nós,  
E aquela Cruz do Sul, sofrida,  
Carregaremos, sempre sós,  
À Gólgota da nossa vida.

*NO PORTO DISTANTE*, Nova York – Buenos Aires, 1956

### JACARANDÁ

Tudo passou... Copas das alamedas  
Despiram seu adorno veranil,  
Em outonais, vertiginosas quedas  
Rodopiava seu celeste anil.

Era já tarde pra enfrentar jornadas,  
Fogos azúis ardendo já no fim.  
Imaginamos que pra ti e pra mim  
As rotas correriam separadas.

E hoje? Só tristeza, dias vís  
E do estrangeiro vagações malandras...  
Lembranças voltam só primaveris  
Nas flores das sagradas palissandras.

Talvez a nossa sorte virou ar,  
Deixando claras pétalas na mente.  
Jacarandá não sabe gangrenar,  
E guarda seu aroma eternamente...

*COORDENADA II. Nova York, 1969.*



## YAR SLAVUTYTCH

Yar Slavutytych nasceu em 1918 na região de Kherson. Estudou no Instituto Pedagógico de Zaporijja. Em 1940 recebeu diploma de lente de Língua e Literatura Ucraniana, mas no mesmo ano foi convocado pelo exército vermelho, de onde desertou, unindo-se aos combatentes clandestinos ucranianos, UPA. Depois da Guerra, anexando-se à vida literária do Oeste, emigrou em 1949 para os Estados Unidos da América do Norte, completando seus estudos em Philadelphia e tornando-se professor da Universidade de Alberta, no Canadá. Sua poesia, ora tradicional, nos moldes dos neoclássicos, ostenta às vezes características de um expressivo neobarroco. Poesia: *CANTA A ESPIGA* (Augsburg, 1945), *SEDE* (Frankfurt, 1950), *MOÇA SEM NOME* (Buenos Aires, 1952), *OÁSIS* (Edmonton, 1963), *TROFÉUS*, obra reunida (Edmonton, 1963) e outras.

## MAR NEGRO

### III

Quão desejada jazes, minha inalcançável Ucrânia!  
Reconheci-te, feliz, no ribombar do teu mar.  
Em concentrado silêncio ouço clarões altivos,  
Vejo tua luta em pulsar d'águas, de solos e de ar.

Por esse mundo girei em busca de povos, reinos;  
Terras sem fim conheci – estranhas, amáveis, vis.  
Mãe, perdoa teu filho por não poder visitar-te,  
Em teu abraço cair, fontes sagradas beber!

Cala-se o coração, ouvindo o chamar do Dnipró,  
Sinto já os timos florir, losnas torpor rescender.  
Como não hei de amar-te, pátria dos antepassados?  
Força da terra empunhei, eu: indomável Anteu!

*SABEDORIA DAS ANDANÇAS*, Edmonton. 1972.

X

O dia é pouco, a noite é nada mais.  
O meio céu é lago limitado.  
Como saciar com mundos siderais  
Meu coração sedento e indomado?

Estradas a correr, rios a fluir,  
Montanhas calam e retumbam mares...  
Só o homem – feiticeiro do porvir –  
Ansioso lê desenhos estelares.

*TROFÉUS*, Edmonton. 1963.

## OLEGH ZUIEWSKY

Oleg Zuiewsky (1920-1996) nasceu na região de Myrghorod. Estudou jornalismo na Universidade de Kharkiw. No tempo da Guerra foi deportado pelos nazistas para a Alemanha, onde trabalhou nas fábricas e no campo. Após a Guerra emigrou para os Estados Unidos da América do Norte. Terminou os estudos de Eslavística na Universidade de Philadelphia, lecionando em seguida em várias Faculdades. Morreu em Edmonton. Era brilhante tradutor de literatura inglesa e alemã. Sua poesia é marcada pelo Idealismo alemão e Simbolismo francês, podendo ser Zuiewsky considerado um neo-simbolista, de versos elegantes e às vezes herméticos. Obras: PORTA DE OURO (Munique, 1947); SOB O SIGNO DE FÊNIX (Munique, 1958).

XXX

Eu tive corcéis de crinas fogosas.  
De madrugada pela estepe irei  
Buscando pegadas entre as corolas  
De loios azuis – coroas de reis.

Indagarei pela dama esquiva  
Que foi embora com meus corcéis,  
Talvez da festa eu guarde a cantiga –  
Apenas o riso não vem outra vez.

*SOB O SIGNO DE FÊNIX, Munique, 1958*

XXX

No incorruptível bem-estar da paz  
Aqui seu passo puro toca a terra.  
Não pára o tempo, mas a encontrarás  
De novo na água e na primavera.

Nenhuma tela é capaz contar  
Sua beleza: lembra paraíso!  
Com flores orna a trança que é sem par  
E ressuscita o mundo com sorriso.

*SOB O SIGNO DE FÊNIX, Munique, 1958*

## **BORYS OLEKSANDRIW**

Borys Aleksandriw (1921-1979) estudou no Instituto Pedagógico de Kyiw. Após a Guerra viveu em Salzburg (Áustria), redigindo o jornal NOSSA ESTRADA, e foi também co-redator do jornal TAMBORES. Emigrou para o Canadá. Lecionou Letras Eslavas na Universidade de Ottawa e redigiu o jornal JOVEM UCRÂNIA. De 1948 em diante viveu em Toronto, onde veio a falecer num acidente. Era poeta lírico e humorístico. Poesia: MEUS DIAS (Salzburg, 1946), SAUDADE DO SOL (Nova York – Toronto, 1967).

### **DESERTO**

Cai na noite o sulco da calma,  
ébrios cactos,  
da dor no Sul,  
quando a noite derrama nas palmas  
amplexos de pele azul.

Mudas faixas – caminhos ignotos,  
trançado do escuro porvir,  
risca os quentes confins remotos  
nas areias em morto zunir.

*ATUALIDADE*, n. 12, 1963

## LEONYD LYMAN

Leonyd Lyman (1922-2002), original da região de Poltava, estudou no Instituto de Educação de Kharkiw. Durante a guerra, viveu em Regensburg (Alemanha), integrando-se ao processo literário ucraniano no Oeste. A partir de 1949 residiu em Nova York, editando um jornal político-artístico-social, ANOTAÇÕES. Suas poesias apareciam publicadas em vários periódicos. Apesar de não possuir nenhum livro editado, é considerado um dos melhores poetas da sua geração. Sua poesia demonstra “severa e tranqüila arquitetura”, possuindo uma visão trágica da sua época e, de maneira retida, lacônica, parece, às vezes, colagem de pormenores.

### SEU ANJO

Na noite de praga e procela,  
Vai estranhas imagens captar:  
Em Provence oliveiras verdejam,  
Em Seul – aviões a bradar:  
Arrasar a cidade é a meta,  
Afundá-la no fogo de vez.

Sobre o mapa da morte pondera  
O almirante de brônzea tez.

E através de empecilhos imensos  
Vem descendo do céu estelar  
O bom anjo, com todo o empenho  
Intocável seu sonho guardar.

*ANTOLOGIA LITERÁRIO-CIENTÍFICA, I, 1952*

## WIRA WOWK

Wira Wowk nasceu em 1926 em Boryslaw. Estudou Letras Germânicas, Literatura Comparada e Musicologia em Tubinga (Alemanha), Rio de Janeiro (Doutorado na Pontifícia Universidade Católica), Nova York e Munique. Foi professora de Literatura Comparada na Universidade Santa Úrsula (Rio de Janeiro) e de Literatura Alemã na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora de vários livros (lírica, prosa, teatro). Poesia: ESTRELA-GUIA (Munique, 1955), ELEGIAS (Munique, 1956), ACÁCIAS NEGRAS (Munique, 1961), CAPPÀ CRUCIS (Munique – Nova York, 1969), CARTAS DE AMOR DE PRINCESA VERÔNICA (Munique, 1967), MEANDROS (Rio de Janeiro, 1979), MANDALA (Rio de Janeiro, 1980), ORATÓRIO À MÃE DE DEUS (Rio de Janeiro – Genebra, 1997), POESIA (Kyiw, 2000), AQUARELAS (Rio de Janeiro, 2005) e outras. Em português RELÓGIO SOLAR, Rio de Janeiro, 1964; AQUARELAS, Rio de Janeiro, 2005; O CANTO DA SEREIA, Rio de Janeiro, 2008; LIVRO DE ANA MARIA, Rio de Janeiro, 2008.

XXX

Um sorriso apagado  
no espelho quebrado  
sob as ondas serenas do mar...  
Vem o vento com vênias,  
vem a noite com nêias,  
uma lágrima acalantar.

*AQUARELAS, Rio de Janeiro, 2005*

XXX

O vento, de ignotos recantos  
carrega perfumes,

espalha queixumes,  
sussurros, soluços e cantos.  
À noite, junto à vidraça,  
suspira profundo  
a mágoa do mundo:  
é o vento, é o vento que passa.

*AQUARELAS, Rio de Janeiro, 2005*

XXX

Chega o tempo  
em que partimos de nós mesmos  
igual à luz que abandona a estrela.

Retos, como raio  
do tendão de um arco primordial,  
voltamos ao começo.

Um instante festivo  
quando a borboleta irisada  
deixa o casulo vazio,  
unindo-se ao anil das alturas.

*ERVA-MARGARIDA, Dnipropetrowsk, 2007*



## LIDA PALY

Lida Paly (1926) nasceu na cidade de Stry, na Ucrânia ocidental, mas passou a infância em Lviw, onde frequentou o ginásio. Durante a Segunda Guerra Mundial emigrou para a Alemanha e, após a Guerra, estabeleceu-se em Toronto. Terminou os estudos de antropologia, dedicando-se também à literatura, pintura e fotografia artística. Seus contos de viagens exóticas e memórias foram recebidos com muita simpatia pelos leitores. Na poesia de Lida Paly o pormenor adquire proporções de símbolo. A autora sente-se eterna estrangeira. A vivência amorosa é tratada qual uma ilha que desaparece na névoa. Lírica: *TERRA DE DOMINGOS SILENCIOSOS* (em inglês – Toronto, 1988), *PÁSSAROS ESTRANHOS* (Toronto, 1989), *PAÍS-SONHO* (Toronto – Kyiw, 1994), *MULHER NA JANELA* (Ivano-Frankiwsk, 2001) e outras.

### XXX

Nuvens sufocam lilazes  
de plúmbeo cheiro pesados.  
Carrego-os nas costas, duros punhados,  
junto a lembranças de alheios pomares  
desde a sombria morada da infância.

*ATUALIDADE*, Munique, n. 11, 1970

### NO ESPELHO VOA O TEMPO

No pomar sombrio,  
atrás do arame farpado das sarças,  
atrás da roseira selvagem,  
atrás dos anos,  
em vão procuro  
a menininha  
de tranças brancas.

De noite, pela janela aberta,  
derrama-se o rumor da cidade,  
tão parecido com aquele  
que deixei em criança  
na rua Profunda.

Por que agora,  
quando o tempo em espelho voa  
qual fita acelerada de um filme,  
tantas vezes relembro  
os brinquedos esquecidos da infância?

O futuro está qual parede branca,  
na qual escrevo meus sonhos,  
Faltam apenas lápis multicores.

*PAÍS-SONHO, Toronto – Kyiw, 1994*

## **DESPEDIDA**

De noite, no campo,  
tu me abraçaste,  
teu braço tornou-se ramo;  
transformado em árvore  
que penetrou profundamente na terra,  
abraçaste-me meigamente  
com as palmas de folhas.  
E eu dei para cantar, gorgear,  
esquecendo  
que sou apenas ave de arribação.

*PAÍS-SONHO, Toronto – Kyiw, 1994*

## IRYNA SENYK

Iryna Senyk (1926) nasceu em Lwiw. No ano de 1945 foi condenada pelo regime soviético a dez anos de prisão e cinco anos de desterro. Voltou para a Ucrânia em 1968, porém quatro anos mais tarde foi condenada novamente a seis anos de prisão e cinco anos de exílio na Ásia, cumprindo a sentença até o último dia. Depois de quase quarenta anos de separação da terra natal, voltou, mas foi proibida de morar em Lwiw, encontrando refúgio em Boryslaw. É conhecida no mundo como talentosa mestra-bordadeira. Seus livros de poemas ROLO DE LINHO, publicado em 1990 em Nova York, e ÁSTER BRANCO DE AMOR, publicado em 1992 no Canadá, foram ilustrados com reproduções de seus bordados.

### XXX

Desenrolo a vida  
qual um rolo de linho:  
eis o crivo das quedas  
e pesponto das falhas,  
ponto cheio – desejos,  
ponto-sombra – dos sonhos,  
ponto-cruz, ponto atrás  
são da dor, dos pesares;  
ponto-haste, vermelho,  
é de amor chamejante;  
a “casinha da abelha”  
é da graça de moça,  
o “nozinho francês”  
é de meigos afagos.  
Minhas linhas, meus dedos  
em dedais, sem aliança...  
Toda a vida – em bordado,

o bordado – qual vida,  
minha vida não coroada,  
qual linho,  
qual um rolo de linho.

*ROLO DE LINHO*, Nova York, 1990

XXX

Sob as estrelas estranhas  
Nossa solidão sazona  
Com o olhar submerso na noite  
Gravamos a tristeza dos anos cativos

*ROLO DE LINHO*, Nova York, 1990

## ROSTYSLÁW BRATÚN'

Rostysláv Bratun' (1927-1995) nasceu na região de Volínia. Terminou a Faculdade de Filologia da Universidade de Lviw, trabalhando em seguida em vários periódicos, inclusive como chefe-redator do jornal OUTUBRO. Era diretor da Sociedade dos Escritores da Ucrânia em Lviw. Sua poesia lembra canções populares e foi freqüentemente posta em música. O clima é romântico, lembrando às vezes contos de fadas. Obras publicadas: SETEMBRO (1949), MADRUGADA (1950), CANÇÃO DE LIBERDADE (1953), FOGO (1956), FLOR DE GEORGINA (1960), TORRÃO (1962), FOGUEIRA (1966) e outras.

### CONTO DE FADA

O Alto Castelo<sup>1</sup> saiu navegando  
Qual caravela sob as velas de nuvens.  
Sonhos  
Descem pelo caminho da lua  
Direto para a cidade,  
Dispersam-se pelas moradas –  
Andarilhos inesperados –  
Quais gatos  
Grandes, felpudos.  
Colocam patas em cabeças adormecidas,  
Murmuram acalantos:  
Sobre caminhos distantes,  
Ventos acima da onda marinha,  
Trovejantes combates,  
Esperanças frustradas  
E o primeiro amor.  
Mas um deles,  
Cansado,

Adormece junto ao leão<sup>2</sup>  
Do lado da prefeitura,  
E o leão paternalmente  
Vigia seu sono.  
Isto significa  
Que alguém dormirá nesta noite  
Sem visões,  
E de manhã será triste

Pois que a noite estava vazia,  
Incolor,  
Como a vida sem lembranças.

*FOGUEIRA, Kyiw, 1966*

1. Ruína do castelo medieval em Lviw.
2. A escadaria da prefeitura é ladeada por dois leões de pedra.

## BOGHDÁN BOITCHÚK

Boghdán Boitchúk nasceu em 1927 no Ocidente da Ucrânia, na família de camponeses. A partir de 1944 viveu na Alemanha, depois de 1949 em Nova York, onde terminou estudos de eletrônica no City College. Atualmente vive parcialmente em Kyiw, parcialmente nos Estados Unidos da América do Norte. Boitchúk era membro do anuário POESIAS NOVAS (1959-1971) e co-redator da Antologia da atual poesia ucraniana no Oeste, COORDENADAS, editada em 1969. É membro fundador do GRUPO DE NOVA YORK. Escreve poesias, peças teatrais, romances, e faz traduções de inglês e espanhol. É fascinado pelos problemas existenciais (nascimento – amor – morte), condoído pelo sofrimento humano. Poesia: TEMPO DA DOR (1957), A TERRA ERA DESERTA (Nova York, 1959), LEMBRANÇAS DE AMOR (Nova York, 1963), POESIA PARA MÉXICO (Munique, 1964), MIGRAÇÃO DOS CORPOS (Nova York, 1967), TERCEIRO OUTONO (1991) e outras. Seleta em português em livros: COLMEIA, Rio de Janeiro, 1983 e O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, Rio de Janeiro, 2008.

### O MEIO-DIA

Da tarde quente  
o campo inchou de espigas  
igual a gamela com massa espessa, –  
lá mulheres curvavam-se sobre as foices  
e entornavam jarras de argila –  
os peitos –  
afundando com solas dos pés  
no restolho.  
O suor lambuzava seus rostos,  
e não perceberam  
quando uma mulher, como um feixe, tombou no solo  
para parir.

*TERCEIRO OUTONO, Kyiw, 1991*

3.

Eu poderia crer  
que Tu,  
com Tua mão rasgando trevas  
da terra extraíste a costela  
e dela  
me criaste,  
pois com meu corpo todo sei  
que nossos ossos  
são penetrados pela terra,  
que pesam  
e cada célula nos puxa  
de volta à terra.

8.

Despe a veste de águas  
da vegetação  
dos ares  
e de chuvas;

Tira a camisa de argila  
de pedra  
de areia  
e de seixos, –

que são como miragem  
entre nós e Ti,  
qual catarata nos olhos,  
nós não podemos  
captar com nosso olhar o todo.

Aparece-nos nu.

*TERCEIRO OUTONO, Kyiw,1991*



## YEWGHÉN SVERSTIÚK

Yewghén Sverstiúk nasceu em 1928 na Volínia. Terminou os estudos de Psicologia na Universidade de Lviw. Um certo tempo dedicou-se ao magistério e trabalhou nos periódicos PÁTRIA e JORNAL BOTÂNICO UCRANIANO. No ano de 1972 foi condenado a sete anos de prisão, principalmente pelo seu livro CATEDRAL EM CONSTRUÇÃO. A partir do ano de 1978 foi membro do PEN-Clube Internacional. Editava suas obras sob autoria de amigos, já que seus livros foram proibidos de serem impressos. É redator-chefe do jornal NOSSA FÉ. Suas poesias foram publicadas nos jornais UCRÂNIA LITERÁRIA e KYIW.

XXX

Tudo diminui  
apenas a morte sempre é grande  
porém nós nos cansamos  
carregar o alto hino à vida  
que até a morte eterna  
diminuímos para o uso  
implorando entre duas etapas  
venha mortezinha.

Porém ela vem  
como sempre  
severa  
grande  
uma única vez.

*COM OS OLHOS DO CORAÇÃO, Kharkiw, 1993*

XXX

Hoje

quando já conquistaram

o belíssimo futuro

O tempo da vida torna-se mais abstrato

e mais barato

Não o medem mais pelos dias

Etapas etapas etapas

Por que recebeu 25

Por nada

Não pode ser

por nada dariam 10

Depois a legislação festejava

princiando dar sem medir

7 + 5 ou 10 + 5

pois o que significam

dez anos de vida privada

em relação à eternidade

e à indestrutível matéria

*COM OS OLHOS DO CORAÇÃO, Kharkiw, 1993*

## IVÁN GHNATIÚK

Iván Ghnatiúk (1929-2005) nasceu na região de Ternopil. Estudou na Escola Pedagógica em Kremenéts. Combatente no exército clandestino ucraniano, UPA. Detido, foi condenado a vinte e cinco anos de trabalhos forçados. De 1948 até 1960 trabalhou no Leste asiático como mineiro e na região de Mykolaiw como pedreiro. Depois de liberado estabeleceu-se em Boryslaw. É poeta sensível, de alma forte e verso disciplinado. Obras: *RENOVOS* (Lviw, 1965), *VIBURNO* (Kyiw, 1966), *LUA CHEIA* (Kyiw, 1968), *PAIXÃO* (1970), *VIDA* (Lviw, 1972), *TERRA NEGRA* (Lviw, 1981), *RELÂMPAGO DE OUTONO* (Lviw, 1986), *LAR E TEMPO* (Kyiw, 1989) e outras.

XXX

No tapete da relva cheirosa  
a estrela o orvalho chorou.  
Madrugada, o vento descalço  
machucou-o  
e pisou.  
Tantas lágrimas de dor  
assim pisadas  
no tapete do amor, –  
debalde  
o frio vento as espalha.

*VIBURNO*, Kyiw, 1966

XXX

Tristeza dos meus olhos, meu pesar,  
És oração tranqüila e misteriosa,  
Canção inacabada, que de além

Atiras-te, sem peso, na minha alma.  
De que lugar vens vindo – eu não sei;  
Nos olhos meus só tua imagem paira.  
Embora estranha a outros, minha dor,  
És oração  
tranqüila e misteriosa.

*LUA CHEIA, Kyiw, 1968*

## GÊNHA VASSYLKIWSKA

Gênha Vassylkiwska nasceu em 1929 em Kovel, na Volínia. Saiu da Ucrânia em 1944, vivendo na Áustria (em Linz); em 1951 emigrou para os Estados Unidos da América do Norte, estudando e doutorando-se na Universidade Columbia com a tese sobre Saint-Jean Perse. É professora de Literaturas Românicas. Ocupa-se de traduções e escreve ensaios polêmicos. Sua única coletânea de poesias, *DISTÂNCIAS CURTAS* (Nova York, 1959), revela-a como sensível poeta, criadora de imagens da Natureza selvagem transformada pela subconsciência como em contos de fadas baseados no folclore ucraniano, e está próxima do Surrealismo. Seleta de poesias em português nos volumes *COLMEIA*, Rio de Janeiro, 2008 e *O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK*, Rio de Janeiro, 2008.

### PÔR DO SOL

O leve rubor do céu entardece  
qual a espuma rósea sobre as ondas.  
A nuvem cacheada acaricia com pétalas  
a abelha do sol, cheia de vinho.

O dia, como caneca repleta de mel,  
tiniu e derramou-se no azul.  
Sobre as surdas árvores vespertinas  
desliza a sombra debaixo da casca.

*DISTÂNCIAS CURTAS*, Nova York, 1959

### NUVENS

Elas tremem. No céu frio  
como a canção, interrompida pelas estrelas,

jorram as suas fontes, calmas e distantes,  
que jamais serão repetidas.

*DISTÂNCIAS CURTAS*, Nova York, 1959

## **DO OUTRO LADO DO SILÊNCIO**

O murmúrio translúcido  
com novelos de terços  
salta qual raio  
pelas poças secas,

onde sob os arbustos  
com lábios pendentes  
as sombras de azáleas  
em vitrais florescem.

*DISTÂNCIAS CURTAS*, Nova York, 1959

## IVÁN SVITLYTCHNY

Iván Svitlytchny (1929-1992) nasceu numa aldeia próxima à cidade de Lughánsk. Durante a Guerra, querendo desmontar uma bomba, foi ferido e perdeu alguns dedos. Depois de estudos de Filologia na Universidade de Kharkiw, trabalhou no Instituto de Literatura da Academia de Letras em Kyiw, dedicando-se à crítica literária, teoria da literatura e tradução, especialmente da literatura francesa. Foi preso por oito meses em 1965, por ter criticado o dicionário ucraniano-russo do acadêmico I. K. Bilodíd. Em 1972 seguiu-se a segunda detenção, com sete anos de prisão e cinco anos de deportação, sendo acusado de nacionalismo ucraniano. Voltando, doente, a Kyiw, perdeu a razão. Sua poesia nasceu em tempo de perseguição da elite ucraniana e caracteriza-se pelo intelectualismo e humor negro. SONETOS ATRÁS DAS GRADES (Munique – Nova York, 1977), O CORAÇÃO PARA BALAS E RIMAS (Kharkiw, 1990), EU POSSUO SÓ A PALAVRA (Kharkiw, 1994). Seleta de suas poesias foi publicada em português no volume O CASTIÇAL, Rio de Janeiro, 1998.

### A VASSYL STUS

Pelo teu crime tão sofrido,  
Por teu imenso dom de amar,  
És condenado a suportar  
As mil calúnias sem sentido.

Processo negro! Pois que azar  
Estares nele tu envolvido!  
E sem rancor, e sem gemido  
Vazios olhos contemplar.

Escárnio, troças, zombaria  
Serão teu prêmio cada dia,  
Porém herói suporta a dor,

E nas Sibérias e Mordóvias  
Carregarás por tuas vias  
Fiel, o teu eterno amor.

*SONETOS ATRÁS DAS GRADES, Munique – Nova York, 1977*

## **SONETO DA ALMA**

Vibrava a alma nas alturas,  
Batia forte o coração  
Com a verdade. Mas então  
Nasceu no mundo uma loucura:

De coroar um charlatão.  
E a besta de raiz escura  
Quis com salsicha e rapadura  
Tornar feliz a multidão.

A alma desta pobre gente  
Fruiu de carne a aguardente,  
Então grunhiu, querendo mais,

Com apetite devorando,  
E com salsicha foi sonhando –  
Estes são da alma os ideais.

*SONETOS ATRÁS DAS GRADES, Munique – Nova York, 1977*



## INSPETOR

“Procurai e encontrareis.”  
Escritura Sagrada

Estou tal qual cheguei ao mundo:  
Sem blusa, cueca, sem calção –  
Apolo. Alheio ao sabão,  
Um inspetor, lacaio imundo,

Procura provas: mete a mão  
Na boca, no ânus lá bem fundo,  
Se não encontra num segundo  
O ninho da conspiração.

Ele age com ordeira mente  
E muito metodicamente  
Revira com severímo ar

Ourelas, dobras e remendo,  
Desiludido, não podendo  
Nenhuma figa lá encontrar.

*SONETOS ATRÁS DAS GRADES, Munique – Nova York, 1977*

## DMYTRÓ PAWLYTCHKO

Dmytró Pawlytchko nasceu em 1929 numa aldeia carpática. Cursou a Faculdade de Letras na Universidade de Kyiw, foi secretário da Associação dos Escritores da Ucrânia. Desenvolveu uma vasta produção literária que abrange os gêneros lírico, infantil, libretos para filmes e traduções. Após a Independência do país, em 1991, foi nomeado embaixador na Eslováquia, depois na Polônia. Atualmente exerce o cargo de presidente do Ukrainian World Coordinating Council. Sua poesia tem cunho patriótico-filosófico. Frequentemente explora o elemento erótico com graça e humor. Não usa muitos recursos decorativos, haurindo antes do tesouro telúrico do povo. Várias de suas poesias foram musicalizadas. Muitas vezes, seus versos sugerem pequenas histórias ou lembram quadros de pintores primitivos. É um dos poetas mais populares na Ucrânia. Poesia: SENTINELA (Kyiw, 1955), BREVIÁRIO DE BRASA (Kyiw, 1968), MEMÓRIA (Kyiw, 2002), TRÊS ESTROFES (Kyiw, 2006), PERSEGUIÇÃO (Kyiw, 2006), DEDAL (Kyiw, 2007) e outras.

### KYIW NO MÊS DE MAIO

Kyiw, no mês de maio,  
sobre castanheiros floridos  
qual sobre enormes pára-quadras,  
ergue-se aos céus,  
nada sobre a Ucrânia,  
reluz com estrelas das catedrais.

Príncipes, metropolitans, guarda-costas,  
kagebistas, dissidentes, escravos vermelhos,  
acadêmicos, deputados, bardos, prostitutas  
saem dos túmulos, dos edifícios,  
dos corredores, restaurantes, do metrô,  
dão-se mãos,  
com medo de cair, de Kyiw voando,

no precipício cósmico.  
Reina amor  
Porém a florada cai,  
desfazem-se, rasgam-se pára-quedas dos castanheiros,  
fecham-se edifícios,  
restaurantes, túmulos, –  
eles se sentem melhor na terra.

Mas os homens não se dão mãos,  
andam escondendo olhos uns dos outros,  
e a florada se desagrega,  
cai,  
a cidade volta ao seu lugar.

*DEDAL, Kyiw, 2007*

## **MORCEGO**

Focinho de diabo,  
orelhas caninas,  
asas aparentemente de fabricação própria  
dos primeiros aviadores  
que se arrebetavam, pulando dos campanários.

Não se assemelha nem um pouco com anjo  
atirado na escuridão,  
punido pela soberba.  
Porém, quando esvoaça no céu noturno  
por entre árvores e construções,  
não penso em sua monstruosidade,  
só na maestria de vôo às cegas,  
penso no Gênio das trevas  
que ganha no jogo do anjo – Gênio da luz.

*DEDAL, Kyiw, 2007*

## MÁSCARA

No Parlamento, saúdo os amigos,  
mas sou obrigado a sorrir aos inimigos.  
No meu rosto aparece a máscara  
odiada, intolerável a mim,  
pois deforma minha aparência,  
tapa e suja meu rosto.

Para que este sorriso não petrifique,  
voltando para casa  
longamente contemplo o retrato do pai  
e sinto  
que meu rosto  
torna-se novamente aberto e limpo.

*DEDAL, Kyiw, 2007*

## **MARTA TARNAWSKA**

Marta Tarnawska nasceu em Lwiw em 1930. Foi casada com o escritor Oatáp Tarnawsky. Bacharel de Sociologia e Antropologia, Mestre em Biblioteconomia, especializada em Direito Internacional, na Universidade de Pensilvânia. É poeta e escritora, mas principalmente pesquisadora de Literatura Ucraniana em língua inglesa. Sua poesia é conceitual, de cunho intelectual. Coletâneas: LOUVO A ILUSÃO (Nova York, 1972), TERREMOTO (Nova York, 1981), SILENTE CONVERSA COM A ETERNIDADE (Philadelphia, 1999).

### **HAVIA BABYN YAR EM MINHA VIDA**

Havia Babyn Yar em minha vida:  
Seguiam em colunas pelas ruas –  
avós, esposos, filhos e mulheres –  
acima deles um rumor estranho  
como gemer de dolorosas queixas  
o sufocado choro na garganta.

Um homem de grisalha cabeleira  
altivo, de camisa aberta, à frente  
com a cabeça erguida caminhava:  
um conhecido, Goldberg, o vizinho.  
Não era rabi, médico somente,  
um pensador, também um musicista.  
Salvar as vidas era seu empenho,  
salvar a dignidade – sua sina.

Em torno – baionetas e espingardas,  
escolta de rapazes emproados:  
brilhavam elmos como para festa,

polidas botas ofuscando o sol.  
Será que aqueles jovens liam Goethe,  
ouviam o Tannhäuser e o Tristão?  
Eram também filósofos e artistas?

Eu tenho doze anos. Da janela  
a mãe me tira à força, cerra o punho  
e aperta os dentes sobre a mão fechada:  
o sangue escorre, colorindo o rosto.  
Eu tenho febre. Deitam-me na cama.  
E na parede surge uma caveira...

O pai está ausente. No celeiro  
sob um montão de feno, numa aldeia  
aguarda o fim da noite em pleno dia.  
Mas não está sozinho. Junto dele  
esconde-se o vizinho Goldberg, filho  
do pensador amigo e musicista.

*SILENTE CONVERSA COM A ETERNIDADE*, Philadelphia,  
1999

## **CARTA PARA O RIO DE JANEIRO**

... o saltimbanco faz deslizar o dedo  
pelo globo,  
mas nós não estamos lá.  
Wira Wowk

Era felicidade de estar vivo  
naquele crepúsculo,  
mas estar jovem era o próprio céu.  
William Wordsworth

Wira, ouves-me no Rio distante?  
Nós somos. Nós surgimos no globo!  
Qual meteoro de surpresa para o mundo,  
que veio ao nosso encontro com susto e preconceito.  
Mudam as escalas de valores:  
os inimigos revelam-se como potenciais aliados,  
enquanto amigos – como hipócritas, egoístas,  
que gostariam de guardar para si  
o monopólio exclusivo de liberdade.  
Porém, nós somos, nós seremos!  
Meus ombros endireitam-se hoje com nova dignidade,  
eu sorrio freqüentemente, lendo a imprensa mundial.  
Nós chegamos na arena com cabeça erguida  
e fomos – finalmente! notados.  
Que felicidade de vivenciar este milagre,  
quando o sonho dos condenados torna-se comum realidade,  
quando não mais o sangue dos revolucionários,  
porém o juízo ponderado dos homens do Estado,  
não o grito dos devastadores, porém o firme feito dos reformadores  
constroem o verdadeiro futuro.  
Nós somos, nós seremos. Não podem mais nos negar.  
Tomemos champanha, Wira,  
para o nosso amanhã. Sejamos!

30.VII.1991

*SILENTE CONVERSA COM A ETERNIDADE*, Philadelphia, 1999

## YURY KOLOMYETS

Yury Kolomyets nasceu em 1930 na região de Poltava. Após os anos de emigração na Alemanha e Bélgica, onde trabalhou como mineiro, emigrou para os Estados Unidos da América do Norte e estudou engenharia técnica. Vive em Chicago. Poeta da Natureza e do Verão, romântico por índole, escreve poesia dualista que versa entre a realidade e o sonho, a cidade e o campo. Sua linguagem poética possui ritmo leve e rica imagística, lembrando arte popular. Poesia: SOL FACETADO (Nova York – Chicago, 1965). Seleta de poesias em português no volume O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, Rio de Janeiro, 2008.

### TEMAS BRANCOS

#### VIII

É qual princípio de verão,  
o resto  
tão simples:  
as pedras pedem  
ser tépidas.

Quanta força doce possui  
a primavera:  
o vento branco  
e a terra sábia  
e os cabelos não pedem  
ser grisalhos.

*SOL FACETADO*, Nova York – Chicago, 1965



## TRÊS VISÕES

### I

Eu vi  
como debaixo das nuvens  
saía  
um campo cinzento,  
e o horizonte calmo  
experimentava ao sol  
mitras amarelas.  
Então  
alguém com lua afiada  
cortou  
a tarde madura  
e colocou na longa  
meda –  
a Via Láctea  
sobre vidraças escuras.

### II

Eu vi a morte  
ela  
não sabe fechar  
os olhos;  
lá estão estrelas em brancas  
copas,  
e o vento, como ceifador,  
afiava contra as janelas  
sua foice negra.

### III

Eu vi uma figura  
mais alta do que o céu;  
como a terra arada, ela  
trajava vestes fúnebres,  
e mal se ouvia  
o vento cinza  
que contra as vidraças roucas  
cantava um réquiem  
pelo dia.

*SOL FACETADO*, Nova York – Chicago, 1965

## LINA KOSTENKO

Lina Kostenko nasceu em 1930 na região de Kyiw. Estudou no Instituto Pedagógico de Kyiw e no Instituto de Literatura em Moscou. É uma personalidade poética muito forte, de lírica emotiva, expressão exata, amplo domínio da palavra e dos recursos retóricos. Aborda temas históricos, especialmente do tempo barroco, quando o Estado cossaco lutava pela independência do país. Poesia: RAIOS DA TERRA (1957), VELAS (Kyiw, 1958), ANDANÇAS DO CORAÇÃO (Kyiw, 1961), O INTEGRAL ESTELAR (Kyiw, 1962), POMAR DE ESTÁTUAS INDISSOLÚVEIS (Kyiw, 1987), MARÚSSIA TCHURAI (poema, Kyiw, 1979), outras.

### E DIA E NOITE

E dia e noite, sempre e agora,  
e calmaria, e vendaval –  
dos olhos mágica ternura,  
dos lábios líquido metal.

Enquanto a terra explora espaços  
na noite do refúgio terno, –  
há de prender-me nos teus braços  
de violinista o gesto eterno.

*POESIAS ESCOLHIDAS, Kyiw, 1989*

### A RAINHA ASTEM

Cansou-se o rei de ações do Estado,  
Mandou despir-se e se deitou.  
Eunucos já tremelicavam,  
Sedentos de ordens. A soleira

Machados fortes protegiam.  
Brilhavam flores do brocado.  
De bocas rubras, quais vampiros,  
Anéis sugavam a luz das velas.  
E o rei mandou à sua alcova  
A esposa Astem conduzir;  
O rei sentia a vontade  
Da noite bem-aventurada.  
Com miúdos passos, os eunucos  
Corriam, roupas farfalhando  
Nos espíritos de gelatina.  
Voltaram, quase rastejando,  
Choramingando com pavor:  
“Cala a rainha, ó senhor.  
Nem se moveu a soberana!”  
As suas sobranceiras negras  
O rei, irado, eriçou:  
“Ó tolos servos imprestáveis!  
Dizei em forma requintada:  
Eu a desejo, meu amor!”  
Aos pulos um por cima do outro  
Correram, vindo qual no laço,  
Calvícies contra o chão batendo,  
Diante do rei se aniquilando:  
“Cala a rainha, nosso rei,  
Nem se moveu a soberana!”  
Tornou-se pálido o tirano:  
“Ó servos, eu vos mandarei  
Matar, queimar, dilacerar!  
Quem ousa, mesmo a soberana,  
Contradizer a seu senhor?”  
Eunucos-capachos, eunucos-esteira,  
Eunucos ladraram para a rainha:

“Ordem do onipotente e sábio.  
Quem ousa aqui contradizer?!”  
Brilhavam olhos – madreperola,  
Além do mundo seu olhar.  
Sorriram pálidos os lábios:  
“Rejeito a ordem do senhor,  
Pois, por eunucos transmitida,  
Perde o seu régio valor.”

*O IRREPETIVEL, Kyiw, 1980*

## **VAN GOGH**

Bom dia, solidão infinita,  
meu silêncio, e frio dos frios.  
O céu unóculo fita  
qual um ciclope mau a Paris.

Meu martírio, em chamas ardendo.  
Ontem fui o rei dos reis.  
Hoje a cinza do meu incêndio  
cobre a brasa dos meus painéis.

Cores mortas.  
Ó mãos-publicanas!  
O mundo em telas pregado na cruz.  
Sou o epitáfio nesta necrópole.  
Os ciprestes acendem a luz.

Como galgos, pincéis ao requiebro.  
Intumesce o céu da procela.  
A erupção paleozóica quebra  
a espinha dos montes em sela.

Minha abóbada flui ao vento.  
Sou pastor. Pastam árvores, naus.  
Nos bolsos do dia,  
remendados de sofrimento,  
levarei as cerradas mãos.

Sem posse, porém possesso –  
não Cézanne, nem Gaughin enfim,  
mas que culpa terei eu nisso  
que em mim há tanto de mim?

“Ele é louco, que Deus me livre!”  
Pode ser. Ele – quer dizer eu.  
Que Deus me livre...  
Deus, sou livre!  
Liberdade minha, adeus.

*POESIAS ESCOLHIDAS, Kyiw, 1989*

## EMMA ANDIEWSKA

Emma Andiewska nasceu em 1931 em Donétsk, passou a infância em Kyiw. De 1943 em diante viveu na Alemanha, onde terminou os estudos superiores, depois em Paris e Nova York. Atualmente reside em Munique. Além de poesias, escreveu romances, contos e dedicou-se à pintura. É uma individualidade muito original, que reúne na sua poesia “a exatidão de observação com a incrível conexão” que a marcam como surrealista. É-lhe próprio um humor lúdico de criança. Quase não usa rimas, antes assonâncias e consonâncias com larga escala espectral. Brillantemente opera com a linguagem e utiliza, às vezes, heterônimos. Poesia: POESIAS (Ulm, 1951), NASCIMENTO DO ÍDOLO (Nova York, 1958), PEIXE E DIMENSÃO (Nova York, 1961), ÂNGULOS OPOSTOS (Nova York, 1963), BAZAR (Munique, 1967), CANÇÕES SEM TEXTO (Munique, 1968), CAFÉ (Munique - Nova York, 1983), CONJUNTOS ARQUITETÔNICOS (Munique - Nova York, 1989), TARÔ (Kyiw, 1995) e outras. Seleta de poesias em português nos livros: COLMEIA, Rio de Janeiro, 2003 e O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, 2008.

XXX

Vozes de membrana rasgada,  
Passos sem eco nem reflexo.  
E ainda se admiram que anos a fio  
Andam e não conseguem atravessar a rua.  
Esta é a sina amarga do ser humano.  
Apenas distâncias entre o pequeno e o menor ainda.  
Toda a cidade juntou-se no deserto:  
A folha deve virar um copinho.

*CANÇÕES SEM TEXTO, Munique, 1968*

## **DIA NEFASTO**

“Estás cativo!” – prenderam o dia.  
Memendro desceu ao reino  
Abrindo a cauda de pavão.

Damas com maxilares de gafanhotos.  
Gentinha com água suja, em vez do coração.

*BAZAR, Munique, 1967*

## **XXX**

Meu dia é tão breve –  
Resvalo de água e o caminho que some nas moitas.  
Correm arautos, sem olhar para trás.  
De manhã à noite mudam os reinos.  
Só a árvore sempre verde,  
Junto da qual um potro perdido  
Sacía com leite  
Migrações de povos.

Porém nenhuma mensagem chega ao destino.

*CIÊNCIA DA TERRA, Munique, 1975*



## YURY TARNAWSKY

Yury Tarnawsky nasceu na na região Boiky em 1934. Como criança, emigrou com seus pais para a Alemanha e em 1952 para Nova York, onde reside até hoje. É engenheiro eletrônico, especializado em cibernética. Escreve em ucraniano e inglês. Tarnawsky é um poeta urbanista que foge ao folclore, sentimentalismo e ao “belo-belo”. Sua linguagem é quase abstrata, não evita o feio, o agressivo e o doloroso. O clima poético varia entre o tédio, Weltschmerz e embriaguês erótico-amorosa. Poesia: VIDA NA CIDADE (Nova York, 1960), BIOGRAFIA IDEALIZADA (Munique, 1964), MEMÓRIAS (Munique, 1984), POESIAS SOBRE O NADA (Nova York, 1978), ASSIM EU SARO (Nova York, 1978), URANA (Kharkiw, 1993), ELES NÃO EXISTEM (Kyiw, 1999) e outras. Seleta em português, nos livros: COLMEIA, Rio de Janeiro, 2003 e O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, Rio de Janeiro, 2008.

### PRIMAVERA VOLTA AO POMAR

Os dedos azuis de crocos se prendem  
pela beira do chão, pelo  
canto de superfície, onde tudo  
quer existir, a grama  
passa uma perna  
verde, arqueja, se esforçando  
subir, as plantas  
que ainda não são visíveis, emitem  
vozinhas finas, falam  
às rochas para que cedam  
lugar para elas.  
O pomar foi desmantelado como  
um baú, desmontado a  
partes componentes, todas elas  
serão limpas,

revistas, concertadas e  
novamente compostas.

*POESIAS SOBRE O NADA*, Nova York, 1991

## **À MORTE DO COMPOSITOR PREFERIDO**

**H. V.-L.**

Não peça que eu escreva  
sobre sua morte já conhecida:  
nesta tarde eu buscava meu rosto  
no aquário vermelho da mesa.

Como livro de salmos, com voz fosca  
alguém lia atrás da parede biografia de alguém,  
e as tristes comas de respiração juntavam palavras  
em monótonos anos de frases.

Arfando na escada rouca, a obesidade  
estendia para a porta sua mão suada,  
e sob os meus punhos ecoavam  
as águas lígneas da mesa.

*VINHO E PUS*, Nova York, 1970

## **UCRÂNIA**

Não pelas estepes e montanhas  
estendeu-se tua geografia, –  
sobre os hemisférios de corações  
e pelos invisíveis espaços de cantigas.

Não criou-te história,  
porém saudade de tua beleza.

Tu nasceste nas almas, qual poesia,  
e teu conceito soa como metáfora.

Terra de gemidos e orações,  
importante produtora da morte,  
não em vão com tua forma  
lembras um coração mastigado.

*VINHO E PUS*, Nova York, 1970

## IGHOR NYJNYK

Ighor Nyjnyk nasceu em 1935 na região de Droghobytych, onde cursou a Escola de Música e a Faculdade de Filologia, no Instituto Pedagógico. Trabalha como professor na Escola de Música em Boryslaw. É um poeta de cunho folclórico e opera com rico vocabulário de sua região. Escreve também contos e romances. Poesia: CAMPO (Kyiv, 1965), RESINA (Lviv, 1967), DIREITO À LÁGRIMA (Droghobytych, 1996), OVELHAS BRANCAS NO MONTE NEGRO (Droghobytych, 2002).

### O TRIO DE MÚSICA

Tocou o trio de música,  
tocou o trio,  
e como tocou!  
Tremeu na rosa o ardente orvalho:  
foi o amor que chorou,  
          ai, chorou!  
– Quem devo escolher  
no meio dos músicos  
que ébrio bebesse dos meus lábios mel,  
adorasse das rosas a beleza imortal?  
Apenas, sobre a inocência,  
sobre a inocência da rosa  
não deve jamais perguntar...  
Ai, quero ouvir o trio de música,  
bem fogosa!

RESINA, Lviv, 1967

## **BORDADO**

Guia-me, ó vento,  
ao campo vermelho,  
às rubras papoulas  
da sina materna.

Aguarda um pouco  
Na beira da estrada,  
até flores-brasas  
eu possa colher...

Ai, do campo eu trouxe  
um negro buquê...

DIREITO À LÁGRIMA, Droghobytch, 1996

## **BORYS OLIYNYK**

Borys Oliynyk nasceu em 1935 na região de Poltava. Terminou a Faculdade de Jornalismo na Universidade de Kyiw. Trabalhou na redação da editora DNIPRÓ. De 1969 em diante foi vice-diretor da Sociedade dos Escritores da Ucrânia em Kyiw. É poeta, escritor de cenários cinematográficos, diretor da Fundação Ucrâniana de Cultura. Como poeta, é polêmico, de grande força expressiva. Poesia: OS FERREIROS BATEM NO AÇO (Kyiw, 1962), A VIGÉSIMA ONDA (Kyiw, 1964), ESCOLHA (Kyiw, 1965), POESIA (Kyiw, 1966), RODA (Kyiw, 1968), MONTANHA (Kyiw, 1975), DESTINO (Kyiw, 1982), SIGNO (Kyiw, 2003) e outras.

### **NÃO PARA CRIANÇAS**

“Melhor é morrer em pé  
Do que viver ajoelhado”, –  
Disse o professor de história  
À criança da.

Escutai, filhos, o professor,  
Obedecer aos pais é o jeito,  
E que Deus permita só nos livros didáticos  
Ler a este respeito.

Pois sim... “Melhor é morrer em pé...”  
Másculo disse e severo.  
... E, no entanto, as pernas quebradas  
Eles tiveram.

Levantaram-se sobre os joelhos  
E os corvos desceram em luto.  
... Ai, cresceu no campo o vuburno vermelho

E sobre ele o céu dissoluto.  
Não digo isto a vocês, filhos,  
É para mim que decifro o sentido:

Que é preferível  
Morrer ajoelhado  
do que sobre os pés  
erguido.

... Filhos,  
Leiam história.

*OBRAS ESCOLHIDAS, I Kyiw*

## **BOGHDÁN RUBTCHÁK**

Boghdán Rubtchák nasceu em 1935 na cidade de Kaluch (Galícia). Durante a Guerra emigrou com os pais para a Alemanha. Em 1945 seguiu para os Estados Unidos da América do Norte, estudando em Chicago, onde mais tarde tornou-se professor universitário de Letras Eslavas e Literatura Comparada. É um dos ensaístas e críticos literários mais notáveis da atualidade no campo da Literatura Ucraniana contemporânea, agraciado com o Prêmio Antonytch pela sua pesquisa. Como poeta, cuidadosamente pesa suas palavras, fugindo de imagens gastas e “perfumadas”. Sua poesia possui cunho filosófico. Utiliza muitos neologismos, valendo-se do efeito sonoro. Seus versos, que evocam certa frieza, podem ser comparados com estruturas marmóreas arquitetônicas. Lírica: POMAR DE PEDRA (Nova York – Chicago, 1956), TRAIÇÃO LUMINOSA (Nova York – Chicago, 1960), A MOÇA SEM PÁTRIA (Nova York – Chicago, 1963), CLIO INDIVIDUAL (Nova York, 1967), A ASA DE ÍCARO (Nova York - Chicago, Kyiw 1983, 1991). Seleta de poesias em português nos livros: COLMEIA, Rio de Janeiro, 2003 e O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, Rio de Janeiro, 2008.

### **NA SALA DE CEM ESPELHOS**

Na sala de cem espelhos, eu apaixonado por mim mesmo,  
vejo-me belamente contorcido. E apenas  
no cinzento pomar de muros, na superfície dos muros, meu reflexo  
nunca me pode trair.

Freqüentemente me visto em trajes opulentos, que  
com ricas cores reluzem no meu corpo  
na cena minúscula de meu teatro íntimo.  
Porém na nua



luz branca, entre os arbustos do pomar de pedras,  
o traje torna-se cinzento, a máscara feérica  
eflui, a careta grotesca empalidece e eu  
fico de novo eu mesmo.

*POMAR DE PEDRA, Nova York – Chicago, 1956*

## **A ASA DE ÍCARO**

1

Cristalino princípio surgiu no sexto dia.  
Era o menino: era o mundo. De passo macio  
pisava o mundo novo. A fera de sete olhos  
cantava-lhe a verdade, mais próxima de todas, sem palavras.  
E o anjo era jovem ainda.

Cristalino princípio surgiu no sexto dia.  
Jovem. Defendia o lobo do mal. Dava nome às corças.  
Os dias corriam a ele, em torno dele corriam os dias, como crianças,  
branca do vôo floria-lhe macieira –  
imaculada.

Cristalino princípio surgiu no sexto dia:  
Homem. O universo sabia. Tirou a primeira palavra.  
Nele explodiram as bodas do sol e das serpentes do sonho,  
sobre as dunas à beira do jovem mar. Ele queria  
deixar no vento a gravura de seu bom nome.  
Voar.

Cristalino princípio tombou no sétimo dia.  
Derramou-se o mal. Enchentes de águas mansas arrancavam a terra.  
Os pássaros escondiam ao sol seus semblantes misteriosos,  
O vento quebrou os emblemas do vôo e arbustos  
vieram punir.

Cristalino princípio tombou no sétimo dia,  
e o sétimo dia tombou. A noite sobrou  
para amarrar as asas com sonhos de quentes mãos,  
com a loucura de losna, com cativoiro de cana. Fecharam-se  
os arbustos que vieram. Arbustos escuros.

Cristalino princípio caiu no sétimo dia:  
aos falsos profetas, aos mercadores de sangue dirigiu-se o jovem,  
e foi. E os netos de pescadores acharam  
nos arbustos a asa quebrada.

*TRAIÇÃO LUMINOSA*, Nova York – Chicago, 1960

## VASSYL SYMONENKO

Vassyl Symonenko (1935–1963) nasceu, como filho de camponeses, na região de Poltava. Terminou a Faculdade de Jornalismo em Kyiw, trabalhando em seguida nos periódicos *A VERDADE DE TCHERKASSY* e *A JUVENTUDE DE TCHERKASSY*, vivendo até a morte naquela cidade. São-lhe característicos, sobretudo, espírito cívico viril e dignidade patriótica. Era porta-estandarte dos dissidentes, revoltado contra o sistema corrupto da Ucrânia soviética. Poesia: *CALMA E TROVÃO* (Kyiw, 1962); *GRAVIDADE TERRENA* (Kyiw, 1964), *POESIAS* (Kyiw, 1965, 1966), *MARGEM DA ESPERA* (Nova York, 1965), *CISNES DA MATERNIDADE* (1981). Seleta de suas poesias, foi publicada em português no volume *O CASTIÇAL*, Rio de Janeiro, 1998.

### XXX

Leva-me, minha alegria, nas asas pelo ar,  
Onde escorre nas colinas o brilho solar,  
Onde estão recém-caiadas, brancas quais lençóis,  
Casas, lúpulo às janelas, junto a girassóis.

Onde as moças buscam fonte e sonhos juvenis,  
Onde em prados, como seda, brota flor-de-lis,  
Onde eu, corado espanto com vara na mão,  
Recebia bons beliscos do ganso-brigão.

Abençoa-me, destino, tu manhoso ser,  
Que eu possa nesta terra viver e morrer.

*CALMA E TROVÃO*, Kyiw, 1962.

## MONARCAS

Ditadores, reis, imperadores  
Abriram bocas iguais a crateras,  
Desmaiando na fumaça de louvores,  
Gritando:  
– Somos símbolos da era!  
– Estão contra Deus e gentes  
Inimigos da nossa classe! –  
E às curtas pernas sangrentas  
Caíam louros escassos.  
Dos servos compráveis paleta, –  
Palhaços de divertimento,  
A preço de uma gorjeta  
Nutriam-nos com seu fingimento.  
Ídolos lambuzados, beijados,  
Iam grandiosos em marcha...  
Mas junto, os não coroados  
Erguiam-se chefes e monarcas:  
Copérnicos e Giorgiones,  
De Chewtchenko a frente imensa –  
Ao lado do eterno seu trono  
Faltava o lacaio e o incenso.  
Pois do céu a verdadeira grandeza  
Não precisa o pincel de reclame,  
Pois a vera verdade despreza  
Apoiar-se nos ombros infames.

*GRAVIDADE TERRENA, Kyiw, 1964*

## LADRÃO

Apanharam o compadre e o detiveram,  
Ao concílio da aldeia o escoltaram,  
Ensinaram ao compadre e o censuraram:  
– Um crime hediondo cometeste:  
No campo a própria colheita roubaste!  
De quem a roubaste? Foi de ti mesmo.  
Que sem-vergonha, de ti próprio roubar! –  
O compadre coçava a cabeça e a esmo  
Ruminava o seu mal-estar.  
O compadre piscava com grossos cílios  
Na desonra fitando seu grave olhar.  
Com sonhos caseiros – lhe era difícil  
Paradoxos da época alcançar.  
– É assim mesmo, – tossia acanhado.  
– Roubar é feio...

É bem pior. –

Solta-te, ó grito malcomportado  
No libertino verso da dor.  
Ele – ladrão? E que ele pague?  
Por que roubava o seu suor?  
Que esta carga a mim esmague,  
Que pejo cuspa no meu rubor!  
Devo matar com desdém o compadre,  
Mais eis a revolta no peito a gritar:  
Quem depenou a consciência do pobre,  
Quem conseguiu sua alma amarrar?  
Onde estão eles – os fartos covardes,  
Ignotos fingidos e demagogos  
Que enforcaram a fé do compadre  
Ao ambicionar posições e empregos?  
Que sejam julgados e acorrentados,  
Punidos com cárcere pela ganância!

Faltam as provas? Servirão os roubados  
Farrapos de tanta fé e esperança.

*MARGEM DA ESPERA*, Nova York, 1965

## MYKOLA VINGHRANOWSKY

Mykola Vinghranowsky (1936-2004) nasceu na região de Mykolaiw. Terminou o Instituto de Arte Cênica em Kyiw e o Instituto Cinematográfico em Moscou. Fez o papel principal no filme SAGA DOS ANOS ÍGNEOS, de O. Dowjenko. Trabalhou como diretor no Estúdio Cinematográfico em Kyiw. Começou a escrever poesias a partir de 1957. Poeta de poderosa expressão, cuja paleta abrange todas as tonalidades e matizes, desde quadros infantis de grande sutileza, painéis de paisagens pátrias, abismos de amor e paixão, até o heroísmo e a dor de abnegação. Poesias: PRELÚDIOS ATÔMICOS (Kyiw, 1962), CEM POESIAS (Kyiw, 1967), POESIAS (Kyiw, 1971), OBRAS ESCOLHIDAS (Kyiw, 1986), ESTA MULHER EU AMO (Kyiw, 1990), EM DIAS POR TI ABRAÇADOS (Kyiw, 1993).

### XXX

Minha noite vem, tua noite vem,  
Não as deixam pernoitar.  
Rodo em roda eu, rodas tu, meu bem,  
Tornaremos a tornar.  
Minha noite vem, tua noite também,  
Eu e tu – sempre sem par.

Nem na minha mão, nem na tua mão  
A noite ouro não vem.  
Rodo em roda eu, rodas tu, meu bem,  
A alma busca anos de além.

*POESIAS, Kyiw, 1971*

## **BÉTULA**

Quando adormece, qual febril criança,  
Desta cidade, a alucinação,  
Ela se põe bem próxima, e então  
Farfalha na vidraça de esperança,

Que eu venha em breve para Ucrânia  
Arados de asas negras escavar,  
Betulazinhas no arraial plantar,  
Regar a boa terra betulínea.

Pois correm anos tempestuosamente:  
A flor do cardo saiba discernir.  
Só sabe à pátria com amor servir  
Quem sob as solas sua terra sente.

*OBRAS ESCOLHIDAS, Kyiw, 1986*

## **MADONA SIXTINA**

“Tu olhas o futuro para os mundos  
Trazendo-lhes teu Filho...!  
Maksym Rylsky

Prisioneira de Hitler, na cova cercada de minas  
Vós ficastes, Madona, no amplexo do extremo momento.  
De aviões vinham vindo as cruzes sobre o Filho divino,  
E abriam-se tanques ao Vosso, ó Mãe, sofrimento.

Vós olhastes a morte futura e o desespero vizinhos  
Ao levar para eles o Vosso Filho – criança.  
Pelos mundos não sábios, Vossos olhos deitaram caminhos  
De inquietude, de medo, de sonho e de esperança.



Pelos fios vermelhos correu primeiro à cisterna  
Bondarenko Iván que das margens do Dnieper avança.  
E curvou sua fronte sangrenta o herói pela morte marcado

Em frente de Vós, Sofrimento, segurando o Filho eterno.  
Vós cansastes, Madona, e lhe destes a Vossa criança.  
Sobre a praça em Berlim está o herói, de gládio baixado.

*OBRAS ESCOLHIDAS, Kyiw, 1986*

## VITALY KOROTYTCH

Vitaly Korotytch (1936) nasceu em Kyiw. É médico, tradutor e escritor. Foi redator-chefe do jornal MANHÃ e, de 1966 a 69, secretário da Sociedade dos Escritores da Ucrânia. Sua poesia, às vezes irônica, possui cunho intelectual. Obras: MÃOS DE OURO (Kyiw, 1961), PERFUME DO CÉU (Kyiw, 1962), RUA DAS CENTÁUREAS (Kyiw, 1963), CORRENTEZA (Kyiw, 1965), FOGO (Kyiw, 1968) e outras.

### POESIA SOBRE A ARTE POPULAR

Formaram-no da terra negra,  
Do barro amarelo,  
Talharam-no em madeira,  
De palha o encrustaram.  
Era Chewtchenko...  
Pincel – era impossível,  
Deviam ser as mãos,  
Para que no tocar  
Sentissem os seus traços,  
Era mister  
Nas têmeoras lhe pôr os dedos,  
Para fortificá-los.  
E depois  
Seria teu Chewtchenko,  
E dedos  
Que a frente lhe tocassem  
Nunca a mentira sujaria.  
... Chewtchenko martelado em cobre,  
Chewtchenko  
De palha  
De madeira

CORRENTEZA, Kyiw, 1965

## PATRYCIA KYLYNA

Patrycia Kylyna (1936), pseudônimo da poetisa norte-americana de origem alemã-norueguesa-irlandesa. Estudou Literatura Medieval no Manhattanville College, depois trabalhou como redatora em editoras norte-americanas. A partir de 1957 tornou-se poeta bilíngüe. Sua obra não fala de sentimentos, antes cria mitos. A autora sente-se atraída pelas culturas antigas, tiradas do subconsciente. Sua poesia assemelha-se a minúsculas obras épicas. Obras: TRAGÉDIA DOS ZANGÕES (Nova York, 1960), LENDAS E SONHOS (Nova York, 1964), CIDADES RÓSEAS (Munique, 1969). Seleta de poesias em português, nos livros COLMEIA, Rio de Janeiro, 2003 e O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, Rio de Janeiro, 2008.

### CATEDRAL DE UMA TARDE

Matador, escuro e severo, qual esculturas de santos  
no portal de uma catedral medieval,  
vem com a capa rósea nas mãos,  
igual a romeiro com uma promessa secreta – para a celebração.

O touro o espera, como sol, que surge da pedreira,  
e o matador convida o touro com a capa  
para erguer a grande catedral.  
Cada arcada é arco da capa,  
quando ela conduz o touro junto à cintura do matador.  
Na elevação, o matador se ergue qual campanário.  
Seus olhos negros ardem como brasa de incenso.  
Na ira, o touro grava com chifres o portal.  
O suor torna-se vinho, o sangue – altar de ouro,  
e a espada no coração – consagração.  
Porém, quando o touro cai morto, passaram milênios,  
e a catedral cai, devagar, sem trovão,

desmaiando ao sol como santo fantasma.  
Apenas o matador sobrevive à catástrofe  
com olhos carbonizados de fogo imperial.  
Assim, Roma é construída e destruída numa tarde.

*CIDADES RÓSEAS, Munique, 1969*

## LAMENTO À MORTE DE ANTONIO RISSA PASTORE

I

O chifre do touro, qual raio, bate contra teu peito  
e racha a árvore de teu coração.  
Como uma luz terrível, tua agonia  
tinge de branco as faces de todos os matadores.  
Quando te levantas mais devagar do que fumaça,  
o sangue tinge tua veste de seda de toureiro.  
Ó, como te admiras de tua fraqueza!

Não vejo a tua morte,  
apenas leio sobre ela no jornal que tem três dias ou três séculos,  
porém, como profetiza do tempo passado,  
ouço o grito da multidão, igual a trovão azul do chifre do touro,  
e vejo o touro que está acima de ti, qual uma nuvem tempestuosa.  
Meu coração principia a consumir-se, enegrecer,  
eu me admiro ter que morrer mais do que uma vez.  
Tu te levantas mais devagar do que a fumaça,  
enquanto o touro fica inerte, qual eco de um temporal longínquo.

-Com a mão queres plantar a semente de um coração novo  
[em teu peito,

porém cais novamente, mais devagar do que petrifica uma floresta,  
e os matadores hão de carregar-te da arena  
já precioso, igual a um tronco, transformado de súbito numa opala.

### III

Tarde demais te vejo na capela ardente.  
Tornas-te frio, tornas-te branco lençol como cinza.  
Em torno de ti cresce o bosque de velas,  
e chammas apagam o teu perfil, semelhante a camafeu.  
És jovem demais para o desespero,  
porém velho demais para os sonhos de glória.  
Teus olhos, já duas ágatas, guardam em si  
lembranças petrificadas de teus filhos.  
Nadas na luz amarela, como no âmbar,  
e o ouro fluido das lágrimas de matadores  
goteja em tua face e consolida-se numa máscara mortuária  
mais antiga que a de Agamemnon, porém não destinada  
[para o museu.  
Os reis mortos hão de ressurgir: Artur voltará, Osiris e Cristo,  
porém tu, Antonio Risso Pastore, não possuis uma rainha,  
apenas uma esposa em Madri, não perita em feitiços.  
E eu chego à capela ardente tarde demais,  
minha vela já é alabastro, é estátua,  
é cascalho, é campo, é choupo.

*ATUALIDADE*, n. 2, 1968

## IVÁN DRATCH

Iván Dratch nasceu em 1936 na região de Kyiw. Um certo tempo dedicou-se ao magistério. Após a Guerra terminou a Faculdade Filológica em Moscou, depois trabalhou no Estúdio Cinematográfico em Kyiw. O prisma poético de Dratch é original, imaginativo. Revira o abandonado tesouro léxico ucraniano em busca de palavras raras e esquecidas, trocando as estruturas poéticas fixas pela fala espontânea. Foi deputado e orador brilhante do grupo RUKH, que batalhou pela independência do país. Atualmente exerce cargo como diretor da Sociedade Ukraina, que mantém contatos com o exterior. Obras: PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO (Kyiw, 1965), POESIAS (Kyiw, 1967), BALADAS DO COTIDIANO (Kyiw, 1967), A CATEDRAL DO SOL (Kyiw, 1988) e outras. Seleta de suas poesias foi publicada em português nos volume ASAS, Rio de Janeiro, 1993.

### BALADA SOBRE O GIRASSOL

O girassol tinha pernas e braços,  
Tinha um corpo verde e áspero,  
Apostava corridas com o vento,  
Subia na pereira,  
Guardava peras nos bolsos,  
Tomava banho junto do moinho,  
Deitava-se na areia,  
Atirava nos pardais de atiradeira,  
Pulava numa perna  
Para tirar a água do ouvido,  
E de repente enxergou o sol,  
Um belo sol moreno  
Com cascatas dos cachos dourados,  
De blusão vermelho,  
Andando de bicicleta,

Evitando as nuvens do céu...  
Ficou imóvel anos e séculos  
Num mudo espanto dourado:  
– Tio, deixa-me dar uma volta,  
Ou pelo menos, leva-me no quadro,  
Tio, tem pena de mim!

Poesia, meu sol alaranjado!  
A cada instante um garoto qualquer  
Vai descobrir-te de novo,  
Tornando-se girassol para sempre.

*POESIAS, Kyiw, 1965*

## **DEUS**

... E veio a ele Deus e começou a remexer nos seus livros  
e perguntou-lhe: – Quando, meu filho, pretendes viver?  
Será que há vida nisso?  
– Eu calarei, meu Deus, – disse ele.

– Dize-me antes, como Tu  
conseguiste criar uma tal gigantesca máquina – este nosso  
planeta – e dezenas e milhares de outros? Como vives sem  
crises planetares e greves, de onde Te vem tanta energia,  
pois eficientes e sem cessar trabalham todos os aparelhos  
estelares, e o principal, meu Deus: como os homens e os  
anjos não encheram Tua cabeça com o culto de Tua pessoa?

Deus, que era marxista, lhe respondeu: – Eu sempre  
duvidei, meu filho.

*PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO, Kyiw, 1965*

## ASAS

Pelo mar, no além, mar,  
O Ano Bom a carregar  
Para os homens boa sorte e azar  
(Para um – o gorro de gato,  
Para outro – o cachimbo barato.  
Para um – anéis e colares,  
Para outro – foguetes solares.  
Para um – sal e pimenta,  
Para outro – três feixes de vento.  
Para um – o coração em brasas  
E para o compadre Cirilo – asas).

Era um dia qualquer, mas eis que o que se deu:  
Debaixo dos seus ombros, cortantes como a faca,  
Asas azul-marinho se ergueram para o céu,  
Furando o forro da velha casaca.

Famintas das alturas e fortes se esticaram,  
O tremular celeste engoliram.  
Mágoas o rosto do homem sulcaram,  
Sombras sua alma invadiram.  
(Para um – o rubro destino,  
Para outro – o sol na neblina.  
Para um – seios, flor de viburno,  
Para outro – a morte noturna.  
Raios partam tudo aquilo!  
Deus me perdoe! – e asas para Cirilo.)

A mulher se lamentava:  
– À gente que não é louca  
A sorte lhe passa manteiga na boca:



Para um – contra frio, botas,  
Para outro – contra tosse, gotas,  
Para um – na manjedoura, o bagaço,  
E para este (com licença da palavra) palhaço – asas?! –

Cirilo coçou-se e matutou:  
Para obter liberdade  
Seu machado ao reboło afiou:  
Cortou as asas sem piedade.  
Foi tristonho dos mochos o canto,  
Mas estrelas do homem zombavam,  
Pois à noite, a camisa furando,  
Suas asas se renovavam.  
Cirilo vivia com seu machado,  
Com asas ficou matreiro:  
Cobriu de asas o seu telhado,  
Cercou o seu sítio inteiro.  
Só que as roubaram poetas,  
Para que sua musa fosse alada,  
E a elas rezavam estetas,  
Sonhando com céus, as asas cortadas.  
(Para um – o portão de defesa,  
Para outro – a sem-vergonheza,  
Para um – o sol na algibeira,  
Para outro – uma figa de feira,  
Mas para Cirilo – que desgraça!  
Assim o sujeito nasce sem sorte:  
asas!)

*PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO, Kyiw, 1965*

## PETRÓ ZASSENKO

Petró Zassenko nasceu em 1936 na região de Kyiw, terminando na capital estudos universitários. Trabalhou nas editoras JUVENTUDE, UCRÂNIA MUSICAL, ARCO-ÍRIS. A partir de 1983 era responsável pelo setor de poesia do jornal KYIW. É poeta e tradutor, perseguido antes pela acusação de nacionalismo, por parte do regime soviético. Suas obras foram traduzidas para muitos idiomas. Na poesia de Zassenko sente-se tristeza pelos valores perdidos da Ucrânia. Poesia: ESTRELA (Kyiw, 1962), NA FEIRA DOS VENTOS (Kyiw, 1965), PRINCIPADO DE ERVAS (Kyiw, 1969) e outras.

### A CASA

#### I

Seus olhos não enxergam nada,  
Rasgada pelo vendaval,  
É escrava, com arame atada,  
Preso ao poste industrial.

Lembranças vivas nas paredes –  
Cebola em tranças, quais corais...  
Foi fustigada pelas neves  
E pelas chuvas estivais.

Quando o inverno visitava  
De longe aquele triste lar,  
Pelas janelas, espiavam  
As lebres, vindo a gargalhar.

Vigiavam-na, quais ursos brancos,  
Montões de neve ao redor;

Não parecia um belo quadro,  
Emoldurado com honor.

– Naquela casa a gente é louca!  
Falava malvadez. Porém  
Só gotejava fel da boca:  
Lá não vivia mais ninguém.

## II

Guerra não há. Mas sem alarde  
Pega os caseiros, cada ser.  
A filha, só, com seu bastardo  
Nas ermas terras foi viver.

A mãe esperava e esperava,  
Até cansou-se de esperar...  
Deitando em terra negra, brava,  
O seu começo e seu findar.

E o filho serve, serve, serve,  
A quem? Notícias não há...  
A casa solitária freme,  
Seu sonho – vento boreal.

Tu, alma pátria, asas moves  
Para Solovky e mais além...  
Aos netos – não importa aonde  
Semear trigo, e para quem.

*PRINCIPADO DE ERVAS, Kyiw, 1969*

## ROBERT TRETIÁKÓV

Robert Tretiakóv (1936–1996), de origem russa, de 1944 em diante viveu na Ucrânia, escolhendo o idioma ucraniano para sua expressão poética. Terminou a Faculdade de Jornalismo em Kyiw, trabalhando em seguida como correspondente e diretor da seção literária do jornal KHARKIW À TARDE. Poesia: CÉU ESTRELADO (Kharkiw, 1961), PALETA (Kharkiw, 1967), RETRATO (Kharkiw, 1967).

### XXX

Três runas de minha bem-amada –  
Letras na pedra lendária  
No cruzar de três caminhos...  
A primeira – paixão de menina,  
A segunda – o amargor da vida,  
A terceira...  
Se eu fosse adivinho  
E lesse teu coração,  
Lesse o olhar cor de vinho,  
Escolher podia então  
Entre os três  
O mais grave caminho.

*PÁTRIA*, Kyiw, n. 4, 1972

## YEWGHÉN GHÚTSALO

Yewghén Ghútsalo (1937-1995) nasceu na região de Vinnytsia. Terminou a Faculdade Filológica do Instituto Pedagógico de Nijyn. Trabalhou como redator de vários periódicos, inclusive na UCRÂNIA LITERÁRIA de Kyiw e na editora ESCRITOR SOVIÉTICO. Era prosador frutífero, também no campo da literatura infantil.

XXX

Pervinca, encoberta de neve,  
pervinca, prateada de geadas,  
pervinca – moitinha do meu destino  
que esverdeia na palma da terra –  
sonha um sonho cruzado.

Um torrão de fogo irisado, –  
chamá-lo de tié-sangue? –  
vem voando dentro do sonho,  
pousa no ramo negro da sobancelha  
e olha a fonte jorrar do meu olho.

*POESIA, Kiev, 1968, Nr. 1*

## A URSA MAIOR

... E a noite de Ano Bom – como uma lenda...  
Eu.

Por pétalas de neve, cheio de estrelas,  
Irei, sem meta, através do céu  
Pela Via Láctea...

E, fraco ser, eu não resistirei  
A não passar os dedos pelas cordas  
Da Lira.  
Prenderei a pata  
Da Ursa Maior e a levarei comigo  
Ao quarto da senhora.  
Envolvendo os pés  
Num cobertor de plumas, me dirá:  
– Seria bom tirar-lhe a pele e a pendurar  
Acima do meu leito. –  
Calarei.  
Levando a Ursa para fora  
De manso coçarei sua orelha-estrela  
E lhe direi: --Melhor será voltar ao céu, apenas  
Toma cuidado ao passar  
Pela constelação dos Galgos! –

... E a noite de Ano Bom, como uma lenda...

*PANORAMA DA MAIS NOVA POESIA DA UESR, Monique, 1961*

## OLÉGH KOVERKO

Olégh Koverko nasceu em 1937 na região de Ternopil. Depois de estudos de Ciência Literária em Nova York e Chicago, dedicou-se certo tempo ao ensino, atualmente exercendo o cargo de diretor do Instituto Ucrâniano de Arte Moderna em Chicago. É autor de duas coletâneas poéticas: *ESBOÇOS SOBRE A DISTÂNCIA* (Nova York – Chicago, 1966) e *FUGA* (Nova York – Chicago, 1969). Sua poesia transforma coisas reais em imagens quase abstratas, num mundo meio-visto, meio-ouvido, cheio de insegurança, num ritmo calmo. É poeta de tristeza elegíaca e de lembranças fragmentárias. Seleta de poesias em português no livro: *O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK*, Rio de Janeiro, 2008.

### PEQUENA EXISTÊNCIA

Vives,  
qual serpente farta  
em punhados de ouro,  
moedas dos dias malogrados.  
Trocas alma e beleza  
pela fileira de homens  
indispensáveis a ti.  
Com gosto gasto  
forças teus peitos  
nas mãos de sacrilégios  
do cotidiano bruto.  
Vives  
pela paixão do dia,  
e o dia  
te retribui a moradia  
com evidente chantagem.

*FUGA*, Nova York – Chicago, 1969

## A MANHÃ NO METRÔ

No metrô  
aspectos impertinentes,  
rostos de barulho  
sobre trilhos de catacumbas de rodas.

No metrô  
vesgos ziguezagues e pupilas  
de cera derretida  
no meio de olhos de olhar opaco.

No metrô  
tartarugas desaguadas  
sobre ásperos e vacilantes  
superfícies de assentos.

No metrô  
gente.

*ESBOÇOS SOBRE A DISTÂNCIA, Nova York – Chicago, 1966*



## ATENA PACHKÓ

Atena Pachkó nasceu em 1937 na região de Galícia. Poetisa de outono, tristeza, morte, no entanto – combatente pelos valores éticos, dentro dos moldes tradicionais religiosos. Foi diretora da Associação Ucrâniana das Mulheres, fundada em 1991. Autora de coletâneas poéticas NAS ENCRUZILHADAS (Nova York – Munique, 1981), NO FIO DA VELA (Nova York – Munique, 1991), CREDO (Kyiv, 1994), GUME DE MINHA SENDA (Kyiv, 2007).;

XXX

Balançavam-se  
pinhas rachadas  
no pinheiro  
e caía semente  
na neve  
e caía neve  
em estrelas  
e caíam estrelas  
em sinas  
e levantaram-se gralhas  
sobre o abismo do branco

*RUBIS DE VIBURNO, 1973-1984*

XXX

Luziam prateados orvalhos  
no diadema lunar  
e a noite vislumbrou  
no cinzento espelho da madrugada  
a coroa de espinhos  
na sua frente

*RUBIS DE VIBURNO, 1973-1984*

## VASSYL STUS

Vassyl Stus (1938-1985) nasceu na região de Vinnytsia, mas sua família mudou-se para Donbás. Trabalhou como mineiro e professor primário, depois começou estudos universitários em Kyiv, solidarizando-se com o movimento dos dissidentes que protestavam contra a russificação imposta da Ucrânia. Em 1972 foi condenado a cinco anos de trabalhos forçados e três anos de desterro na Mordóvia. Em 1977 apareceu no Oeste sua coletânea VELA NO ESPELHO. Em 1978 Stus tornou-se membro do PEN-Clube Internacional. Em 1979 foi novamente condenado a dez anos de trabalhos forçados e cinco anos de desterro na Sibéria, onde morreu por causa de maus tratos. Seu corpo, junto com os corpos de dois outros companheiros-mártires, foi trazido e sepultado em 1989 numa grande manifestação popular em Kyiv. Em 1986 apareceu, publicada pela editora ATUALIDADE (Munique – Nova York), sua obra PALIMPSESTOS. A OBRA COMPLETA (exceto PÁSSARO DA ALMA, com cerca de 300 poemas, que se perdeu no cativeiro) principiou a ser publicada em Lviw no ano de 1994. Seleta de poesias em português no volume O CASTIÇAL, Rio de Janeiro, 1998.

### A IVÁN SVITLYTCHNY

Iván, não posso sem o teu gracejo  
este úmido inverno suportar.  
Alguém já cuida em a ti caluniar,  
quando meu Kyiv dorme. Eu te vejo  
– pois não consigo as pálpebras fechar –  
atrás da névoa no estelar lampejo,  
porém tu calas, calas sem folgar.

Não abres tua boca, meu valente,  
meu bigodudo sol e meu irmão,  
quando os Reis Magos trazem de presente  
a baixa covardia e a traição.

Iván querido! Sinto-me culpado  
diante dos olhos meigos. Bem que eu sei  
que descuidei-me tanto no passado  
e alta soleira tua não busquei.  
Desculpa meu dominical recado  
que, sedentário, aqueço caldeirões,  
pois neste inferno suportar grilhões,  
sofrer e não gritar é vil pecado.  
Lendo de Dante tétricas visões,  
ao nono círculo, por ele imaginado,  
eu saltaria já, sem restrições.

No meu dossiê, qual o porvir alado,  
não deparou ninguém dos tubarões,  
daqueles que roubaram minha terra,  
meu mundo ensolarado e minha paz,  
deixando ira justa e mais severa  
a quem nunca antes de ódio foi capaz.

Em tocas todos valentões se escondem,  
todos os justos – para o diabo vão!  
Será a bondade lá visível onde  
não há justiça, força, retidão  
para ajudar o irmão em dura lida,  
o pobre na desgraça defender?

Para escolher a luta pela vida,  
para escolher a morte pra viver?...

Ciclo: ÁRVORES HIBERNAIS, 1956-1969  
em: VASSYL STUS I, Lviw, 1994

XXX

Eu vejo a terra estranha no além-mar  
E uma mulher, qual cuco desolado,  
A sussurrar: “Meu Deus, santificado  
Seja meu povo, meu distante lar!”

*PALIMPSESTO, Munique – Nova York, 1986*

XXX

Retorna a mim, lembrança como sol:  
que sobre o peito deite-se pesada  
a terra pátria, suave e desolada,  
que traz ao anoitecer do rouxinol  
o trino. Vem, lembrança a mim  
do cheiro de tomilho ensolarado.  
Que pendam as maçãs avermelhadas  
e sazoadas no verão sem fim,  
que do Dnipró solene resvalar  
ao menos em meu sonho se renove.

Eu lanço o grito. E meu país me ouve.  
Retorna a mim, e leva-me ao lar.

*POESIAS, Kyiw, 1990*

## **EM MEMÓRIA DE ALLA GHORSKA1**

Flori, minh'alma! Deixa de gemer!  
O sol da Ucrânia envolve o sol soturno,  
Então procura a sombra do viburno,

Em águas negras – sombra de viver,  
Onde de nós punhado vai sobrar  
Só para preces, só para esperanças.  
A morte é nossa sina sem bonanças,  
Pois sangue de viburno vem pulsar  
Tão forte em nossas veias retesadas.  
Deslizam ao abismo sem parar  
Os bagos dolorosos do pesar,  
Na eterna desventura sazoados.

Ciclo: *ALEGRE CEMITÉRIO*, 1970  
em: *VASSYL STUS I*, Lviw, 1994

1. Pintora do grupo dos dissidentes, barbaramente assassinada pela KGB.

XXX

Quando a Ucrânia entra em meu sonho,  
ela entra sem girassóis, sem sol e sem viburno,  
só com crepúsculo. Qual viúva com sua trouxa,  
entra a Ucrânia na sua própria casa,  
bebe um pouco de água, pergunta pela saúde  
e assenta-se na beira do banco. Repousa,  
e enxuga da testa o suor negro, como a terra negra.

*OBRA COMPLETA*, II, Lviw, 1994

XXX

Dois fogos ardem, com o vento conversam,  
E no alto dos céus dois sóis se revezam.  
O primeiro é o dia, outro – a noite cigana,  
Entre eles floresce a azul genciana.

Se eu avançar, o fogo me há de queimar,  
Se eu recuar, a morte me espera.  
Dois fogos ardem, com o vento conversam,  
E no alto dos céus dois sóis se revezam.

*PALIMPSESTO*, Munique – Nova York, 1986

## PAWLÓ MOWTCHAN

Pawló Mowtchan nasceu em 1939 na região de Kyiw. É poeta, tradutor e dramaturgo cinematográfico. Terminou estudos superiores no Instituto Literário de Kyiw e o curso de Dramaturgia em Moscou. Deputado popular da Ucrânia a partir de 1990. Poesia: MEMÓRIA (Kyiw, 1977), VOZ (Kyiw, 1982), CALENDÁRIO (Kyiw, 1985), PERICÁRDIO (Kyiw, 1989), PÁTRIA (Lviv, 1991), MATRIZ (Kyiw, 1991), OBRA (em três volumes, Kyiw, 1999) e outras. Sua obra, de cunho filosófico, aborda problemas existenciais.

### XXX

E o lugar foi previsto  
para que teu peso terrestre endurecesse  
que separa-te do ar  
e cada dia tomba na terra  
pela dor procurando lugar  
de assimilar-se ao ilimitado  
e incorporando-se à vida  
saindo dos espelhos  
de todas as coisas  
e do ouvido de teus conhecidos  
enquanto nos abismos de sangue  
entram nossos parentes  
para reconhecer-te  
pelas comuns raízes  
e tu com face clareias  
qual álamo primaveril  
da abundância do secreto saber  
sobre o mundo e o ser humano

SOLEIRA, Kyiw, 1988

## **DIA SOMBRIO**

Eu saí – na mata brava,  
súbita, cresceu neblina, –  
um encontro inevitável,  
como minha própria sina.

Eu deixei – o que me importa?  
céus bebidos às goladas,  
a campina bem coberta  
e as janelas arejadas.

Cinzas do verão. Ao fundo  
acres ilusões bebidas.  
Tudo abandonei no mundo,  
e de frente – só neblina.

*SOLEIRA, Kyiw, 1988*



## VALERY ILLÁ

Valery Illá (1939-2005), poeta de verso livre, de cunho metafísico, chama atenção sobre a esquecida pré-história da Ucrânia. Por um quarto de século foi excluído de publicações. Poesia: FERREIROS ATRÁS DA NEBLINA (Kyiw, 1989), SVARGHA (Kharkiw, 1996).

XXX

Três moças  
atravessaram o rio na mata,  
sem levantar as bainhas  
e com vestes molhadas até o peito  
puseram-se irmãs de árvores,  
de peixes,  
dos gritos noturnos de feras.  
Espantadas por mim  
esconderam-se logo  
nos altos talos.

Três brancas grinaldas  
pelo rio fluíram.

*POESIA, Kiev, 1964, Nr. 4*

XXX

Minha irmandade  
espalhada pelo mundo pela miséria  
e pelos ventos sangrentos  
os estrangeiros com cuidado evitam abismos

de teus olhos rasgados pelo desespero  
apenas a criança vinda ao encontro não se precaveu  
na asa transparente de tua lágrima  
em cujo horizonte a Mãe se inclina sobre o campo ao vento  
onde grous em jugo do pranto  
quais negras cruzes trespassam o céu da Ucrânia

teu céu  
pois a Ucrânia és tu

*FERREIROS ALÉM DAS BRUMAS, Kyiw, 1989*

XXX

a morte dorme no pão  
os aradores desabam lentamente no campo  
ao centeio de suas mãos  
eu ainda seguro-me fitando o céu  
para que do meu peito aberto pelo negro arado  
voem grous além do horizonte

*FERREIROS ALÉM DAS BRUMAS, Kyiw, 1989*

## IGHOR KALYNÉTS

Ighor Kalynéts nasceu em 1939 na cidade de Khodoriw. Terminou os estudos filológicos na Universidade de Lviw, trabalhando em seguida no Arquivo Regional. Em 1972, junto com a mulher, a poetisa Ira Stassiw-Kalynéts, foi condenado “pela agitação e propaganda anti-soviética” a seis anos de prisão e três anos de desterro, cumprindo plenamente sua pena. É membro honorífico do PEN-Clube Internacional. Sua poesia possui admirável riqueza léxica e ostenta múltiplas faces: lírica tanto próxima ao floclore quanto ao Barroco ou Modernismo. É mago que extrai essência poética de números, cores, sons, letras, pedras preciosas, formas de cânticos, imagens do zodíaco, mitos, meses, estações do ano etc. Obras: FOGO DE SÃO JOÃO (Kyiw, 1966), ABERTURA DE VERTÉP (Munique, 1970), SOMANDO O SILÊNCIO (Paris – Baltimore – Toronto, 1971), COROAÇÃO DO ESPANTALHO (Polônia, 1972), MUSAPRISIONEIRA (Baltimore – Toronto, 1991) e outras. No Rio de Janeiro, foi publicada a seleta de seus poemas em português, O FOGO SAGRADO, 1997.

XXX

aqueles dois  
que foram crucificados  
ao lado de Cristo

hoje  
mascaram  
o alto Gólgota  
com ramos de códigos

na toga do juiz supremo  
escondem  
a faca dos bandoleiros

*SOMANDO O SILÊNCIO*, Paris – Baltimore – Toronto, 1971

XXX

preparemos canoas  
o ontem vem vindo

preparemos canoas  
das margens surge tristeza

nadaremos  
ao lago de folharada

o lago  
que inunda as pegadas

*COROAÇÃO DO ESPANTALHO, Polônia, 1972*

## **VENTO**

conheço aquele mancebo  
conheço-o bem

enfeitou  
com a pena de galo  
seu chapéu

toca na gaita de boca  
para si mesmo  
o dia todo

mas trabalhar  
que nada

pois raramente  
apascenta perfumes  
nas clareiras montezes

nem incita as ondas jovens  
ao bebedouro

antes impele a fumaça  
das fogueiras  
justamente nos olhos

parece soprar  
das mesmas  
abelhinhas de prata

se pelo menos a ti  
sacudisse  
uma estrelinha do céu

porém na Páscoa  
trouxe rolando  
o sol  
em Kosmátch pintando<sup>1</sup>

*MUNDO-MILAGRE, am OBRA COMPLETA II Kyiw, 2004*

## **CHUVAZINHA**

o sopro seco  
bebeu todo o néctar da flor

a abelhinha veio de visita  
não há nada para oferecer

na casa da senhora Chuva  
a porta é de chererém  
senhora Chuva  
senhora Chuva  
sai para fora

a mãe não está em casa  
sou Chuvazinha

então sai tu pelo menos  
acudir à flor

prefiro molhar  
a gola do repolho

haverá tanta risada

*MUNDO-MILAGRE*, em OBRA COMPLETA II Kyiw, 2004

<sup>1</sup>. A aldeia carpática de Kosmátch é famosa pela pintura de ovos de Páscoa.

## IRA STASSIW-KALYNÉTS

Ira Stassiw-Kalynéts nasceu em 1940 em Lviw, onde terminou os estudos superiores como pesquisadora da história antiga. É escritora-poeta, pertencente ao grupo dos sessentistas não-conformistas. Foi presa em 1972 e condenada, como seu marido, Ighor Kalynéts, a seis anos de prisão e três anos de desterro na Ásia, cumprindo plenamente a sentença. Poesia: A SENDA DO DESTERRO (1968-71), ATRAVÉS DA PEDRA (1972-79), A ÚLTIMA DAS CARPIDEIRAS, PELO TIRSO NO CAMPO.

XXX

Quando adormece minha cidade pacata,  
tão pacata, qual musgo na mata,  
é incapaz do responder nem com solução  
aos sinos vermelhos acima dela,  
sinos vermelhos  
funerários.

*A SENDA DO DESTERRO, 1968-71*

XXX

A quem confessam árvores  
numa noite de outono,  
livrando-se da folhagem  
qual de coloridos lantejoulos?  
Ao rosto frio das estrelas?  
Ao vento indomável?  
À grama compenetrada no escutar  
seu próprio crescimento?  
Ao sol, que os evita  
dia após dia?

Ou a si mesmas,  
apenas a si, na esperança  
do primaveril acordar?...

*ATRAVÉS DA PEDRA, 1972-79.*

XXX

Escuto o canto da noite  
que repete o compasso  
no bombo da lua;  
no teclado das estrelas  
o vento a acompanha,  
o sono esvoaça dos candelabros,  
emaranhando-se no âmbar  
de sua luz,  
os arautos noturnos  
trazem angústia...  
Escuto o canto da noite –  
a orquestra do mundo mais poderosa –  
lá se percebe também minha voz  
com um som de graça...

*ATRAVÉS DA PEDRA, 1972-79*



## IVÁN SOKULSKY

Iván Sokulsky (1940-1992) nasceu na região de Dnipropetrowsk. Em 1962 matriculou-se na Universidade de Dnipropetrowsk (Filologia Ucraniana). Em 1966 foi preso e condenado a quatro anos e meio de regime severo, acusado de nacionalismo. A partir de 1978 foi membro do Grupo Helsinki, que defendia direitos cívicos. Em 1980 foi preso novamente e condenado a quinze anos de detenção, sendo anistiado em 1988. Suas duas coletâneas de poesias, SENHOR DA PEDRA (Kyiw, 1993) e SIGNO DA LIBERDADE (Dnipropetrowsk, 1997) foram publicadas postumamente.

XXX

Revolta a estepe, fere o negro chão,  
Erguem-se os choupos – gládios vingadores  
Amadurecem mente e coração.  
Cem vezes tanto queimam nossas dores  
Cem vezes crucifica o velho mal  
Cem vezes o desprezo nos devora.  
Instando sopra a brisa matinal:  
Agora! Agora! Agora!

*ARAUTO UCRANIANO, Paris, n. 2, 1971*

## ROMÁN LUBKIWSKY

Román Lubkiwsky nasceu em 1941 na região de Ternopil. Terminou a Faculdade Filológica da Universidade de Lwiw, trabalhando como redator em vários jornais e tradutor de vários idiomas. Era vice-diretor do jornal OUTUBRO. Com a Independência da Ucrânia, tornou-se embaixador na República Tcheca e Eslováquia, de 1992 a 1995. Até 2008 exercia o cargo de diretor do Comitê Chewtchenko em Kyiw. Na poesia de Lubkiwsky vibram sons e cores principalmente do Oeste ucraniano, que ele recria com ternura. Poesia: CERVOS ENCANTADOS (Lwiw, 1965), ÁRVORE DE TROVÃO (Kyiw, 1967), BRAÇOS (Kyiw, 1969) TOCHAS (Kyiw, 1975), MAÇÃ DE AGOSTO (Kyiw, 1989), OLHAR DA ETERNIDADE (Kyiw, 1990), ANJO NAS NEVES (Lwiw, 2005) e outras.

### DORMITAM AS MARÉS

Dormitam as marés cansadas  
e os barcos – cisnes sonolentos.  
Vem vindo da distância o vento,  
o sol flutua sobre as vagas.

Com púrpura, calor e brio  
iluminando a vaga fria.  
As multicores pedrarias –  
esmaltes em santa Sofia.

Cobrem-nos ondas transparentes  
com dunas altas, espumosas,  
ostentam coloridas rendas  
os quebra-mares mais formosos.

O mar resvala, lentamente,  
contendo força no seu brado.

Mosaicos brilham no poente:  
eu estou de pé, maravilhado.

*CERVOS ENCANTADOS, Lviw, 1965*

## **SOLEIRA**

O que está nela escrito,  
O que está gravado  
Na paterna  
Tosca soleira  
Pelo destino  
Presenteada?  
Onde deve encostar-se  
O sem eira nem beira?

– Quando o negrume do mal te envolver,  
Então não tardes, meu filho, me ver,  
Mas se o destino propício sorrir,  
Trazendo saúde e sorte o porvir,  
Não sejas alheio  
Nem orgulhoso,  
Ouvindo da terra o chamado ansioso.

Apenas um sol eterno perdura:  
Da Mãe coração  
Na altura...

*A MAÇÃ DE AGOSTO, Kyiw, 1989*

## IRYNA JYLENKO

Iryna Jylenko nasceu em 1941 em Kyiw. Em 1964 terminou os estudos na Faculdade de Filologia de Kyiw. Trabalhou como educadora no jardim de infância, depois como redatora em vários jornais. Sua poesia, pela magia da imaginação, transforma o cotidiano, muitas vezes cinzento e doloroso, num conto de fadas. Obras: SOLO NA FLAUTA DOCE (Kyiw, 1965), AUTO-RETRATO EM VERMELHO (Kyiw, 1971), JANELA PARA O JARDIM (Kyiw, 1978), CONCERTO PARA O VIOLINO, A CHUVA E O GRILO (Kyiw, 1979), A CASA SOB O CASTANHEIRO (Kyiw, 1982), O ÚLTIMO TOCADOR DE REALEJO (Kyiw, 1985), A CERIMÔNIA DO CHÁ (Kyiw, 1990), O EVANGELHO SEGUNDO ANDORINHA (Kyiw, 2000) e outras. Em português: SOLO NA FLAUTA, Rio de Janeiro, 1999 e EVANGELHO SEGUNDO ANDORINHA, Rio de Janeiro, 2005.

### CANTIGA DE SÃO JOÃO

Ponho a tarde sobre a minha fronte –  
Facetada lazulita clara –  
Rindo sigo pela aldeia rente  
Ao olor violáceo da seara.

Onde está a janela tão tristonha?  
Eu cansei de tanto a aguardar.  
E bordada pelas sombras, sonha,  
Na cortina, a mão a repousar.

Eu procuro a flor de samambaia  
Em centelhas d'ouro e de anil.  
Onde está a janela, minha jóia,  
Escondida deste mundo vil?

Eu procuro... o lúpulo viceja  
Perfumado ao anoitecer.  
Revoada das estrelas seja  
Minha triste sina de mulher.

*SOLO NA FLAUTA DOCE, Kyiw, 1965*

## **VERSOS-VIOLETAS**

4

Bate sob o coração  
Um coraçãozinho.  
Escuta a condenação  
Eva em paraíso.

– Não ocultam o ato vil  
Longos cachos lindos.  
Bordas com a seda anil  
As camisolinhas...

Sai do Éden! – disse a voz  
À mulher leviana.  
E do inferno riu só  
Eva cacheada.

*A CASA SOB O CASTANHEIRO, Kyiw, 1982*

## **AUTO-RETRATO**

Este momento é meu. Nenhum azar  
tira de mim este momento raro.

Purpúrea roda acima do pomar  
fogueia e se derrama pelas ramas.

Não haverá jamais outro lugar,  
não haverá mais tempo no futuro.  
Sob esta roda deves tu me amar  
e rir, e rir, enquanto o dia é ouro!

É dia para amar, para lutar,  
dia de lida, entusiasmo, raiva,  
é de êxtase supremo de criar,  
dia de fogo e dia de saraiva.

Quando florescem no jardim mimosas,  
amo o silêncio que o instante traz,  
agora sou cristã e sou esposa,  
inteira de meiguice e de paz.

Eu sou o leve orvalho de verão,  
os rios de silêncio passam rente:  
que reinem paz, e sol, e devoção,  
que reinem formosura e sábia mente!

Contorna o halo anil a fronte qual  
pomar de cerejeiras. E serena  
florada desce após o temporal.  
Auto-retrato em branca cor: Iryna.

Porém, às vezes, sou tomada inteira  
por grande raiva, louco temporal,  
então, eu sou a bruxa na fogueira,  
herética, vampira, ser do mal.

Estou de pé. Minha ira é já tufão.  
Bandeira como chama erguida teima.  
Que reinem fogo, luta, maldição!  
O gosto de uma pira os lábios queima.

Ao rir, levanto o filho qual troféu  
e o gládio. E da tez morena  
sibila trança – cobra contra o céu.  
Auto-retrato em rubra cor: Iryna.

*AUTO-RETRATO EM VERMELHO, Kyiw, 1971*

## **JACINTO AZUL**

Quando deste mundo eu descer,  
Vão chorar e me esquecer depressa,  
Só um fino livro sobre a mesa,  
Qual um órfão, há de embranquecer.

Abrem-no, sem nele acordar  
A alma – no alfinete borboleta:  
As asinhas – secas violetas  
Se desmancham, quietas, ao sonhar.

*ESTAÇÕES DO ANO, Kyiw, 1999*

## MYKOLA VOROBÍÓW

Mykola Vorobiów nasceu em 1941 na região de Tcherkassy. Começou como trabalhador de construção civil, entrando mais tarde para o Instituto de Artes Cênicas em Kyiw. Cedo principiou a publicar suas poesias em vários periódicos da Ucrânia, divulgando com elas a tendência surrealista. É também pintor. Poesias: LEMBRA-ME NO CAMINHO (Kyiw, 1985), A LUA DA ROSA SILVESTRE (Kyiw, 1986), AMORA DO HORIZONTE (Kyiw, 1988), PASSEIO A SÓS (Kyiw, 1990), VOZ SUPERIOR (Kyiw, 1991). Tradução em português: SIGNOS, Rio de Janeiro, 1994.

XXX

Com as facas de cinco dedos, com a sexta – a palma da mão,  
vós mesmos limpai a face:

não choreis, não caleis no íntimo,  
não enxágüeis os olhos com cachaça,

cavai a montanha íngreme,  
cavai a montanha íngreme –  
que não se derrame.

Melhor é achar a si mesmo  
do que conservar-se.

A mão mais gasta  
colherá o pomo mais alto.

*PASSEIO A SÓS, Kyiw, 1990*



## **DIA BREVE**

Casas fluíram,  
escorreram as boinas dos tetos –  
seixos dourados  
abriram janelas em pétalas.

Mulher azul  
alimentou a tigela  
acrescentando a fonte,  
e sobre pedras vermelhas  
passou pelo riacho.

*VELAS, Kyiw, 1968*

## **XXX**

O corcel branco ondula o horizonte,  
sobre as flores dourado-viçosas  
os zangões voam junto ao sol,  
as abelhas cercam  
as branco-prateadas águas do murmúrio,  
emaranharam-se a mata e o campo  
e a raiz escura do sol,  
agasalhados neles sobem hinos,  
andamos de cores vivas trajados,  
as sempre-vivas reluzem-nos em rostos,  
trajes de cerejeiras descem como coro.

*PASSEIO A SÓS, Kyiw, 1990*

## A TERRA E O HOMEM

Semear o grão.  
Olhar  
como cresce devagar –  
e devagar envelhecer.

*AMORA DO HORIZONTE, Kyiw, 1988*

## MYKOLA GHORBAL

Mykola Ghorbal nasceu em 1941 na região de Lemky, que atualmente pertence à Polônia. Em 1963 terminou os estudos músico-pedagógicos, lecionando na cidade de Borchtchiw e revelando-se como compositor e poeta. Por sua visão ideológica, foi preso e condenado a cinco anos de prisão e dois anos de desterro. Após cumprir sua pena voltou a Kyiw, tornando-se membro do Grupo Helsinki, que defendia direitos cívicos. Em 1979 foi novamente condenado a cinco anos, e em 1984 a oito anos de prisão com regime severo e a dois anos de desterro, sendo no entanto liberado em 1988, no tempo de “reconstrução” da União Soviética. De 1990 a 1994 foi deputado do Conselho Municipal de Kyiw e em seguida deputado do Governo da Ucrânia. Em 1983 saiu em Nova York sua coletânea PORMENORES DA AMPULHETA. É também autor de poesias para crianças.

### XXX

Voaram pássaros com caudas de fogo  
e foram perseguidos  
por pintados dragões de papel.

### XXX

No campo há ervas reparadoras,  
no campo há pássaros cantantes,  
lá longe, no campo do meu sonho.

XXX

Sentir através da migalha de tristeza  
a distância insuperável  
entre a florada de macieira e de tília.

XXX

Conhecido pelo mundo inteiro,  
apenas a si próprio  
desconhecido guerreiro  
segurava na morta mão  
o fogo eterno.

/ Folhas datilografadas /

## RAISSA LYCHA

Raissa Lycha, poeta, ensaísta e pintora, nasceu em 1941 na região de Petrykiwka. A partir dos anos 1970 foi perseguida pelo regime soviético como não-conformista, sendo excluída do trabalho jornalístico e da publicação, até a queda do Comunismo na Ucrânia. Em 1989, junto com Iván Sokulsky e um grupo de solidários, fundou a revista clandestina SOLEIRAS. Suas poesias saíram publicadas nos jornais CÁTEDRA, UCRÂNIA LITERÁRIA, ATUALIDADE, KYIW, SVITO-VYD e outros. Em 1994 saiu sua coletânea MUNDO TRIPARTIDO. Atualmente trabalha no jornal NOSSA FÉ, em Kyiw. Sua poesia lembra pintura surrealista com elementos folclóricos.

XXX

a lua choca halos  
na macieira  
branco-verdes

o halo redondo qual maçã  
rola minha palavra  
para que a primavera responda

XXX

noite barroca de Kyiw  
uma vaca florida  
voa sobre o país  
e some  
no além

da água se ouve  
a alma branca das funduras

nós sonolentos  
não percebemos  
a aparição e sumiço  
da virgem celeste  
lírio

### **XXX**

a casa em grinalda do céu  
o silêncio mexendo-se na janela

sopro familiar  
qual leve brisa  
sorriso no ar

a estepe cresce no peito  
levanta costelas  
ensolaradamente

/ Folhas datilografadas /

## VASSYL RUBAN

Vassyl Ruban nasceu em 1942 na região de Kyiw. Estudou no Instituto Técnico de Jytomyr e cursou a Faculdade de Filologia em Kyiw. Dois anos trabalhou como redator literário na editora UCRÂNIA MUSICAL. Perseguido pela ideologia política, cumpriu pena em várias prisões e manicômios (1972-1978). De 1990 em diante é membro da Associação dos Escritores da Ucrânia. Suas poesias foram publicadas no jornal KYIW (1992, 1994, 2000). A coletânea QUIMERA foi impressa na capital em 1989. Ruban usa símbolos para denunciar a realidade.

XXX

... O corvo na neve  
esfria, não se derrete.  
Neve seca e vento.  
Acima de mim revoa o corvo frio,  
quem há de estender-me a mão?  
Não colherei da neve pétalas mornas...

VELAS, Kyiw, 1968

XXX

... Tu –  
igreja não iluminada,  
nos recantos escuros – sombras,  
é o nosso medo que se escondeu  
qual mofo dos corações.  
Nossos santos são cegos sem a luz dos nossos olhos,  
pois adormeceu-nos o fogo na cera dos corpos,  
a chama de um espírito indomável.

Vim com súplica a ti,  
ó templo da minha alma,  
com todos os pecados mundanos,  
porém com o amor único,  
para acender a vela dos olhos junto aos nossos ícones.

E ali, alguém pede fogo,  
como um moribundo água,  
e ali  
hão de vir  
acender  
levar  
e hão de brilhar fogos em cada janela.  
Cremos em ti, esperançosos, Ucrânia, Mãe nossa.

*QUIMERA, Kyiw, 1989*



## MARKÓ TSARYNNYK

Markó Tsarynnyk nasceu em 1944 em Berlim, emigrou para os Estados Unidos da América do Norte, cursando Ciência Literária na Universidade da Pensilvânia (Philadelphia). Atualmente vive em Toronto, trabalhando como tradutor e publicitário. Suas poesias foram publicadas no jornal ATUALIDADE (Munique – Nova York), porém várias aguardam edição individual. Elas pertencem ao Pós-Modernismo, mostrando distância entre o autor e sua obra com proposital frieza, ironia e até cinismo. Tsarynnyk é um poeta intelectual, não intuitivo. Usa neologismos, trocadilhos e “abstratos sonoros”. Seleta em português no livro O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, Rio de Janeiro, 2008.

### NA GRANDE BOCA DO CÉU

Paramos como botoque, incapazes  
De mover-nos com a nave. Velas rasgadas,  
Bússola traiçoeira, e nós sem poder pedir.

A neve brilha como olhar mergulhando no mar.  
As ondas endurecem, e nós não pedimos.

No verão colhíamos almas de peras,  
Mas aqui sopra o vento salgado.  
Nós nem pensamos em pedir.

*NOVAS POESIAS, Nr. 9, 1967*

## VASSYL GHOLOROD'KO

Vassyl Gholoborod'ko nasceu em 1945 na região de Donétsk. Estudou Filologia nas Universidades de Kyiw e de Donétsk, da qual foi excluído “pelos atos incompatíveis com o título de um estudante soviético” (na verdade, pela leitura e divulgação no meio universitário do livro de Iván Dziuba: INTERNACIONALISMO OU RUSSIFICAÇÃO?). Em represália, passou dois anos no serviço militar e no “radhosp”, em trabalhos não qualificados. Suas obras foram publicadas no exterior, por não corresponderem às exigências do Realismo Social. Só a partir de 1988 saiu publicado em Kyiw seu primeiro volume. Na poesia de Gholoborod'ko há três temas que se entrelaçam: a infância mágica, a dor e a ironia político-social. Obras: DIA VERDE (Kyiw, 1988), ÍCARO COM ASAS DE BORBOLETA (Kyiw, 1990). O poeta foi traduzido para várias línguas estrangeiras. Antologia de seus poemas em português, DIA VERDE, Rio de Janeiro, 1991.

### COM OLHAR ENAMORADO

Olhar-te: mirar  
como voam pomares  
cobrindo tudo de branco.

Olhar-te: espiar  
com um canto do olho  
no âmago da maçã.

Olhar-te: guardar  
nos olhos as aves cinzentas –  
teus olhos voláteis.

Olhar-te: verter  
sobre a lâmina nua  
o sangue das rosas.

*DIA VERDE, Kyiw, 1988*

## SERÁ OURO NO OURO

Será ouro no ouro  
o sol nas bétulas outonais  
e disso o dia será mais dourado

As cúpulas rubras do bosque de bétulas  
serão mais rubras do que copas de antigas igrejas  
e altiva altura acima de ti pairará  
mais alta do que o ouro dourado  
e tu ainda mais baixo estarás  
tu estarás de joelhos

Serão translúcidas as paredes da catedral celeste  
e palavras serão translúcidas e sem som  
e translúcida água há de banhar tua fronte

*DIA VERDE, Kyiw, 1988*

## O SÉTIMO DA CORRENTE

Na nossa corrente há sete elos a trabalhar.  
Seis se apresentam no traje mineiro,  
seis descem à mina,  
mas somos sete na clarabóia.  
Talvez da nossa equipe ninguém o veja,  
mas eu vejo.  
O sétimo é Petró.  
Eu trabalhei com ele muitos anos  
martelo junto ao martelo,  
mas logo não quero tagarelar  
sobre como e quem ele era.  
Começo a colocar as estacas,

logo ele aparece e ajuda:  
segura a estaca, bate com o martelo,  
e depois pede um cigarro e some no escuro...  
– Petró, – lhe digo certa vez,  
– vamos subir nós dois:  
no meu pomar as maçãs sazouaram,  
provarás, há tanto tempo não comes.  
– Não, – recusa, – traga-as melhor para cá. –  
E eu levo, ora maçãs, ora cigarros,  
ora lembranças da esposa,  
ao Petró, o sétimo da nossa corrente.

*DIA VERDE, Kyiw, 1988*

## SVITLAMA IOVENKO

Svitlana Iovenko nasceu em 1945 em Kyiw, onde estudou Filologia. De 1968 a 1971 trabalhou como redatora na editora DNIPRÓ; de 1977 em diante chefiou o setor de poesia do jornal PÁTRIA. É poetisa da alegria e da dor de amor, considerada como “Sappho ucraniana”. Obras: CHAMA AZUL (Kyiw, 1969), ROSTO DO VENTO (Kyiw, 1975), LILASES EM JANEIRO (Kyiw, 1977), PONTE PELO OUTONO (Kyiw, 1981), TEMPO DE AMOR (Kyiw, 1984) e outras.

### EU TE ESCREVO UMA CARTA

Ardem bólides – meus pensamentos –  
Retesada a corda dos nervos.  
Com ferosa, azul correnteza  
Eis no branco papel as palavras:  
“... Hoje de novo escrevo  
Da inquietação  
E do hálito de anêmonas  
Em noites de fevereiro.  
Sei: gaivota de olhos azuis,  
Minha carta olhará nos teus olhos.  
Não há de queixar-se, nem de gritar,  
Quebrará o granito  
Com acorde maior!  
O fim mais terrível é o começo.  
Querido, sejamos soberbos...  
Não quero ser boa, nem perdoar  
E aguardar a ventura – o celeste maná.  
É necessário – ouves?  
Romper as correntes  
De ilusão mais formosa...”

Ardem bólides – meus pensamentos,  
Retesada a corda dos nervos.  
Com ferosa, azul correnteza  
Eis no branco papel as palavras.

Receberás esta carta  
Quando empalidece o céu  
Ao vencer o azulado véu sonolento.  
Receberás esta carta,  
Mas ler – não precisas.  
Meu envelope é a madrugada  
Que há de sorrir para ti  
Com bagos de viburno,  
Há de soprar com orvalho róseo-prateado,  
Com minha insônia,  
Com versos de pérola,  
Com flor de jasmim,  
Com tempestades de maio...

*SESENTA POETAS DOS ANOS SESENTA*, Nova York, 1967.

## LUDMYLA SKYRDA

Ludmyla Skyrda nasceu em 1945 na cidade de Kirovohrád. Terminou os estudos de Filologia na Universidade de Kyiw. Depois do doutoramento em 1972, trabalhou como docente na mesma Universidade. Em 1965 apareceu publicado seu primeiro volume de poesias, A ESPERA, (Kyiw, 1965), DEGRAUS, (Kyiw, 1979), ELEGIAS DO POMAR DESPERTINO, (Kyiw, 1983), MÚSICA PARA DOIS, (Kyiw, 1986), HARMONIA, (Kyiw, 1988), A ASTRA, (Kyiw, 2000), ELEGIAS DO POMAR VERPERAL, (Kyiw, 1988), RAMO DE OLIVEIRA, (Kyiw, 1994), MEDITAÇÃO JUNTO A CATEDRAL DE SÃO ESTEVÃO (Viena, 1994), ELEGIA RENANAS (Bon, 1996), A CONCHA ENCANTADA (Tokio, 2004). Seletas de suas obras, também traduções e pesquisas, foram traduzidas para vários idiomas.

Algumas ELEGIAS RENANAS de Ludmyla Skyrda foram publicadas em português no volume SELETA EM POESIA E VERSO, Rio de Janeiro, 1998.

### NO ABRAÇO DE RECESSÃO

O discreto erotismo de Recessão  
Anima-me como o arfar apaixonado  
De um homem, junto a meu ouvido,  
Onde só de olhar verás  
Cobiça quebrada de carne sedenta.  
Sinto como meu corpo  
Fica elástico e obediente  
Qual talo de um nenúfar,  
Como te envolve,  
Cresce dentro de ti,  
Transforma-se em ornamento marmóreo  
Igual àquele na fachada  
Do prédio famoso na avenida Vagram em Paris.

Como entender os relampejos do subconsciente?  
De súbito vejo no meu braço  
O bracelete de Sarah Bernhard:  
Uma serpente que se transforma  
Em flor caprichosa.  
A jóia foi feita segundo o projeto de Alphonse Mukha,  
“A Epopéia Eslava” que descobrimos  
No ardente estio de 1994,  
Na pequena cidade austríaca Melk.  
Os acontecimentos da minha vida  
Trançam-se, como estais vendo,  
De modo não menos inventivo  
Do que as linhas de coisas pequenas  
De Charles Korschann, igual a esta  
Com aparência de mulher-borboleta.  
Borboletas assim esvoaçam  
No meu retrato, pintado  
Por Viktor Zaretsky,  
Epicureu e esquisitão,  
Batizado por todos os críticos  
De Klimt ucraniano.  
Este retrato foi adquirido  
Pelo milionário suíço Fell  
E nunca mais hei de vê-lo,  
A não ser por um milagre!  
Que meandros, que piruetas de sina!  
Eis o gobelin de William Morris  
Em tonalidade amarelo-azul:  
No fundo dourado – flores azuis,  
Tão familiares...  
Eis o abajur de Tiffany  
Em forma de torso feminino –  
O corpo que dá a luz...



Que bela metáfora!  
Eis móveis de Victor Horta –  
Harmonia de aconchego...  
Um quadro de felicidade.  
Por que não admito a Recessão  
Só como arte?  
Porque não posso subtraí-la,  
Olhar de lado,  
Apenas com ela,  
Apenas nela,  
Apenas junto.

*NO ABRAÇO DE JUGENDSTIL, Bonn, 1997.*

## MOISSEI FICHBEIN

Moissei Fichbein nasceu em 1946 em Kyiw. É poeta e exímio tradutor. Vive atualmente em Israel. Sua poesia, composta em linguagem seletiva, às vezes hermética, está carregada de sofrimento e calor humano. Coletâneas: CÍRCULO LÂMBICO (Kyiw, 1974), ANTOLOGIA SEM NOME (Nova York – Munique, 1984).

XXX

Minhas palavras voam para mim  
Como crianças para a avozinha,  
Ou para a terra a folha vespertina,  
Ou estrelas para o outonal capim.

Palavras de consolo, vinde do ar,  
Pousai aqui no chão ensolarado,  
Tomai das mãos migalhas de bom grado,  
Minhas palavras, pombas do pesar.

*APÓCRIFO*, Kyiw, 1996

## VIKTOR KORDÚN

Viktor Kordún (1946-2005) nasceu na região de Políssia, muitas vezes cantada nos seus versos. Terminou os estudos de Arte Dramática e Cinematográfica na Universidade de Kyiw, dedicando-se à televisão e ao jornalismo. Como poeta, apareceu nos anos 1960 entre os “não-conformistas”. Sua poesia é telúrica, embebida de elementos histórico-culturais da Ucrânia. Começou a publicar suas monografias somente a partir de 1980. Obras: TERRA INSPIRADA (Kyiw, 1984), ARBUSTO ÍGNEO (Kyiw, 1990), SOLSTÍCIO (Kyiw, 1992), SALMOS BRANCOS (Kyiw, 1998), BATUCADA HIBERNAL DE PICA-PAU (Kyiw, 1999), CAPIM SOBRE CAPIM (Kyiw, 2005). Antologia de poesias traduzidas para o português: SOLSTÍCIO, Rio de Janeiro, 2006.

### DISTÂNCIA DA ESTRADA

Sobre a terra,  
onde há matas e pântanos,  
edifícios e mercados,  
ruas e estações,  
erguem-se templos  
e templos.

São catedrais  
da bondade e dor,  
continuação do mundo jovem  
e alegria de existir,  
feitas pelas mãos humanas  
e como aquelas ainda  
que surgiram da proliferação de ervas  
ou da paixão relampejante  
do céu.

Freqüentemente,  
suas paredes há tempos ruíram,  
mas as catedrais estão de pé.  
Os animais chegam perto  
e inclinam cabeças.

A maçã,  
que cresceu no ramo  
dentro de um tempo assim,  
não se deixa colher.

Escolho meu caminho  
para passar  
de uma catedral coberta de ouro  
a outra.

Do ciclo: *O MESTRE SILENCIOSO DE BRINQUEDOS* em  
*SOLSTÍCIO*, Kyiw, 1992

## **VISITAS NAS PEGADAS**

Sobre o horizonte, bem baixo,  
avançam visitas, quais nuvens.  
Cada uma com um prato vazio, redondo,  
e redondo é nosso pátio,  
porém não poderá abrigá-las –  
não vêem como nós  
e não vivem do nosso modo.

Nós enfeitamos a casa,  
ornamos as paredes com ramos verdes  
e fomos até o pasto ao encontro,

protegendo o nosso portão.  
E as visitas, insólitas qual areia,  
(tantas línguas na boca,  
quantas penas nas gralhas)  
não puderam permanecer elas mesmas:  
quando voltamos para casa –  
transformaram-se em nossas pegadas.

Viram a nossa casa –  
e não podemos viver mais aqui.

Do ciclo: *O MESTRE SILENCIOSO DE BRINQUEDOS* em  
*SOLSTÍCIO*, Kyiw, 1992

### **MIRABILE DICTU<sup>1</sup>**

Antiquíssimos paralelepípedos de Lviw<sup>2</sup> e chuva,  
antiga chuva – esquiva e pernilonga,  
como um monge franciscano que mirabile dictu  
vaga pelas ruelas do tempo de Konstantin Korniakt<sup>3</sup>

ou, talvez, mais remotos, quando coroaram  
com lua matutina e lua galiciana Yury Primeiro, filho de Leão.

Esta chuva relembra antigos rostos e nomes,  
aqueles debochados estudantes e frades,  
de cujas brincadeiras as loiras galicianas na praça Mercado  
enrubesciam quais malvas de junho – as cor-de-mel galicianas,  
até que nos seus colos florissem malvas nunca antes vistas,  
e os leões maldosos olhavam-nas de soslaio.

Estes leões de pedra, espreguiçados em torno da Prefeitura  
bocejam preguiçosos de madrugada,

cansados de vigiar, imóveis, tantos séculos  
as próprias sombras em torno das quais rondam as outras  
que povoam há muito tempo galerias, igrejas e a farmácia da esquina.

Eis que vem pela multidão o São Lucas,  
aquele dos evangelistas, vem da Capela dos Boímy por  
ninguém reconhecido,  
com um fôlio volumoso de fivelas em estanho,  
e naquele livro está escrito sobre pergaminho  
que destino se deu a esta cidade e que não se deu,  
agora, e na literatura oral, na história e na lenda.

A noite toda, na velha farmácia, não se apaga o fogo:  
lá se reuniram curandeiros e bruxos  
comungar com vinho de ferro todos os diabos domésticos,  
estudar as esquecidas receitas pelo número e letra  
e cozinhar ervas para a imortalidade, a eternidade de ti,  
cidade de Lviw, de sorriso dolente.

Alguém, de repente, folheando o livro de hóspedes,  
encontra e longamente decifra a inscrição  
que em algum tempo, há duzentos anos atrás  
deixei eu, Viktor Kordún.

Do ciclo: *SOL DE TRÊS FACES* em *SOLSTÍCIO*, Kyiw, 1992

<sup>1</sup>. Dito milagrosamente (latim).

<sup>2</sup>. Capital da Galícia ucraniana.

<sup>3</sup>. Rico comerciante e mecenas da cidade no tempo do Renascimento.

## SOFIA MAIDANSKA

Sofia Maidanska nasceu em 1948 nos montes Ural, como filha de deportados ucranianos. Estudou música e formou-se como violinista pelo Conservatório de Lwiw. Terminou, também, estudos superiores de Literatura em Moscou. É escritora e poetisa. Na sua obra sente-se o sofrimento precoce em contato com a realidade da vida. A paisagem bucovina, onde viveu por vários anos, vibra na sua alma sensível, que poeticamente reedifica a cultura milenar de seu povo. Foi traduzida em vários idiomas. Poesia: MEU BOM MUNDO (Kyiw, 1977), LOUVOR À TERRA (Kyiw, 1981), PRATOS DE BALANÇA (Kyiw, 1986), MATURAÇÃO DE ESPERANÇA (Kyiw, 1988), DECLARAÇÃO (Kyiw, 1990), ENTRA, TAMBÉM, NESSA CATEDRAL (Kyiw, 1993), APARECEU MEU SOL DO SOFRIMENTO (antologia, Kyiw, 2007) e outras. Seleta de poesias traduzidas para o português: RIO MONTÊS, Rio de Janeiro, 1998.

### XXX

Coram os dias  
líneos...  
Para minha túnica  
para tuas toalhas  
para a flor na primavera  
para as asas da cegonha  
para o leite da criança  
para força à terra  
para a avozinha  
de cabelos grisalhos.

*MEU BOM MUNDO, Kyiw, 1979*

## ÁRVORE NO LITORAL DO MAR

Quando a onda  
te levou à margem,  
as pesadas, escuras raízes  
ainda por muito tempo  
ameaçavam os céus  
de punhos cerrados, dedos nodosos,  
como meu tataravô,  
que na ira impotente gritava  
no meio do trigo  
batido pelo granizo.  
Eu te pergunto:  
quem és  
nessa margem estranha,  
na areia,  
a quem serves  
se não tens nem um punhado de terra  
na alma?

## CARTA 50

Em país de árvores  
eu gostaria de viver.  
Cada domingo iria em peregrinação  
ao santo abeto,  
pura,  
qual folha verde,  
banhada pelas chuvas.  
À noite  
acenderia  
altas estrelas  
de cera perfumada  
diante da face milagrosa  
da santa Terra.



## ROMÁN BABOVÁL

Román Babovál (1950-2005) nasceu em Liège (Bélgica). Concluiu o ensino médio no Seminário Ucrâniano Papal, em Roma. Terminou estudos de Medicina em Louvain, exercendo em seguida a profissão de médico. Ocupou-se de traduções das línguas francesa e italiana. Sua poesia, mesmo erótica, é marcada pelo sentimento de expatriação, frustração, alienação, revelando a visão pessimista de existência. Alguns versos, de estilo repetitivo, sugerem algo de feitiçaria, de evocação. Poesia: VIAGEM ALÉM DAS FORMAS (Nova York, 1972), TRAIÇÃO DE LEITE (Charleroi, 1985), CARTAS PARA AMANTES (Charleroi, 1985), SAGAS NOTURNAS (Bruxelas, 1987), CAMINHANTES DO CRÍVEL (Kyiv, 1993), MEMÓRIA FRAGMENTÁRIA (Charleroi, 1994). Tradução em português no volume O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, (Rio de Janeiro, 2008).

### EXPATRIADOS

já não podemos esquecer cisnes adormecidos no círculo da noite.  
já não podemos esquecer ervas qual musgo nas estradas reais.  
já não podemos esquecer as ramagens a contragosto crescidas,  
o ímpeto do tempo nas testas inteiramente lavadas pelas lembranças.

expatriados do sol – aturdidos pela migração de pássaros.  
expatriados do mar – traídos pelos rios subterrâneos.

*TRAIÇÃO DE LEITE*, Charleroi, 1985

XXX

voas voas  
como um pássaro inflamado  
da hora mais longa para a paixão mais curta

da cidade ansiosa para meu castelo encantado  
do espelho quebrado para a água envenenada  
como um pássaro que se consome  
voas voas

*SAGAS NOTURNAS*, Bruxelas, 1987

XXX

ninguém duvida que existíamos  
que passamos com velas apagadas  
ninguém nos notou – transparentes –  
através da luz para o crepúsculo, cegos romeiros,  
na hora de somas e inventários  
quem ainda terá coragem de nos lembrar?

*MEMÓRIA FRAGMENTÁRIA*, Charleroi, 1994

## TEODÓSIA ZARIWNA

Teodósia Zariwna nasceu em 1951 na região de Ternopil. Terminou o Instituto de Arte Cênica em Kyiw. Trabalhou no teatro acadêmico da capital, depois na Companhia Cinematográfica da Ucrânia, onde por muitos anos fez programas literários. É autora de romances, contos, peças teatrais e ensaios. Sua poesia, em particular o ciclo DIVAGAÇÕES PROVINCIANAS (inédito) lamenta as mudanças nefastas que trouxeram os tempos modernos. Poesia: VIGIA NO PARAÍSO ABANDONADO (Kyiw, 1973), AÇÃO NO CÍRCULO (Kyiw, 1991), COM A PÁTRIA NO EMBLEMA (Kyiw, 2004).

XXX

Por aqui se divertia o cossaco Pelintra  
com seus companheiros.  
A grama gelava,  
que dirá a moça,  
de um só olhar,  
de uma só curvatura de sobrelanceira cossaca.

Hoje, eu me divirto.  
Sem cavalo, sem cabresto  
e sem Turquia.  
Liberdade.  
Não há onde meter as mãos.

Havia tempos  
que pulsavam de fontes,  
tornaram-se barro amarelo.  
Agora fazem canecos deles.

Tudo volta à roda de oleiros.

### XXX

A velhinha canta  
com voz quebradiça:  
“Há no campo um poçozinho,  
As águias vão bebendo.”  
Os mais jovens não ajudam,  
não sabem.  
A melodia mal se percebe  
no meio dos dias, perdas, anos extraviados.  
É difícil reconhecer o canto  
como sua cantora  
no meio de rugas, lenços desbotados  
e três saias de chita.  
Seguro com os dentes o analgésico  
e lágrimas inúteis  
como a última esperança  
que o mundo pare  
e os note:  
o canto e a mulher  
que, quais fantasmas, se afogam  
no tempo, na bruma de outono  
e na nossa memória.

*DIVAGAÇÕES PROVINCIANAS (inédito)*

## IRYNA MAKARYK

Iryna Makaryk nasceu em 1951 em Toronto, onde estudou Letras, doutorando-se em 1980. Atualmente exerce cargo de Vice-Decana na Faculdade de Letras da Universidade de Ottawa, onde reside desde 1981. É principalmente pesquisadora, com muitas publicações científicas, e organizadora de simpósios, inclusive sobre Tarás Chewtchenko e o moderno teatro ucraniano. Suas poesias foram publicadas na imprensa ucraniana e no exterior.

### PAIXÃO

Sou eu a que levam àquele inferno –  
ao campo de antro-po-fagos  
contorções de cérebro: Dachau.  
Sou eu quem olha o fungo imenso –  
é minha Hiroshima.  
Sou eu quem contempla o louco holocausto,  
feridas de órfãs desumanizadas.  
Sou eu soterrada  
no ósseo solo  
de Babyn Yar.  
Sou eu cega de fome  
que rasgo minha semelhança.  
Sou eu desterrada à Sibéria  
pela beleza da mente pura.  
Sou eu, sem irmãos,  
de luto pelos irmãos.  
Sou eu, a donzela,  
sofrendo pelos meus filhos.

*ATUALIDADE*, Munique, 1973, Nr. 3

## LUDMYLA TARNACHYNSKA

Ludmyla Tarnachynska nasceu em 1952 na região de Rivne, porém passou a infância em Nemyriw. De 1973 em diante reside em Kyiw. Estudou na Livre Universidade Ucraniana em Munique, dedicando-se especialmente à pesquisa e crítica literária. Sua primeira seleta de poesias, *ECO DOS SILÊNCIOS* (Kyiw, 2005), é prometedora. Outra aguarda publicação.

### XXX

Cinzas – sempre somente cinzas  
Apesar de haver nelas impérios,  
Imperadores,  
Sentimentos...  
Elas são apenas adubo  
Para impérios futuros,  
Imperadores,  
Amores...  
A Esfinge apenas,  
Imóvel, tudo a contemplar –  
Pois sabe o mistério  
E o preço  
Do cremar, do morrer  
E do ressuscitar.

*ECOS DOS SILÊNCIOS*, Kyiw, 2005

## NATALIA BILOTSERKIVETS

Nasceu na região de Sumy em 1954. Terminou a Faculdade de Letras da Universidade de Kyiw. Trabalhou como redatora do jornal “Cultura Ucraniana”. É membro da Associação dos Escritores da Ucrânia.

Volumes de poesia: BALADAS SOBRE NÃO-SUBMISSOS, Kyiw, 1976; NO PAIS DO MEU CORAÇÃO, Kyiw, 1979; FOGO SUBTERRÂNEO, Kyiw, 1984; NOVEMBRO, Kyiw, 1989; HOTEL CETRAL, Lviw, 2004

### INSÔNIA

Ó noites de setembro,  
    levem-me por trilhas  
De estelares  
    ermos sonolentos,  
E com luar,  
    feitiço  
    e bruxaria  
Enchem meus olhos, de tristeza plenos.  
Ó lua cheia de setembro  
    que de noite  
Com ânsia perturbas  
    as corujas  
Voluteando  
    das marmóreas colunas!  
Murmuram cactos,  
E pegadas buscam montes  
Lunares e crateras de presságio e sorte.

NOVEMBRO, Kyiw, 1989

## A MAÇÃ

A maçã de tuas mãos desejo,  
espero o verde anoitecer de talos,  
sempre junto a ti viver no halo  
das sombrias balaustradas; quero

tuas mãos e teus cantantes dedos,  
e teu ar de lábios e narinas,  
no teor de nervos – teia fina –  
abafando meu soluço negro.

Espero-te, de rosto ensolarado,  
com palavras de corais e sangue,  
chamo o precipício que nos abre  
a altivez do inevitável fado.

NOVEMBRO, Kyiw, 1989

xxx

Vivaldi, tarde, tarde, brisa  
em anilado fogo brilha

no parque à tarde antes de orvalho  
orquestra toca no terraço

as nuvens voam ao que brilha,  
os cinco gansos sobre a brisa –

os pássaros antes do orvalho  
deixam as sombras no terraço



deixam seus gritos sobre a brisa  
Murmuram ondas, velas brilham

amargas cheiram junto ao corpo  
as murchas pétalas de agostos...

*NOVEMBRO, Kyiw, 1989*

## **NADIYA STEPULA**

Nasceu na região de Ternopil (Podila) em 1955. Terminou estudos de jornalismo e trabalha como redatora. Membro da Associação dos Jornalistas da Ucrânia. Publicações em vários jornais literários, o almanaque “Vitryla” (Velas) e a antologia “Vysoky Zamok” (Alto Castelo).

## **KHERSONES**

Os peixes, na fundas esferas,  
bailam o dia inteiro,  
os sonhos, nas ânforas negras,  
bebem o mar sereno.  
cegando olhos da praia,  
brilham moedas de cobre,  
colunas, erguidas longe,  
fitam ondas salgadas,  
pedem mais sortilégios  
seus braços ao céu erguendo.

Com longas sombras, galeras  
somem depois do acaso  
com negras migas, Homero  
nutre os peixes que cantam.

*Antologia ALTO CASTELO, 1989*

## VASSYL GHERASSYMYÚK

Nasceu no ano de 1956 em Kazaquistão, para onde seus pais foram deportados pelo regime comunista. A família voltou mais tarde para sua aldeia carpática. Terminou os estudos de Filologia na Universidade de Kyiw. Recebeu diversos prêmios literários, entre eles o Prêmio Nacional Tarás Chewtchenko, em 2003.

Poesia: PINHEIROS, Kyiw, 1982; RIACHOS, Kyiw, 1986; DESENHO DE KOSMÁTCH, Kyiw, 1989; FILHOS DE FAIA NEGRA, Kyiw, 1991; OS CÃES OUTONAIS DOS CÁRPATOS, 1999; AGOSTO NO ESTILO ANTIGO, Lviw, 2000; O POETA NO AR, 2003; SAMAMBAIA, Kyiw, 2006; MORTE NA MÚSICA, Kyiw, 2007.

### XXX

Diante de ti, sobre o monte, mata escura  
por altas paredes de neve presa;  
atrás de ti, ao pé do monte, - aldeia vespertina,  
pelo primeiro cântico de Natal iluminada.  
Nas tuas sacolas – ceia para Anna,  
a velha que mora atrás da mata.  
Tu corres até lá, menininha,  
pois em casa não se assentam em torno da mesa  
antes de leares a ceia para uma pobre mulher.  
Percorrerás a mata terrível,  
colocarás os embrulhos na mesa  
e da soleira  
qual vento, voarás de volta,  
as árvores irão afastar-se...  
Atrás das costas – mata escura,  
ao pé do monte – aldeia festiva,  
e tu não consegues mover-te do lugar,  
dar um passo...

O pai pergunta: “De onde latem os cachorros?  
De lá aguardaremos pretendentes.”  
Correrás para fora: “De todos os lados!”  
E olharás o monte.  
Aquilo que lá te prendeu,  
ajudar-te-a suportar tudo na vida.

Menininha, tu não vês,  
como atrás da mata Anna está ceiado.

*ANTIGO TESTAMENTO, Kyiw, 1991*

## **NO TEMPLO**

Por Deus exilada  
Ao círio de pé  
Na terra qual breu  
A Ele tu indagas:  
Ferreiros a quem  
Martelam espadas?

Não diz a ti nada.  
Florestas e cimas  
E estepes são cruz  
De ti, degredada.  
Extingue a luz  
E passa por cima  
Da cobra na entrada.

*FILHOS DE FAIA NEGRA, Kyiw, 1991.*

## OKSANA PAKHLOWSKA

Oksana Pkhlovska nasceu em 1956 em Kyiw. Terminou a Faculdade de Filologia em Moscou, especializando-se em Língua e Literatura Italiana. Defendeu a tese de doutoramento na Academia Petró Moghyla em Kyiw. Atualmente é professora da Cátedra de Eslavística de Cremona, dedicando-se a traduções de poetas hispânicos e italianos. Poesia: VALE DOS TEMPLOS (Kyiw, 1988).

### XXX

Sou feliz. Tu virás de manhã  
Em caleche do último sonho.

Silenciosa, descerra-se a porta  
Para o hóspede muito aguardado.

Sem ruído, os pássaros passam,  
Meio mundo amanhece contigo.

Indo a ti, o meu passo mal toca  
matutina, virgínea relva.

Mas de súbito, rola ruidosa  
Sob os pés ao ignoto abismo  
uma pedra invisível.

*VALE DOS TEMPLOS, Kyiw, 1988*

## IGHOR RYMARÚK

Ighor Rymarúk nasceu em 1958 em Tchortkiw e morreu em 2008 em Lyiw. Terminou a Faculdade de Jornalismo em Kyiw. Trabalha no jornal ATUALIDADE e na editora DNIPRÓ. Autor de oito coletâneas poéticas. Suas poesias foram traduzidas para vários idiomas. É organizador da nova poesia ucraniana OS POETAS DA OITAVA DÉCADA (Edmonton, 1990). Coletâneas: ALTA ÁGUA (Kyiw, 1984), DURANTE A NEVASCA (Kyiw, 1988), VOZES NOTURNAS (Kyiw, 1991), TRIÂNGULO DAS BERMUDAS (Kyiw, 2007), A LÁGRIMA DA MÃE DE DEUS (Kyiw, 2008) e outras.

### CHUVAS

nunca mais hei de pintar com chuva  
meu auto-retrato  
só talvez com o guarda-chuva na mão esquerda

e não com a mão direita quebrada  
sobre as tílias tortas sulinas  
Deus arma um céu esburacado

o dia chuvoso  
é tão comprido  
qual gigantesco muro chinês

numa clareira deserta  
sob as abas de um chapéu  
envelheço como um cogumelo

e qual mina que virou poeira  
explodirei apenas  
quando me tocar o pé da Mãe de Deus

outra leva de chuvas  
há de branquear caveiras e aparições  
qual uma antiga parede rústica

esticado sobre os próprios ossos  
sou semelhante àquele tambor  
com o qual os antigos chineses evocavam a chuva

*LIVRO DOS TRÍPTICOS, Kyiw, 2007*

## **OH, C'EST TOUTE UNE HISTOIRE**

oh, isso é uma verdadeira história  
tristemente diz a moça outonal  
contando como

uma meia hora inteira se amava  
no jardim ao crepúsculo  
com um desconhecido

no seu peito se aquecia  
a gravata verde serpente de seda  
nos cabelos vagueavam dedos sedosos

num dourado cabelinho balançava-se  
o céu com uma única estrela  
enorme deus galináceo

a moça conta  
a aventura outonal no jardim de Tuilerien  
e a ti parece

que aquela meia hora  
foi arrancada da suja história  
qual uma página limpa

que um anjo desconhecido  
rolou do seu coração a pedra  
como do túmulo do Senhor

*LIVRO DOS TRÍPTICOS, Kyiw, 2007*



## TADEI KARABOVYTCH

Tadei Karabovytch nasceu em 1959 na região de Kholm. É poeta bilíngue (ucraniano e polonês), tradutor, crítico literário, historiador de literatura. Sua poesia foi traduzida para vários idiomas. Atualmente é lente na Universidade de Lublin. Poesia: UMIDADE DA TERRA (Varsóvia, 1986), AO LADO DO FOGO (Varsóvia, 1990), EU ATRÁS DA PAREDE DAS LEMBRANÇAS (Varsóvia, 1997), DUAS CARTAS PARA A NOITE (Bialystok, 1999), POESIAS ESCOLHIDAS (Bialystok, 2006) e outras.

XXX

o dia acabava e o sol afundava-se além do horizonte  
os raios apagavam-se e o céu escurecia

as árvores sussurravam em voz abafada  
e as cruzes gritavam algo à noite

incorpora com teu toque o fogo na sarça chamejante  
vem do sono qual talismã para a vida

ergue o templo de ruínas mortas  
e o corpo despojado abra de não existência

*LONGA SEPARAÇÃO, Lublin, 2005*

XXX

calam-se ventos, vendavais, tornados, oceano oscilante  
as águas se acalmam e volta o amor de homem e mulher

seus corpos nus observa o anjo com sussurro suspenso nos  
lábios  
e asas silenciosas

os ícones contemplam com entranhas luminosas de  
suas almas  
o Senhor afasta o fim dos tempos

alguém acende velas de igreja no grande deserto  
e a oração balança filhotes de coruja na cruz à beira  
da estrada

*LONGA SEPARAÇÃO, Lublin, 2005*

## **OLES' DYAK**

Nasceu em 1959 na região galiciana, perto de Ivano-Frankiwesk. Estudou Fisiocultura (natação) e Filologia Ucraniana, cursos que terminou na Universidade de Lwiw. É poeta e compositor de música popular. Pertence à Associação dos Escritores da Ucrânia.

Obras poéticas: **AQUELE QUE VOA** (1990); **PELO OLHO ONIVIDENTE** (1991); **RESSUSCITA DO PÁSSARO** (1998); **ILUSÃO DO MILAGRE** (1998); **ARRITMIA** (2002) e outras.

Ultimamente, sua poesia tende para o estilo aforístico.

### **A SÓS COM A NATUREZA**

Os caroços dos trovões  
arrancaram-se na distância  
de um salto-recorde de pulga.

Ainda uma vez a erva-do-diabo  
foi salva pela providência.

O vazio cartucho do trovão  
separa o riacho  
do dilúvio universal.

Os sabres dos raios abrem  
as barriguinhas de cápsulas de papoulas.

Do escuro abismo do céu desabam  
toneladas de gotas reunidas.

Há tempo tudo tornou-se claro  
ao gato preto.

Porém a flor de samambaia está coberta  
com meu paletó de casamento  
e não tem medo  
sob a guilhotina de umidade.

Nos talos está o toró até os joelhos.

Com teias de dedos, abertas à luz,  
endureço a sina de frio e escuridão.

*RESSUSCITA O PÁSSARO. LVIW, 1993*

XXX

Sob as asas do pássaro  
o vento  
emaranha-se

mais altas gramas  
do mundo  
nas encostas de hoverla\*

no parapeito farfalha  
a bandeira  
de noite subtraída

de verso branco  
há pouco inventado  
bordada

*MUNDO DE AMORA NÃO COLHIDA, Lviw, 2005*

\*Hoverla - o monte mais alto da Ucrânia, nos Cárpatos.

## MARIA REVAKOVTCH

Maria Revakovytsch nasceu em 1960 na Polônia. Seu ensino superior começou em Varsóvia. Em 1981 emigrou para a Itália, em seguida para o Canadá. A partir de 1988 vive em Nova York. Doutorou-se em 2001 na Universidade de Toronto, ensinando Língua e Literatura Ucraniana em várias universidades. É poeta, tradutora e co-editora, junto com Boghdán Boitchúk, do jornal literário SVITO-VYD. Sua poesia, em geral de formas curtas e versos sucintos, levita entre o frescor de alegria juvenil, o erotismo unido a sentimento de culpa e a visão sóbria de idade madura, unida à compaixão e solidariedade humana. Poesia: DA TROUXA DO CAMINHANTE (Nova York, 1987), SUSSURROS, SUSSURROS (Nova York, 1989), O SUAWE “E” (Warszawa, 1992), TETO VERDE (Kyiv, 1999). Poesias traduzidas para o português no volume O GRUPO DE POETAS DE NOVA YORK, Rio de Janeiro, 2008.

XXX

A mãe bordava  
destino  
com ponto de cruz  
ao filho.  
Ficou  
o pensamento  
do desfiado desenho  
da cor do azul celeste  
e folha outonal.

*DA TROUXA DO CAMINHANTE, Nova York, 1987*

XXX

enamorados dispensam quiromantes  
o coração é seu profeta  
porém...  
antes prediz  
a queda de Jerusalém  
do que a vinda do Messias

*DA TROUXA DO CAMINHANTE, Nova York, 1987*

## **ENSINO DO CAMPONÊS**

não me lembro  
de teu rosto

porém vejo  
teu fatigado  
cavalo  
em cuja crina  
foi habitar  
tua sabedoria

eu vejo  
como caminham  
pelos caminhos prussianos  
e como cortam  
sombras góticas  
ao ensinar  
no meio de olhares lobinos  
não se envergonhar  
de sua posse

sou tão orgulhosa de ti  
velhinho

*SUSSURROS, SUSSURROS, Nova York, 1983*



Isso jamais passará, – sedimentou-se meu fardo...  
Qual um frasco precioso, dentro de mim o quebrei,  
E a alma, qual branca toalha, sorveu o vinho amargo.

A meu pensamento deu cor, às imagens – um corpo,  
Restou, na concha, no ouvido, o bramir da maré...  
Como foi entre nós? –

Que importa aos outros!

Importa – como será.  
E será – como eu escrever!

*REGENTE DA ÚLTIMA VELA, Kyiw, 1990*





## ÍNDICE

Autor	Obra	Tradutor	Página
	PREFÁCIO		5
	INTRODUÇÃO		7
Anônimo	No pomarzinho pavões caminham	W.S. e H.K.	11
Anônimo	Boa noite damos	W.S.	12
Anônimo	Vieram os santos	W.S.	13
Anônimo	Por toda a terra	W.S.	14
Anônimo	Porteiro	W.S. e H.K.	14
Anônimo	Ó águia, águia	W.S. e H.K.	15
Anônimo	Dá, o salgueiro, cem mil flores	W.S. e H.K.	17
Anônimo	Patinho	W.S. e H.K.	17
Anônimo	Uma moça na rua	W.S.	18
Anônimo	Dois pombos	W.S.	18
Anônimo	Ó bosque, meu bosque	W.S.	19
Anônimo	Belo Mykola	W.S.	19
Anônimo	Serena, a moça penteia sua trança	W.S.	20
Anônimo	O poço	W.S. e H.K.	20
Anônimo	Cabrinha	W.S. e H.K.	22
Anônimo	Avelã verde	W.S. e H.K.	22
Anônimo	Anda o sono	W.S. e H.K.	23
Anônimo	Koloméika	W.S. e H.K.	24
Anônimo	A bétula	W.S. e H.K.	26
Anônimo	Lá na colina	W.S. e H.K.	26
Anônimo	Balada sobre Nossa Senhora de Potchaiw	W.S. e H.K.	27
	Canto sobre a campanha de Ighor	W.S.	28
I. Kotlarewsky	Enéida (Fragmentos)	W.S. e H.K.	30
P. Artemowsky-Ghulák	Senhor	W.S. e H.K.	34
L. Borovykowsky	Klym	W.S. e H.K.	36
M. Chachkevych	A primula	W.S. e H.K.	37
Y. Ghrebinka	Sol e nuvem	W.S. e H.K.	39
T. Chewtchenko	O barco	W.S.	41
T. Chewtchenko	O sol se deita	W.S.	41
T. Chewtchenko	Um lírio como tu	W.S.	42
T. Chewtchenko	Ainda sonho	W.S. e H.K.	42
T. Chewtchenko	A Grande Caverna	W.S.	43
T. Chewtchenko	O monge	W.S.	50
T. Chewtchenko	O lenço	W.S.	54
T. Chewtchenko	Cáucaso	W.S.	57
T. Chewtchenko	O sonho	W.S.	63
Y. Chtchógholiw	Ai, eu tinha um bom cavalo	W.S. e H.K.	82
L. Ghlibiw	A rã e o boi	W.S.	84

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Página</b>
S. Rudansky	A velha na igreja	W.S. e H.K.	86
O. Y. Fed'kovytch	Tchornoghora	W.S. e H.K.	88
I. Frankó	Ó viola infeliz	W.S.	89
I. Frankó	Rebelo gênio	W.S.	90
I. Frankó	Parábola sobre beleza	W.S.	91
I. Frankó	Moisés	W.S.	93
B. Ghríntchenko	Poesia	W.S.	158
A. Krymsky	Contam	W.S.	159
M. Vorony	Palimpsesto	W.S. e H.K.	160
L. Ukrainka	Era a noite a surgir	W.S. e H.K.	161
L. Ukrainka	Inscrição na ruína	W.S. e H.K.	162
L. Ukrainka	Melodia hebraica	W.S.	164
L. Ukrainka	No deserto	W.S.	165
L. Ukrainka	Se todo meu sangue	W.S.	166
L. Ukrainka	No tempo vil de Santa Hermandad	W.S.	167
O. Olés'	Mawka	W.S. e H.K.	169
V. Svidzinsky	A chuva cai	W.S.	171
V. Svidzinsky	Besouro	W.S. e H.K.	171
M. Draí-Khmara	Fenecem peónias	W.S.	173
M. Draí-Khmara	Chekherezade	W.S. e H.K.	174
M. Zerow	Nos ombros já pousou	W.S. e H.K.	175
M. Zerow	Kyiw visto da margem esquerda	W.S. e H.K.	176
Y. Sáwtchenko	Ele vem ao raiar	W.S. e H.K.	177
Y. Klen	Pelo outono	W.S.	178
Y. Klen	A pátria em ruínas	W.S. e H.K.	179
O. Slissarenko	Entre colmeias	W.S.	180
P. Fylypovytych	Passou a noite	W.S. e H.K.	181
P. Fylypovytych	Salomé	W.S. e H.K.	182
P. Tytychyna	Descerrai a porta	W.S.	183
P. Tytychyna	Mãe Dolorosa	W.S. e H.K.	184
P. Tytychyna	Guerra	W.S.	187
P. Tytychyna	Cítaras, cítaras	W.S.	188
P. Tytychyna	Os bosques cantam	W.S.	189
P. Tytychyna	Ritmo e antístrofe	W.S. e H.K.	190
M. Johansen	Azulam à tardinha os vales	W.S. e H.K.	192
M. Johansen	A madrugada	W.S. e H.K.	193
M. Rylysky	Andorinha	W.S. e H.K.	194
M. Rylysky	Tiniu a chave	W.S. e H.K.	195
M. Rylysky	Macieira	W.S. e H.K.	195
T. Os'matchka	Conto de fadas	W.S.	196
L. Mossendz	Põem-se estrelas	W.S.	198
Y. Malaniúk	Madona terrestre	W.S.	199
Y. Plujnyk	Galileu	W.S.	201

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Página</b>
D. Fákiwsky	Políssia	W.S.	203
V. Sossiura	A estrela de douradas pontas	W.S.	205
O. Stefanovytch	Chuva de ouro	W.S.	206
O. Stefanovytch	O feno fresco	W.S.	207
Y. Lypa	Entra na igreja	W.S.	208
M. Orést	Noivei-me com a saudade	W.S.	209
N. Livytska-Kholodna	Pecado	W.S.	210
M. Baján	Prenúncio da tempestade	W.S.	211
B. Krawtsiw	Junho	W.S.	213
O. Laturynska	Paz para este chão	W.S.	214
S. Ghordynsky	O ouro, veja	W.S.	215
O. Teligha	Festa derradeira	W.S.	216
O. Oljytch	A chuva d'ouro	W.S.	217
O. Vlyz'kó	Marinheiros	W.S. e H.K.	218
V. Barca	Povoado	W.S. e H.K.	219
V. Barca	Recém-nascidos	W.S.	220
V. Barca	Alémterrestre	W.S.	220
I. Vyrghan	Ontem à tarde	W.S.	221
B. I. Antonytch	Natal	W.S. e H.K.	222
B. I. Antonytch	Verde Evangelho	W.S. e H.K.	223
B. I. Antonytch	Acácias	W.S. e H.K.	223
V. Lessytch	Lembrança	W.S.	224
V. Lessytch	Entre as ilhas	W.S.	225
M. Kalytowska	O anjo	W.S.	226
M. Kalytowska	O tempo	W.S.	226
O. Tarnawsky	Balada sobre a eterna sentinela	W.S.	228
I. Katchurowsky	É noite	W.S.	230
I. Katchurowsky	Jacarandá	W.S.	230
Y. Slavutytch	Mar Negro	W.S.	232
Y. Slavutytch	O dia é pouco	W.S.	233
O. Zuiewsky	Eu tive corcéis	W.S.	234
O. Zuiewsky	No incorruptível bem-estar	W.S.	234
B. Oleksandriw	Deserto	W.S.	236
L. Lyman	Seu anjo	W.S.	237
W. Wowk	Um sorriso apagado		238
W. Wowk	O vento, de ignotos recantos		238
W. Wowk	Chega o tempo		239
L. Paly	Nuvens sufocam lilases	W.S.	240
L. Paly	No espelho voa o tempo	W.S.	240
L. Paly	Despedida	W.S.	241
I. Senyk	Desenrolo a vida	W.S.	242
I. Senyk	Sob as estrelas estranhas	W.S.	243
R. Bratún'	Conto de fada	W.S.	244

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Página</b>
B. Boitchúk	O meio-dia	W.S.	246
B. Boitchúk	Eu poderia crer	W.S.	247
B. Boitchúk	Despe a veste	W.S.	247
Y. Sverstiúk	Tudo diminui	W.S.	248
Y. Sverstiúk	Hoje quando já conquistaram	W.S.	249
I. Ghnatiúk	No tapete da relva	W.S.	250
I. Ghnatiúk	Tristeza dos meus olhos	W.S.	250
G. Vassylkiwska	Pôr do sol	W.S.	252
G. Vassylkiwska	Nuvens	W.S.	252
G. Vassylkiwska	Do outro lado do silêncio	W.S.	253
I. Svitlytchny	A Vassyl Stus	W.S.	254
I. Svitlytchny	Soneto da alma	W.S.	255
I. Svitlytchny	Inspetor	W.S.	256
D. Pawlytchko	Kyiv no mês de maio	W.S.	257
D. Pawlytchko	Morcego	W.S.	258
D. Pawlytchko	Máscara	W.S.	259
M. Tarnawska	Havia Babyn Yar em minha vida	W.S.	260
M. Tarnawska	Carta para o Rio de Janeiro	W.S.	261
Y. Kolomyets	Temas brancos	W.S.	263
Y. Kolomyets	Três visões	W.S.	264
L. Kostenko	E dia e noite	W.S.	266
L. Kostenko	A rainha Astem	W.S.	266
L. Kostenko	Van Gogh	W.S.	268
E. Andiewska	Vozes de membrana rasgada	W.S.	270
E. Andiewska	Dia nefasto	W.S.	271
E. Andiewska	Meu dia é tão breve	W.S.	271
Y. Tarnawsky	Primavera volta ao pomar	W.S.	272
Y. Tarnawsky	A morte do compositor preferido	W.S.	273
Y. Tarnawsky	Ucrânia	W.S.	273
I. Nyjnyk	O trio de música	W.S.	275
I. Nyjnyk	Bordado	W.S.	276
B. Oliynyk	Não para crianças	W.S.	277
B. Rubtchák	Na sala de cem espelhos	W.S.	279
B. Rubtchák	A asa de Ícaro 1	W.S.	280
B. Rubtchák	A asa de Ícaro 2	W.S.	281
V. Symonenko	Leva-me, minha alegria	W.S.	282
V. Symonenko	Monarcas	W.S.	283
V. Symonenko	Ladrão	W.S.	284
M. Vinghranowsky	Minha noite vem	W.S.	286
M. Vinghranowsky	Bétula	W.S.	287
M. Vinghranowsky	Madona Sixtina	W.S.	287
V. Korotytych	Poesia sobre a arte popular	W.S.	289
P. Kylyna	Catedral de uma tarde	W.S.	290

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Página</b>
P. Kylyna	Lamento à morte de Antonio		
	Rissa Pastore I	W.S.	291
P. Kylyna	Lamento à morte de Antonio		
	Rissa Pastore III	W.S.	292
I. Dratch	Balada sobre o girassol	W.S.	293
I. Dratch	Deus	W.S.	294
I. Dratch	Asas	W.S.	295
P. Zassenko	A casa 1	W.S.	297
P. Zassenko	A casa 2	W.S.	298
R. Tretiakov	Três runas	W.S.	299
Y. Ghútsalo	Pervinca	W.S.	300
Y. Ghútsalo	A Ursa Maior	W.S.	300
O. Koverko	Pequena existência	W.S.	302
O. Koverko	A manhã no metrô	W.S.	303
A. Pachkó	Balançavam-se	W.S.	304
A. Pachkó	Luziam	W.S.	304
V. Stus	A Iván Svitlytchny	W.S.	305
V. Stus	Eu vejo a terra estranha	W.S.	307
V. Stus	Retorna a mim, lembrança	W.S.	307
V. Stus	Em memória de Alla Ghorska	W.S.	307
V. Stus	Quando a Ucrânia entra em meu sonho	W.S.	308
V. Stus	Dois fogos ardem	W.S.	308
P. Mowtchan	E o lugar foi previsto	W.S.	310
P. Mowtchan	Dia sombrio	W.S.	311
V. Illá	Três moças	W.S.	312
V. Illá	Minha irmandade	W.S.	312
V. Illá	A morte dorme	W.S.	313
I. Kalynéts	Aqueles dois	W.S.	314
I. Kalynéts	Preparemos canoas	W.S.	315
I. Kalynéts	Vento	W.S.	315
I. Kalynéts	Chuvazinha	W.S.	316
I. Stassiw-Kalynét	Quando adormece	W.S.	318
I. Stassiw-Kalynét	A quem confessam árvores	W.S.	318
I. Stassiw-Kalynéts	Escuto o canto	W.S.	319
I. Sokulsky	Revolta a estepe	W.S.	320
R. Lubkiwsky	Dormitam as marés	W.S.	321
R. Lubkiwsky	Soleira	W.S.	322
I. Jylenko	Cantiga de São João	W.S.	323
I. Jylenko	Versos-violetas 4	W.S.	324
I. Jylenko	Auto-retrato	W.S.	324
I. Jylenko	Jacinto azul	W.S.	326
M. Vorobiów	Com as facas de cinco dedos	W.S.	327

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Página</b>
M. Vorobiów	Dia breve	W.S.	328
M. Vorobiów	O corcel branco	W.S.	328
M. Vorobiów	A terra e o homem	W.S.	329
M. Ghorbal	Voaram pássaros	W.S.	330
M. Ghorbal	No campo há ervas	W.S.	330
M. Ghorbal	Sentir através da migalha	W.S.	331
M. Ghorbal	Conhecido pelo mundo	W.S.	331
R. Lycha	A lua choca	W.S.	332
R. Lycha	Noite barroca	W.S.	332
R. Lycha	A casa em grinalda	W.S.	333
V. Ruban	O corvo na neve	W.S.	334
V. Ruban	Tu – igreja	W.S.	334
M. Tsarynyk	Na grande boca do céu	W.S.	336
V. Gholoborod'ko	Com olhar enamorado	W.S.	337
V. Gholoborod'ko	Será ouro no ouro	W.S.	338
V. Gholoborod'ko	O sétimo da corrente	W.S.	338
S. Iovenko	Eu te escrevo uma carta	W.S.	340
L. Skyrda	No abraço da Recessão	W.S.	342
M. Fichbein	Minhas palavras voam	W.S.	345
V. Kordún	Distância na estrada	W.S.	346
V. Kordún	Visitas nas pegadas	W.S.	347
V. Kordún	Mirabile dictu	W.S.	348
S. Maidanska	Coram os dias	W.S.	350
S. Maidanska	Árvore no litoral do mar	W.S.	351
S. Maidanska	Carta 50	W.S.	351
R. Babovál	Expatriados	W.S.	352
R. Babovál	Voas voas	W.S.	352
R. Babovál	Ninguém duvida	W.S.	353
T. Zariwna	Por aqui se divertia	W.S.	354
T. Zariwna	A velhinha canta	W.S.	355
I. Makaryk	Paixão	W.S.	356
L. Tarnachynska	Cinzas	W.S.	357
N. Bilotserkivets	Insônia	W.S.	358
N. Bilotserkivets	A maçã	W.S.	359
N. Bilotserkivets	Vivaldi	W.S.	359
N. Stepula	Khersones	W.S.	361
V. Gherassymyúk	Diante de ti	W.S.	362
V. Gherassymyúk	No templo	W.S.	363
O. Pakhlowska	Sou feliz	W.S.	364
I. Rymarúk	Chuvus	W.S.	365
I. Rymarúk	Oh, c'est toute une histoire	W.S.	366
T. Karabowytch	O dia acabou	W.S.	368
T. Karabowytch	Calam-se ventos	W.S.	368

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Página</b>
O. Dyak	A sós com a natureza	W.S.	370
O. Dyak	Sob as asas do pássaro	W.S.	371
M. Revakovyth	A mãe bordava	W.S.	372
M. Revakovyth	Enamorados dispensam	W.S.	373
M. Revakovyth	Ensino do camponês	W.S.	373
O. Zabujko	Se és – meu Deus!	W.S.	374
O. Zabujko	E mesmo assim	W.S.	374



PRINTED IN BRAZIL

A 21408



6/66



9 788561 473136